

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

Noemi Teles de Melo

**TEXTO E CONTEXTO NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS:  
A TRADUÇÃO EM SALA DE AULA DE LE**

Florianópolis  
2012





**NOEMI TELES DE MELO**

**TEXTO E CONTEXTO NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS:  
A TRADUÇÃO EM SALA DE AULA DE LE**

Dissertação submetida ao programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Meta Elisabeth Zipser

Florianópolis  
2012

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da  
Universidade Federal de Santa Catarina

Melo, Noemi Teles de  
    Texto e contexto na construção de sentidos [dissertação]  
: a tradução em sala de aula de LE / Noemi Teles de Melo ;  
orientadora, Meta Elisabeth Zipser - Florianópolis, SC,  
2012.  
    154 p. ; 21cm

    Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-  
Graduação em Estudos da Tradução.

    Inclui referências

    1. Estudos da Tradução. 2. Tradução. 3. Funcionalismo. 4.  
Ensino de Línguas. I. Zipser, Meta Elisabeth. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-  
Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

**Noemi Teles de Melo**

**TEXTO E CONTEXTO NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDO: A  
TRADUÇÃO EM SALA DE AULA DE LE**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de  
“Mestre em Estudos da Tradução”, e aprovada em sua forma final pelo  
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Florianópolis, 01 de junho de 2012.

---

Banca Examinadora:

---

Profª Drª Meta Elisabeth Zipser  
(Orientadora)

---

Profª Drª Maria Tereza Nunes Marchesan  
(UFSM)

---

Profª Drª Raquel Carolina Souza Ferraz D'Ely  
(PGI/UFSC)

---

Profª Drª Maria José Roslindo Damiani Costa  
(PGET/UFSC)



*Ao meus pais – Anibal e Gilsélia*



## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais – Anibal e Gilsélia – pelo incentivo que sempre me deram para seguir meu caminho e também pela minha formação como ser humano.

À minha orientadora Meta Zipser, por ter me acolhido e apoiado durante todo o período do Mestrado, muito obrigada!

À Maria José Damiani Costa, por ter acreditado em mim já no início da graduação do curso de Letras Espanhol e por ter me dado a oportunidade de aprender e crescer no meio acadêmico. Obrigada por tudo!

Ao meu marido Wagner Dantas, pelo amor, companherismo e pelas palavras de incentivo que me deram força para seguir adiante com a pesquisa.

Às minhas amigas queridas, Camila Saldanha e Maria José Laiño, pela amizade e pelo apoio nos momentos difíceis. Obrigada, meninas!

Aos colegas do TRAC, pelas valiosas discussões em grupo e pelo aprendizado em conjunto.

Aos alunos do Curso de Letras Espanhol da UFSC do semestre 2010-2 pela participação voluntária nesta pesquisa.

À CAPES pelo apoio financeiro.

A todos que, de maneira direta ou indireta, me apoiaram para a realização deste trabalho.





## RESUMO

Esta pesquisa está inserida na interface tradução e ensino de línguas e tem como objetivo propor uma releitura do modelo funcionalista de tradução de Christiane Nord (1991) para a sala de aula de língua estrangeira (LE). Segundo a autora, a tradução é uma atividade intercultural na qual estão envolvidos uma série de elementos extralinguísticos que o tradutor deve considerar no momento de traduzir. Entre tais fatores, Nord destaca a figura do destinatário e também o propósito da tradução, isto é, o tradutor precisa saber para quem escreve como também qual é a finalidade do texto-alvo. Dessa maneira, para Nord, a tradução não é operação de transcodificação linguística na qual se passa um texto de uma língua para outra como se fosse uma atividade de equivalência, mas sim um processo complexo no qual o tradutor deve sempre levar em consideração que o texto não pode ser entendido isolado do seu entorno cultural. Com base nesse aporte teórico, aplicou-se um experimento no segundo semestre de 2010 com alunos do Curso de Letras Espanhol da Universidade Federal de Santa Catarina para testar como os estudantes reagiriam à prática de tradução em duas situações diferentes: o grupo experimental, chamado de grupo A, recebeu apoio da teoria funcionalista para traduzir dois textos do espanhol para o português e o grupo de controle, chamado de grupo B, realizou a mesma tarefa de tradução sem apoio do funcionalismo. A partir das análises realizadas, notou-se que o grupo A demonstrou maior preocupação em elaborar textos que fossem culturalmente reconhecidos pelo seu público-alvo, respeitando assim, o entorno cultural onde o texto circularia. Já o grupo B apresentou traduções literais, revelando uma preocupação em manter todas as informações contidas no texto-fonte, isto é, o foco recaiu somente em questões linguísticas. Com isso, objetivamos salientar a importância de se considerar a língua e a cultura como elementos indissociáveis no processo tradutório.

**Palavras-chave:** Tradução. Funcionalismo. Ensino de línguas. Cultura



## RESUMEN

Esta investigación trata sobre traducción y enseñanza de lenguas y tiene como objetivo proponer una relectura del modelo funcionalista de traducción de Christiane Nord (1991) para la clase de lengua extranjera (LE). Según la autora, la traducción es una actividad intercultural en la cual está involucrada una variedad de elementos extralingüísticos que el traductor debe considerarlos en el momento de traducir. Entre tales factores, Nord señala la figura del destinatario y el propósito de la traducción, o sea, el traductor necesita saber para quien escribe como también cuál es la finalidad del texto-meta. De esta manera, para Nord, la traducción no es una operación de transcodificación lingüística en la cual se transfiere un texto de una lengua para otra como si fuera una actividad de equivalencia, sino todo al contrario, ya que es un proceso complejo en que el traductor debe siempre considerar que el texto no puede ser entendido aislado de su entorno cultural. Basado en este aporte teórico, se aplicó un experimento en el segundo semestre de 2010 con alumnos de la carrera de Letras Español de la Universidad Federal de Santa Catarina para probar como los estudiantes reaccionarían a la práctica de traducción en dos situaciones distintas: el grupo experimental, llamado grupo A, recibió apoyo de la teoría funcionalista para traducir dos textos del español al portugués y el grupo de control, llamado grupo B, realizó la misma tarea de traducción pero sin el apoyo del funcionalismo. A partir de los análisis realizados, se notó que el grupo A demostró mayor preocupación en elaborar textos que fueran culturalmente reconocidos por su público-meta, respetando así, el entorno cultural. Sin embargo, el grupo B presentó traducciones literales, revelando de esa manera, una preocupación en mantener todas las informaciones que traía el texto-base, o sea, el foco ha sido en cuestiones lingüísticas. Con eso, se tiene como objetivo señalar la importancia de considerarse la lengua y la cultura como elementos indisociables en el proceso tradutorio.

**Palabras-clave:** Traducción. Funcionalismo. Enseñanza de lenguas. Cultura



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO 1 – LÍNGUA, CULTURA E TRADUÇÃO .....</b>	<b>22</b>
1. 1 Tradução e ensino de línguas.....	24
1.2 A proposta funcionalista de Christiane Nord.....	31
1.3 Tradução na sala de aula de LE.....	38
1.4 Contribuições de Bakhtin e Marcuschi: a linguagem como prática social.....	41
<b>CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA.....</b>	<b>46</b>
2.1 Perfil dos participantes .....	48
2.2 Descrição dos textos-fonte.....	53
2.2.1 Texto 1 – <i>La Plataforma se hunde en el Golfo</i> (Anexo II).....	53
2.2.2 Texto 2 – <i>Agua – Consejos para su ahorro</i> (Anexo II).....	55
2.3 Parte prática: a tradução dos textos.....	56
<b>CAPÍTULO 3 – DISCUSSÃO DOS DADOS .....</b>	<b>61</b>
3.1 Análise das traduções do texto - <i>La plataforma se hunde en el Golfo</i> – Grupo A (Anexo III).....	61
3.2 Análise das traduções do texto – <i>La plataforma se hunde en el Golfo</i> – Grupo B (Anexo IV).....	68
3.3 Análise do trecho <i>Baño</i> do texto <i>Agua – consejos para su ahorro</i> - Grupo A (Anexo III).....	71
3.4 Análise do trecho <i>Baño</i> do texto <i>Agua – consejos para su ahorro</i> - Grupo B (Anexo IV).....	83
3.5 Análise do trecho <i>Jardín</i> do texto <i>Agua – consejos para su ahorro</i> - Grupo A (Anexo III).....	87
3.6 Análise do trecho <i>Jardín</i> do texto <i>Agua – consejos para su ahorro</i> - Grupo B (Anexo IV).....	96
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>100</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>104</b>

<b>ANEXO I – QUESTIONÁRIO APLICADO ANTES DA ATIVIDADE DE TRADUÇÃO – GRUPOS A E B.....</b>	<b>108</b>
---	------------

<b>ANEXO II - TEXTOS-FONTE.....</b>	<b>115</b>
-------------------------------------	------------

Texto-fonte 1: <i>La Plataforma se hunde en el Golfo</i> .....	115
--	-----

Texto-fonte 2: <i>Agua – Consejos para su ahorro</i> .....	117
--	-----

<b>ANEXO III – TRADUÇÕES DO GRUPO A.....</b>	<b>118</b>
--	------------

Texto: <i>La Plataforma se hunde en el Golfo</i> .....	118
--	-----

Texto: <i>Agua – Consejos para su ahorro</i> .....	123
--	-----

<b>ANEXO IV – TRADUÇÕES DO GRUPO B.....</b>	<b>129</b>
---	------------

Texto: <i>La Plataforma se hunde en el Golfo</i> .....	129
--	-----

Texto: <i>Agua – Consejos para su ahorro</i> .....	137
--	-----

<b>ANEXO V – QUESTIONÁRIO APLICADO APÓS AS TRADUÇÕES.....</b>	<b>147</b>
---	------------

Respostas do Grupo A.....	147
---------------------------	-----

Respostas do Grupo B.....	150
---------------------------	-----

## **Introdução**

Nos últimos vinte anos, os Estudos da Tradução vêm construindo interfaces com diversas áreas de conhecimento e com isso tem surgido também diferentes linhas teóricas. Neste trabalho compartilhamos da concepção funcionalista proposta por Nord (1991), em que a tradução é considerada uma atividade intercultural e sempre voltada ao leitor de chegada. A tradução segundo essa perspectiva é tratada como uma “representação cultural” (ZIPSER, 2002), em que o texto não é considerado somente um conjunto de códigos linguísticos, uma vez que em sua elaboração estão presentes, inevitavelmente, marcas culturais que o identifica e ao mesmo tempo o difere de outros textos elaborados em contexto distinto. Em outras palavras, cada texto é produzido dentro de um determinado entorno histórico-cultural e, portanto, apresentarão marcas culturais reconhecidas por aquele contexto. E sendo assim, ao traduzi-lo não se pode ignorar o fato de que será elaborado para outro entorno cultural e terá também outros leitores diferentes do texto-fonte. Isso significa dizer, que dentro da perspectiva funcionalista há diversos fatores a serem observados e a tradução não se resume a um processo estritamente linguístico.

No âmbito do ensino de línguas estrangeiras (LE), quando se aborda o tema de tradução suscita em muitos professores certo receio motivado pela imagem negativa herdada da Abordagem Gramática-Tradução, que propunha atividades mecânicas de traduzir listas de palavras como também textos literários. E pode ser por esta razão que muitos professores ignoram o uso da tradução em sala de aula por acreditarem que tal habilidade não é benéfica para os estudantes.

Segundo Bassnett (2003), a tradução quando se restringe somente à transcodificação linguística, consiste numa atividade pautada em “transportar” signos linguísticos inseridos num determinado contexto para outro conjunto de signos linguísticos com a ajuda de dicionários e manuais de gramática, sem levar em consideração neste processo os diversos fatores extralinguísticos envolvidos. Mas, não podemos conceber o significado de um texto ou de uma palavra de forma isolada, pois estão inseridos numa determinada cultura e sendo assim é necessário levar em consideração o seu contexto histórico-social

no momento de traduzir.

O que se observa nas diferentes abordagens de LE, que será tratado no capítulo 1, é que essa perspectiva se manteve durante muito tempo e com o surgimento de outras abordagens, a tradução foi perdendo seu espaço no cenário de ensino de línguas, principalmente com a chegada da abordagem comunicativa.

Como professora de LE sempre me questioneei sobre o uso da tradução em sala de aula. De um lado, compartilhava da crença que trabalhar com tradução não era pertinente, já que poderia criar uma certa dependência e interferência da língua materna, resultando assim, numa atividade prejudicial no processo de aprendizagem da LE. Por outro lado, por não compartilhar do conceito de tradução “palavra por palavra” e por não ter claro quais eram meus objetivos e propósitos com o uso de tal habilidade, apenas a usava ocasionalmente na modalidade oral para esclarecer dúvidas sobre conteúdos e questões culturais sobre a LE, sobretudo nos níveis iniciais. Portanto, não trabalhava com tradução efetivamente em sala de aula pois na verdade não tinha um conceito claro desta habilidade como também desconhecia os benefícios dessa prática no processo de aprendizagem de LE. É justamente nesse ponto que a professora e tradutora espanhola da Universidade de Barcelona Hurtado Albir (1999, p.16) critica a visão tradicional da tradução quando ressalta que “não há propostas de objetivos pedagógicos (para quê) e de critérios metodológicos (como)”<sup>1</sup> (minha tradução). Para Hurtado Albir (1999), uma visão tradicional da tradução está relacionada diretamente como uma didática tradicional de línguas em que as práticas pedagógicas concebem o ensino da tradução como uma recompilação de textos sem critérios de seleção, com traduções anotadas ou comentadas e reduzindo esses comentários exclusivamente a questões linguísticas (especialmente léxicas e gramaticais). A autora ressalta que esta concepção de tradução traz algumas insuficiências pedagógicas, como por exemplo: (i) falta de definição de objetivos de aprendizagem: se propõe questões do tipo linguístico e teórico, porém não se estabelece objetivos relacionados com as dificuldades de aprender a traduzir; (ii) polarização nos resultados: não há indicações suficientes para que o

1 No hay un planteamiento de objetivos pedagógicos (*para qué*) y de criterios metodológicos (*cómo*).



estudante possa adquirir um método de trabalho e assim desenvolva uma capacidade em resolver problemas de tradução; (iii) falta de metodologia própria: não há critérios de seleção de textos e atividades que proporcionem uma progressão no aprendizado da tradução (HURTADO ALBIR, 1999).

Diante dessa perspectiva apresentada pela autora, a tradução acaba se tornando uma atividade focada em questões linguísticas já que não há discussões sobre o que é traduzir, para quem se traduz, qual é o objetivo da tradução, ou seja, não se discute sobre os fatores que envolvem todo processo tradutório e como consequência não consegue promover uma ampliação sobre o conceito de tradução.

Foi a partir destes questionamentos que surgiu a motivação para esta pesquisa, ou seja, das minhas próprias dúvidas e crenças com relação ao uso da tradução em sala de aula de LE como também das discussões promovidas pelo grupo de pesquisa TRAC – Tradução e Cultura<sup>2</sup> – do qual participo, e que tomei conhecimento de um conceito de tradução mais abrangente que prioriza a situação comunicativa em detrimento dos elementos linguísticos. De acordo com essa concepção, a tradução é concebida como uma atividade intercultural em que o tradutor atua como mediador entre a cultura do texto-fonte e a cultura do texto a ser traduzido. Sob essa ótica, os elementos extralinguísticos, como por exemplo: quem é o leitor do texto e em que cultura está inserido, o que este leitor conhece sobre o tema do texto, qual é o gênero textual escolhido para veicular a mensagem, entre outros, são fundamentais para a elaboração do texto-alvo, pois será a partir desses fatores que o tradutor poderá criar estratégias para que possa criar um texto que se aproxime as expectativas do seu leitor.

Como se pode observar, este conceito de tradução apresenta uma visão mais ampliada que a concepção tradicional, apontado pelas autoras Hurtado Albir (1999) e Bassnett (2003), em que se prioriza apenas a transferência de códigos linguísticos.

Sendo assim, a proposta desta pesquisa é conscientizar alunos de língua estrangeira (LE) de que traduzir não é apenas passar um texto, seja

---

2 Coordenado pelas professoras Meta Elisabeth Zipser e Maria José Damiani Costa do DLLE/UFSC - Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina.

escrito ou oral, de uma língua para outra. Há uma série de fatores que envolvem o processo tradutório e que devem ser levados em consideração para que se possa criar textos funcionais, isto é, que comuniquem com o leitor-alvo. Para alcançar o objetivo geral desta pesquisa foi proposto uma releitura do modelo funcionalista de Nord (1991) à aplicação da prática de tradução em sala de aula de LE .

Diferentemente da concepção de tradução como transposição linguística, o funcionalismo propõe uma análise bastante minuciosa dos fatores extratextuais antes de partir para a tradução propriamente dita, ou seja, trata-se de um modelo prático-teórico que proporciona uma reflexão acerca das variáveis existentes no processo tradutório.

O material de análise desta pesquisa está constituído de traduções do espanhol para o português realizadas por alunos da 6ª e 8ª fases do Curso de Graduação em Letras Espanhol da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Os estudantes foram divididos em dois grupos (A e B), em que o grupo A realizou as traduções sob a perspectiva funcional de Nord; e o grupo B realizou as traduções de forma tradicional, apenas com a ajuda de dicionários.

Tendo em vista que os elementos extralinguísticos, como por exemplo, o destinatário e o seu contexto social, o tipo de texto e o meio de divulgação, são fatores determinantes na tradução segundo os pressupostos da Teoria Funcionalista de Nord, a hipótese desta pesquisa é que a falta de consideração destes elementos no processo tradutório poderá interferir na elaboração do texto final e com isso pode colocar em risco a comunicação com o leitor-alvo. Em outras palavras, se ao traduzir apenas existe uma preocupação em priorizar os elementos linguísticos, como por exemplo, manter toda a informação contida no texto original e ser “fiel” às palavras do autor, o tradutor corre o risco de criar um texto inadequado ao seu público leitor, já que este por estar inserido em outra cultura não necessariamente possui os mesmos conhecimentos prévios do leitor do texto-fonte.

Sendo assim, se o aluno/tradutor não considerar fatores como: quem é o emissor, quem é o seu leitor, qual o propósito do texto-alvo, é provável que faça uma tradução palavra por palavra, a chamada tradução literal. Dessa forma, o propósito da tradução, que é a comunicação com o leitor final poderá ser prejudicado, pois como dito

anteriormente, o fato deste leitor estar inserido em um ambiente cultural distinto talvez não compartilhe dos mesmos conhecimentos prévios da cultura de partida e se a tradução for realizada literalmente poderá colocar em risco a compreensão por parte do leitor final.

Dessa maneira, a pesquisa tem como objetivos específicos:

- Conscientizar e sensibilizar os alunos de LE de que a tradução não é uma atividade meramente de transposição linguística
- Reforçar que a prática de tradução em sala de aula de LE é uma habilidade que pode promover a interculturalidade e assim ampliar os conceitos de língua e cultura dos alunos
- Colaborar na consolidação da interface tradução e ensino de línguas bem como contribuir para futuras pesquisas nessa área.

Para que o leitor possa se localizar, a seguir apresento como está estruturado o trabalho. O Capítulo I apresenta as relações existentes entre Língua, Cultura e Tradução; Tradução e o ensino de línguas. Apresenta também o embasamento teórico apoiado no modelo funcionalista na tradução proposto por Christiane Nord (1991); a Tradução e a sala de aula de LE e a contribuição de Bakhtin (1997; 2006) no que diz respeito à concepção de linguagem e gêneros textuais. A metodologia será abordada no capítulo II. As discussões dos dados serão tratados no Capítulo III. Por último, as considerações finais abordam os principais aspectos citados nos capítulos anteriores com foco na importância e no papel que a tradução ocupa no ensino de LE.

## Capítulo 1 – Língua, cultura e tradução

Quando se fala em tradução inevitavelmente é preciso falar de língua e cultura, já que são elementos que estão totalmente envolvidos em todo e qualquer processo tradutório. Mas afinal, o que se entende por cultura? Abaixo uma há definição do etnologista americano Goodenough, da qual compartilhamos neste trabalho.

A cultura de uma sociedade consiste de tudo o que precisamos saber ou em que precisamos acreditar a fim de agirmos de modo aceitável para os membros dessa sociedade, e a fim de, assim procedendo, desempenharmos um papel que eles aceitaram para qualquer um de si. (...) A cultura não é um fenômeno material; ela não consiste de coisas, pessoas, comportamentos ou emoções. Cultura é, antes, uma organização dessas coisas. Assim, as coisas que as pessoas dizem ou fazem, seus acordos sociais e eventos, são produtos ou sub-produtos de sua cultura, à medida que elas os aplicam com vistas a perceber e a lidar com as circunstâncias. (GOUDENOUGH, 1964 apud AZENHA, 1999, p. 28).

Partindo do pressuposto de que a cultura de um povo se constitui por regras e convenções criadas a partir de suas crenças, tradições e de seu ambiente social, político, econômico, entre outros fatores, não se pode excluir o fato de que a língua, de certa forma, é uma “representação” ou “manifestação” dessa cultura. Isto que dizer que um texto produzido num determinado contexto cultural não deve ser lido e compreendido apenas como um sistema linguístico abstrato isento de marcas culturais que o caracteriza e o define.

Segundo Sapir, 1956, apud Bassnett, 2003, p. 36: “Nenhum par de línguas é suficientemente similar para que se possa considerar que representam a mesma realidade social. Os mundos em que vivem diferentes sociedades são mundos distintos, não apenas o mesmo mundo com rótulos diferentes”.

Sob essa mesma perspectiva, Bassnett (2003) afirma que a tradução não é um ato isolado, é parte de um processo contínuo de transferência intercultural carregada de significados em todas as suas fases e raramente envolve relação de igualdade entre textos, autores ou sistemas. A autora ressalta que não há como separar língua e cultura, visto que são elementos que interagem e não devem ser concebidos isoladamente. Sendo assim, Bassnett afirma:

“A língua é, assim, o coração do corpo da cultura, e é a interação entre as duas que assegura a continuação da energia vital. Do mesmo modo que o cirurgião não pode, ao operar o coração, descurar o corpo que o contém, também o tradutor não pode tratar o texto separado da cultura sem correr um grande risco”(BASSNETT, 2003, p. 36).

Assim como os autores citados, Azenha (1999) também compartilha desta concepção, isto é, afirma que a tradução pautada apenas em uma atividade de operação linguística, não consegue dar conta da complexidade que é o processo tradutório. Segundo o autor, a tradução se realiza através da linguagem e, sendo assim, a língua deve ser vista “como um elemento integrante de uma cultura, como uma de suas formas de manifestação mais poderosas, e não como um fenômeno isolado, suspenso num vácuo” (SNELL-HORNBY, 1988, apud AZENHA, 1999, p. 28).

Sobre a relação da língua com a cultura, Umberto Eco (2007) ressalta que uma mesma forma linguística quando declarada em contextos culturais distintos pode adquirir significados diferentes, como mostra o exemplo abaixo:

As palavras *coffe*, *café*, *caffè* podem ser consideradas razoavelmente sinônimas só quando se referem a uma certa planta. Mas as expressões *donnez-moi un café*, *give me a coffe*, *mi dia un caffè* (certamente equivalentes de um ponto de vista linguístico, bons exemplos de enunciados que veiculam a mesma posição) não são

culturalmente equivalentes. Enunciadas em países diversos, produzem efeitos diversos e referem-se a usos diversos. Elas produzem histórias diferentes. (ECO, 2007, p. 197).

Se pensarmos no contexto brasileiro, por exemplo, o enunciado *Precisamos tomar um café* quando declarada entre duas pessoas que há tempos não se encontram, muito provavelmente esta frase adquiriria o sentido de *Precisamos conversar*. O *café*, então, seria apenas uma desculpa para que ocorresse efetivamente o encontro entre os interlocutores. A partir destes exemplos, nota-se que apenas conhecer os signos linguísticos não é suficiente para poder compreender o enunciado, ou seja, é preciso conhecer também o universo cultural no qual o enunciado se insere.

Na próxima seção discorro sobre a relação do uso da tradução e o ensino de línguas e em que medida essa habilidade foi tratada em sala de aula.

## 1. 1 Tradução e ensino de línguas

Esta seção tem como objetivo principal revisitar brevemente algumas das principais abordagens de ensino de LE com o intuito de verificar quais eram as concepções de língua que se apresentavam em cada um delas e também verificar qual era o papel da tradução neste cenário.

Primeiramente para se referir às diversas maneiras de se ensinar uma LE é necessário fazer uma ressalva com relação às terminologias ‘método e abordagem’ que não são consensuais entre os estudiosos, havendo portanto, muitas variações de conceitos.

Segundo Almeida Filho (1993) o termo abordagem refere-se aos conceitos e crenças acerca da natureza da linguagem humana, dos processos de ensino e aprendizagem como também dos papéis que desempenham aluno e professor diante desse processo. Em outras palavras pode-se dizer que a abordagem é uma filosofia de trabalho capaz de orientar as decisões do professor; é o porquê de ensinar o que se ensina e

do modo como se faz. Já o método está relacionado com o planejamento de atividades, os materiais de ensino produzidos e as formas de avaliação do desempenho dos aprendizes.

Como nesta seção o foco recai sobre as variadas concepções acerca da língua ao longo da história de ensino-aprendizagem de LE, optei por utilizar o termo “abordagem”.

Segundo Leffa (1988), a abordagem Gramática-Tradução foi a que mais perdurou na história do ensino de línguas e surgiu na época do Renascimento especificamente para o ensino do grego e do latim, em que se pretendia ensinar a LE através de textos literários. Seus principais objetivos consistiam na fixação de estruturas gramaticais, memorização de listas de vocabulário e a tradução era vista meramente como uma transposição de palavras de uma língua para outra. Esse tipo de abordagem foi e ainda é muito criticado pelo fato de conceber a língua apenas como um conjunto de regras, em que se traduz normalmente frases isoladas sem a preocupação de localizar e identificar o contexto no qual estão inseridas, isto é, não se considera no momento de traduzir os elementos extralinguísticos presentes em qualquer tipo de texto, seja escrito ou oral.

Hurtado Albir em seu livro *Enseñar a traducir* (1999), afirma que trabalhar com esse conceito de tradução que apenas se preocupa em traduzir palavras desconsiderando o seu contexto, não é benéfico para o estudante, pois uma vez que se apresentam equivalências de palavras fora do seu contexto, deixa de proporcionar ao estudante a tentativa de descobrir a palavra pelo contexto como também pode bloquear o acesso a outros significados possíveis. Sendo assim, o aluno acaba por memorizar tais palavras acreditando que sua tradução funcionará sempre independentemente do contexto. Isso pode levá-lo a pensar que para traduzir basta apenas ter conhecimentos linguísticos e ter em mãos um dicionário bilingue. A autora ressalta também que com esse tipo de abordagem, a tradução acaba tornando-se um mecanismo para tratar unicamente de dificuldades léxicas e morfosintáticas em que o professor apresenta uma solução “correta” ao aluno e não fomenta a discussão sobre o que é traduzir e quais os elementos que estão envolvidos neste processo. Portanto, não proporciona ao estudante pensar e refletir sobre o texto como um todo, como uma prática social

que está inserida numa determinada cultura e que todas essas variáveis serão determinantes na elaboração do texto-alvo.

Na abordagem Direta, a língua materna (LM) e a tradução foram totalmente abolidas da sala de aula, já que nesta abordagem o aluno deveria apenas receber *input* linguístico em LE e a comunicação se dava através de gestos e gravuras em que o estudante era estimulado a “pensar” na LE (LEFFA, 1988). A tradução volta a aparecer ocasionalmente com a abordagem de Leitura surgido nos Estados Unidos na década de 1930, mas repete-se a perspectiva tradicional em que o contexto sociocultural não representa um fator relevante.

A abordagem Audiolingual, criada no período da Segunda Guerra Mundial para que os soldados do exército estadunidense pudessem aprender a língua de seus inimigos, é, segundo Leffa (1988) uma reedição da abordagem Direta, visto que apresenta características bastante semelhantes, como por exemplo: priorizava-se o uso da LE em sala de aula, sobretudo na modalidade oral; reforçava-se bastante o contraste entre as línguas e as atividades eram elaboradas com o intuito de minimizar os erros dos estudantes no que diz respeito às diferenças entre a LM e LE, já que se acreditava que o aluno não aprende cometendo erros; dava-se também muita ênfase à forma em detrimento do conteúdo, ou seja, o aluno era estimulado a repetir frases gramaticalmente “corretas” e o significado não era relevante no processo.

Com a chegada da abordagem Comunicativa, que teve seu auge na década de 80, houve uma inovação nesse cenário visto que tal abordagem concebe a língua como um conjunto de eventos comunicativos e prioriza atividades baseadas em situações reais de uso de língua, dando bastante ênfase na competência comunicativa, razão pela qual potencializa o processo de aprendizagem, tornando-o mais significativo para o aluno (Leffa, 1988).

Segundo Sánchez (1997), a abordagem comunicativa somente se desenvolveu a partir da pragmática que preza pelo uso da língua e não por uma formalização teórica abstraída da realidade. De acordo com esta perspectiva, a língua se apresenta não como um sistema mas sim como um meio que propicia a comunicação interpessoal. Sendo assim, a prioridade está no processo comunicativo e nas relações existentes entre



os sujeitos que nele interagem. Portanto, não há um interesse prioritário em analisar o sistema formal da língua que poderia trazer um maior conhecimento do sistema abstrato e formalizado, uma vez que formular enunciados gramaticalmente corretos não é o mais importante, pelo contrário, pois o que interessa para a pragmática é produzir enunciados socialmente apropriados a cada processo comunicativo. Como consequência, a língua analisada sob essa visão se torna eminentemente um instrumento com funções comunicativas determinadas e fora de uso carece dessa funcionalidade e também de sentido. Outro ponto relevante a ressaltar é que não há uma busca por uma língua “ideal” e sim para um estudo da língua real (Sánchez, 1997).

Sánchez (1997, p. 198) destaca algumas características próprias da comunicação:

(i) quando nos comunicamos através da língua, seja oralmente ou por escrito, tratamos sempre de dizer algo a alguém e sendo assim, a transmissão de conteúdo é mais importante que a forma; (ii) o processo comunicativo nunca acontece de forma isolada e sim dentro de um contexto ou situação que contribui para a compreensão das mensagens trocadas mediante os elementos extralinguísticos que o distinguem; (iii) a comunicação entre dois ou mais interlocutores se estabelece por algum motivo ou interesse; não é comum iniciar-se um evento comunicativo sem motivações reais; (iv) para que ocorra um processo comunicativo entre dois ou mais interlocutores é necessário que haja um código pré-estabelecido, que neste caso, é a gramática, que vista dessa maneira é um meio para concretizar os fins comunicativos e não um fim em si mesmo (minha tradução)<sup>3</sup>

---

3 a. En la comunicación mediante el lenguaje tratamos siempre *de decir algo a alguien*, sea oralmente o por escrito. El énfasis reside siempre, por tanto, en el contenido; b. El proceso comunicativo nunca se da aisladamente sino dentro de un contexto o situación. Dicho contexto no tiene una mera función de «adorno»: contribuye también al proceso facilitando la comprensión de los mensajes intercambiados mediante los elementos extralinguísticos que lo distinguen; c. La comunicación entre dos o más interlocutores se establece

Esta última característica aponta para um fator essencial que diferencia o enfoque comunicativo dos outros enfoques citados anteriormente, uma vez que o ensino da gramática não é o elemento centralizador do processo de aprendizagem de uma língua, como acontecia na abordagem gramática-tradução, por exemplo. Na abordagem comunicativa, a gramática é tratada como um elemento integrador, um recurso que permite ao usuário da língua integrar léxico e contexto para se comunicar.

Como se pode observar, há diferenças claras entre as concepções de língua que sustentam as diversas abordagens citadas e o enfoque comunicativo. De um lado, a língua era vista como um sistema e ter competência linguística<sup>4</sup> significava apenas possuir conhecimentos gramaticais de uma língua e não se considerava o contexto social em que ocorria o evento comunicativo. Em outras palavras, se negava o caráter social da língua e existia uma preocupação muito grande com a forma em detrimento de seu uso. Havia também uma limitação em analisar a frase como unidade linguística ao invés de tomar o texto como todo, não considerando, portanto, a língua como resultado de uma interação social humana (Sánchez, 1997).

Canale e Swain (1980, apud CARBONELL, 2010) concebem a competência comunicativa como um conjunto das quatro competências citadas abaixo e que se interrelacionam entre si:

- (i) competência linguística (domínio do código linguístico);
- (ii) competência sociolinguística (adequação do enunciado ao conteúdo e à forma);
- (iii) competência discursiva (capacidade para combinar estruturas e os significados no

---

sempre por alguma razón o interés. No suele iniciarse un proceso comunicativo sin motivaciones reales; d. El proceso comunicativo tiene lugar porque los interlocutores se atienen al código de señales o signos preestablecidos. Ese código recibe genericamente el nombre de *gramática*. La gramática así concebida es un medio para lograr los fines comunicativos, pero no un fin en sí mismo.

4 “Competência linguística” :termo citado pela primeira vez por Chomsky em 1957 (CARBONELL, 2010)

desenvolvimento de um texto escrito ou oral); (iv) competência estratégica (domínio de estratégias comunicativas de caráter verbal e não-verbal utilizadas para compensar as deficiências na comunicação e para torná-la mais eficaz) (minha tradução)<sup>5</sup> (1980, apud CARBONELL, 2010, p. 3)

Tal definição aponta para um conhecimento das estruturas linguísticas associado às exigências do contexto, havendo, portanto, uma adequação das estratégias efetivas para iniciar, desenvolver e finalizar a comunicação (Carbonell, 2010). Há também uma importante contribuição do linguista Van Ek (1976, apud CARBONELL, 2010) que propõe a competência sociocultural que é a habilidade de compreender o significado cultural que está “por trás” das formas linguísticas e de estabelecer distinções entre as variadas culturas. Segundo o autor, cada língua se situa em um determinado contexto sociocultural e isso implica o uso de certas convenções sociais que muitas vezes podem ser diferentes do aprendiz de LE e sendo assim, é necessário que este aprendiz se aproxime desse contexto cultural e possa inserir-se cada vez mais no universo do Outro.

Como se pode observar, esta breve retomada das principais abordagens de ensino de LE e de seus respectivos pressupostos teóricos, nos mostra que o conceito de tradução que perdurou durante muito tempo e que, muito provavelmente ainda permanece, apresenta uma visão estruturalista, considerando a língua como um conjunto de códigos linguísticos com suas respectivas regras e a tradução nada mais significa que transpô-los literalmente para outra língua, buscando ser o mais fiel possível ao chamado “texto original”. Este tipo de concepção desvincula o texto de seu entorno cultural, de seu contexto de produção, ou seja, desconsidera os fatores que estão envolvidos neste processo, como por

---

5 (...) la competencia lingüística (referida al dominio del código lingüístico), la competencia sociolingüística (referida a la adecuación del enunciado al contenido y la forma), la competencia discursiva (referida a la capacidad para combinar las estructuras y los significados en el desarrollo de un texto oral o escrito), y la competencia estratégica (referida al dominio de estrategias comunicativas de carácter verbal y no-verbal utilizadas para compensar las deficiencias en la comunicación y para hacerla más eficaz).

exemplo, momento histórico, político, social onde o texto foi produzido. O texto, na verdade, deve ser visto como uma prática social, como uma parte integrante do mundo e não como uma mostra isolada da linguagem. E então podemos nos perguntar: Por que a tradução deveria ser vista de maneira diferente? Por que tratá-la simplesmente como uma mera transcodificação de palavras de uma língua para outra e não considerá-la como uma produção textual? Por que banir a tradução no ensino de línguas, já que pode ser uma excelente habilidade para trabalhar questões culturais, por exemplo? Pois afinal, estudar uma LE não se restringe apenas ao aprendizado da língua no plano formal, isto é, ter conhecimento do seu conjunto de regras gramaticais. O aluno ao aprender uma LE deve ser exposto à cultura do Outro e a tradução pode ser um caminho para isso.

Retomando o histórico da tradução e a concepção estruturalista da língua que ainda permanece, é compreensível que o professor de LE tenha uma certa resistência em trabalhar com tradução em sala de aula pois carrega consigo essa visão tradicional consolidada pela Abordagem Gramática-Tradução, como também muitas vezes compartilha da crença de que a tradução não é benéfica para os estudantes já que pode gerar interferência da língua materna, provocando uma tendência maior à fossilização de erros.

Por outro lado, parece irônico que a tradução não tenha espaço na abordagem comunicativa, pois segundo House, 1968 apud Souza, 1999, o objetivo principal do ensino da tradução vista como uma comunicação interlingual e intercultural é justamente desenvolver e ampliar a competência comunicativa dos alunos.

Do mesmo modo é também uma atividade comunicativa real, isto é, faz parte das necessidades reais da vida cotidiana dos estudantes que têm acesso à internet, filmes, músicas, revistas e livros em língua estrangeira e que em algum momento de suas vidas, necessitaram ou necessitarão fazer uso da tradução para poder interagir com o “desconhecido”, com a cultura do Outro.

Assim sendo, esta pesquisa propõe o uso da tradução em sala de aula de LE apoiado na teoria funcionalista de Christiane Nord (1991) que concebe a tradução de maneira muito mais ampla que a visão apresentada na abordagem Gramática e Tradução, pois de acordo com

Nord, o que está em primeiro plano no processo tradutório não são as estruturas linguísticas e sim a situação comunicativa.

## **1.2 A proposta funcionalista de Christiane Nord**

No âmbito dos estudos da tradução, o funcionalismo surgiu na Alemanha e representou um rompimento com o conceito de tradução baseado nos princípios de equivalência interlingual, em que um signo corresponde exatamente ao outro em termos de significação, isto é, uma tradução realizada palavra por palavra que predominou até meados dos anos 70 (POLCHLOPEK, 2005). De acordo com Zipser e Polchlopek (2008), o funcionalismo aborda o texto de forma mais comunicativa, flexível e dependente do contexto. As autoras ressaltam também que “(...) o funcionalismo tem como princípio a tradução enquanto ação, interação comunicativa, ou seja, uma atividade que detém um propósito baseado em um texto de origem e destinado a um leitor final.” (ZIPSER; POLCHLOPEK, 2008, p. 59)

A alemã Christiane Nord, professora de tradução e tradutora juramentada, elabora a Teoria Funcionalista baseada principalmente nos estudos de Katharina Reiss e Hans Vermeer que são juntamente ao lado de Nord, os principais representantes do funcionalismo alemão. Para Reiss uma tradução ideal teria que ser equivalente em relação ao conteúdo conceitual, à forma linguística e a função comunicativa do texto-fonte (ZIPSER; POLCHLOPEK, 2008). Para Nord esta perspectiva não era satisfatória, pois o foco ainda estava em questões linguísticas e, portanto, não havia uma preocupação com situação de recepção do texto traduzido, ou seja, com a cultura que receberá a tradução. Por outro lado, Reiss & Vermeer (1996) apresentam em 1978 a teoria do *skopos* (propósito, objetivo) e determina que toda tradução tem uma função que será concretizada somente no momento da recepção do texto pelo leitor final. Sendo assim, um dos fatores principais que determina o objetivo de uma tradução é o destinatário do texto-alvo. A teórica alemã ainda ressalta que o emissor tem uma intenção comunicativa, mas dependerá da colaboração do receptor para que intenção seja atingida ou não. Isto é, tudo faz parte de um “jogo

comunicativo” em que os interlocutores, os elementos linguísticos e os receptores são os protagonistas e responsáveis pelo êxito da comunicação. Sendo assim, os participantes não são neutros, ou seja, trazem seu conhecimento de mundo, sua experiência e expectativa de outros textos sempre marcadas culturalmente.

Para Nord, a tradução é uma recriação para outras situações e contextos comunicativos, marcados culturalmente e sempre voltada ao leitor final. Segundo a autora, a tradução tem uma dimensão histórico-cultural e reúne três características básicas:

- (i) a tradução é uma ação, ou seja, uma situação comunicativa inserida em um contexto de situação real, autêntico; (ii) todo texto (traduzido ou não), tem uma função; (iii) a função do texto só é realizada a partir do momento da recepção do texto pelo seu destinatário, o que significa que todo texto é predominantemente *prospectivo*, voltado ao leitor final, na língua de chegada. (NORD, in: POLCHLOPEK, ZIPSER, 2009, p. 64)

Sendo assim, a principal característica do funcionalismo que o difere de outras concepções de tradução é o fato de não considerar o texto de partida como um texto “sacralizado”, isto é, o que não se pode alterar, acrescentar ou ainda excluir elementos e que deve permanecer estático e fiel às palavras do autor. Contrariamente a essa postura, os teóricos funcionalistas prezam por uma tradução que seja leal ao leitor de chegada, ou seja, o protagonista do processo tradutório deixa de ser o texto original para dar lugar à uma efetiva comunicação com a cultura que receberá a tradução.

Nesse sentido, Nord (1991) define o conceito de lealdade ao destinatário, para diferenciá-lo do conceito de fidelidade ao texto-fonte. Isto quer dizer que o mais importante não é ser “fiel” ao autor do texto-fonte, mas ser leal ao destinatário, pois o tradutor deve levar em consideração que ao traduzir um texto, este será direcionado a outro leitor, à outra situação comunicativa. Sendo assim, o tradutor terá que considerar algumas variáveis nesse processo, como por exemplo: o destinatário pode não compartilhar os mesmos elementos culturais do

texto-fonte como também poderá não ter conhecimentos prévios acerca do assunto, já que está inserido em uma cultura diferente. Dessa forma, o tradutor deverá ter sólidos conhecimentos não somente da cultura na qual o texto de partida está inserido como também da cultura do destinatário, para então agir como um mediador entre ambas com o objetivo maior de comunicar. Dito de outra forma, a tradução é um ato de comunicação que se efetua sempre em um contexto determinado, com seus condicionantes históricos, culturais, econômicos, ideológicos e políticos; e caberá ao tradutor atuar como uma “ponte” entre as culturas envolvidas no processo tradutório tendo sempre em vista a comunicação com o leitor final.

Com o intuito de tornar esse modelo mais didático, Nord criou uma tabela com elementos extratextuais e intratextuais baseado na linguística textual. Como a própria autora ressalta, tais elementos aparecem “separados” na tabela por uma questão meramente didática, já que é difícil separar os limites entre o texto e os fatores externos pois na verdade tais elementos caminham juntos e estão intrinsecamente relacionados.

As perguntas que se deve fazer para alcançar os elementos externos são: quem produz o texto (emissor), para que (intenção do emissor), para quem (receptor), por qual meio (canal), onde (lugar), quando (tempo) e por que (razão da comunicação). Nord recomenda que essas perguntas sejam feitas e questionadas antes mesmo de ler o texto-fonte, pois dessa forma as informações obtidas a partir dessas perguntas ajudam a esclarecer qual é a função do texto.

Já os fatores internos do texto são identificados com as seguintes perguntas: qual é o assunto do texto (tema), informações utilizadas para expor o assunto (conteúdo), o que os leitores já sabem e pode ser omitido; o que não sabem e deve ser explicitado (pressuposições), em qual sequência são veiculadas as informações (estruturação), há fotografias, gráficos, tabelas, etc. (elementos não-verbais), com quais palavras se constrói o sentido (léxico), com que tipo de oração (sintaxe) e qual o “tom” em que tais informações são veiculadas, por exemplo: há palavras em negrito, sublinhadas, em itálico, etc (marcas suprasegmentais) (NORD, 1991). A autora ressalta também que não é possível traduzir sem analisar os elementos

extratextuais, já que a situação comunicativa de um texto é sempre uma parte da cultura e por isso não podemos analisar um texto simplesmente considerando aspectos linguísticos de forma isolada.

Abaixo segue a tabela do modelo funcionalista de Nord.

<b>MODELO DE CRISTIANE NORD</b>			
	TEXTO FONTE	QUESTÕES DE TRADUÇÃO	TEXTO- META
<b>FATORES EXTERNOS AO TEXTO</b>			
Emissor			
Intenção			
Receptor			
Meio			
Lugar			
Tempo			
Propósito (motivo)			
Função textual			
<b>FATORES INTERNOS AO TEXTO</b>			
Tema			
Conteúdo			
Pressuposições			
Estruturação			
Elementos não- verbais			
Léxico			
Sintaxe			
Elementos suprasegmentais			
Efeito do texto			

**Modelo de Christiane Nord traduzido por Zipser, 2002.**

Com esse modelo de análise textual, Nord tem os seguintes objetivos:



(i) oferecer subsídios para a compreensão e análise do texto-fonte (TF), o texto a ser traduzido; (ii) propiciar, com base na função do texto traduzido, critérios capazes de nortear a estratégia de tradução; e (iii), “fechando o círculo”, oferecer critérios que sirvam a uma avaliação do texto traduzido. (1988, apud ZIPSER, 2002, p. 41-42).

A partir da análise textual proposta por Nord, o aluno-tradutor tem a possibilidade de refletir e analisar os elementos envolvidos no processo tradutório e que certamente o beneficiará no sentido de encontrar soluções sobre possíveis problemas encontrados durante a tradução. Sendo assim, a tabela de análise textual serve para evitar problemas de tradução e também para verificar se a estratégia pensada está de acordo com o perfil da cultura que receberá esse texto. Vejamos um exemplo: Um professor de LE em sala de aula propõe aos alunos trabalhar com o gênero textual receita culinária com o objetivo de apresentar as características desse tipo de texto analisando as possíveis diferenças e/ou semelhanças existentes entre uma receita inserida numa cultura diferente do contexto dos alunos. A tarefa consistirá em uma tradução para o português que posteriormente será publicada num blog de culinária no Brasil. Os alunos primeiramente terão que analisar vários aspectos antes de partir para a tradução propriamente dita. Imaginemos que nesta receita haja ingredientes típicos do país de origem, que muito provavelmente seria difícil encontrá-los por aqui. Que atitude deveriam tomar nesse caso? Simplesmente traduzir literalmente a palavra e ser “fiel” ao texto-fonte ou talvez procurar um ingrediente substituto que seja “parecido” ou “equivalente” ao que temos em nossa cultura? Qual seria a opção mais coerente e adequada quando pensamos que esse leitor deseja preparar o tal prato, ou seja, que para isso ele precisa compreender o texto? Quem são os leitores deste blog? São profissionais da área ou apenas leitores que gostam de cozinhar mas não são especialistas? Certamente não escreveríamos um texto da mesma maneira dirigido à um profissional e para um leigo no assunto. Enfim, são esses tipos de questionamentos que o modelo funcionalista proporciona ao tradutor e que são fundamentais para que este possa fazer suas escolhas tradutórias. A missão do tradutor, então, é fazer essa

ancoragem cultural para que o texto-alvo comunique de maneira adequada e eficaz com o leitor final.

Nord (1996) ressalta que o professor ao propor uma tarefa de tradução aos alunos deve ter claramente definidos fatores essenciais para que se crie um texto funcional, como por exemplo, qual é a audiência do texto, quais são os conhecimentos prévios que esse leitor possui sobre o tema, em que meio será veiculado e em que época. É interessante também que o professor disponibilize aos alunos textos paralelos, isto é, textos autênticos da cultura alvo análogo ao texto-alvo desejado, para que então os alunos os tenham como um “modelo” a seguir. Em outras palavras, se o texto a ser traduzido trata de um folheto informativo, por exemplo, é necessário que os alunos tenham conhecimento acerca desse gênero textual, que reconheça qual é a sua função, sua estrutura, suas marcas verbais e lexicais, etc.

A autora alemã chama a atenção também os para princípios didáticos fundamentais que implicam a tradução funcionalista no âmbito do ensino, são eles:

(i) o princípio de autenticidade, ou seja, os textos trabalhados em sala de aula devem ser autênticos, reais e que tenham uma certa relevância na prática profissional; (ii) o princípio de comunicabilidade, requer que o texto se apresente em sua situação comunicativa, isto é, da maneira mais próxima possível em que a situação funciona ou funcionou originalmente e se não for possível, o professor deve proporcionar o maior número de informações a respeito; (iii) e o princípio de transparência está relacionado com as expectativas que o professor tem com relação à qualidade do texto-alvo, ou seja, o professor deve ser “transparente” nas informações ao propor a tarefa de tradução e para tal deve explicitar os seguintes dados: a) qual a função do texto-alvo; b) quem são os leitores do texto-alvo; c) quais as condições temporais e locais previstas para a recepção do texto-alvo; d) em que meio será veiculado; e) e o motivo pelo qual se produz o

texto. (Nord, 1996, p. 93, minha tradução).<sup>6</sup>

No entanto, Nord ressalta que o modelo funcional será útil se a tradução em sala de aula não for realizada apenas com objetivos de análises linguísticas em que o professor ressalte partes do texto que os alunos não compreendem. Destaca também o fato dos alunos perguntarem se a tradução deve ser literal ou livre, é uma constatação de que não está claro para os estudantes o conceito de tradução. (Nord, 1991).

Pelo exposto, se pode observar que o modelo funcionalista proporciona a quem traduz, seja estudante ou profissional, uma visão muito ampla e detalhada das inúmeras variáveis existentes nesse processo que serão determinantes para as escolhas tradutórias, isto é, o tradutor deverá ter muito claro para quem escreve para então poder analisar que tipo de informações serão relevantes ou não para o seu leitor. Sendo assim, essa concepção de tradução não se caracteriza por ser um processo linear e fechado cujas escolhas não possam ser discutidas e alteradas, mas trata-se de um processo dinâmico em que o tradutor assume um papel de negociador e terá sempre que analisar e reanalisar os elementos envolvidos, fazendo então, movimentos recursivos.

---

6 a) El principio de autenticidad requiere que se escojan para los ejercicios de traducción textos auténticos, reales, que tengan (cierta) relevancia para la práctica profesional.

b) El principio de comunicatividad requiere que los textos se presenten «en su situación comunicativa», es decir, en una forma que esté lo más próxima posible a la situación en que funciona o funcionó originalmente. Si esto no es posible hay que proveer la mayor cantidad de informaciones sobre esta situación comunicativa.

c) El principio de transparencia significa que el profesor debe hacer «transparentes» sus propias expectativas en cuanto a la calidad del texto meta. Tal transparencia se puede efectuar mediante un «encargo de traducción» que especifique (sea explícita o, al menos, implícitamente) las condiciones de «funcionamiento» del texto traducido.

### 1.3 Tradução na sala de aula de LE

Como já foi mencionado, a tradução em muitos momentos na história das abordagens de LE foi, por um lado, abordada com um viés voltado às questões linguísticas, desconsiderando os fatores culturais que são determinantes em todo processo tradutório, e por outro, foi uma atividade banida da sala de aula.

Pesquisas recentes na área de tradução e ensino de línguas ressaltam pontos favoráveis ao uso dessa habilidade em sala de aula: Agra, 2007; Checchia, 2002; Azenha, 1999 e Hinojosa e Lima, 2008. Esses autores de maneira geral defendem que a tradução é uma atividade enriquecedora no processo de aprendizagem de uma LE, já que envolve além das habilidades de compreensão e produção de texto, o contato cultural com a língua que se estuda.

Segundo Agra (2007), traduzir não se reduz a uma atividade mecânica de transcodificação linguística, mas se trata de “desvendar” e interpretar o que está “por de trás” de uma palavra inserida num determinado contexto sociocultural e que sentidos este vocábulo adquire nesta cultura. A autora resalta que uma palavra tem seus significados socialmente construídos e que o tradutor deve considerar essa variável tão relevante e decisiva no processo tradutório.

Dentro dessa perspectiva Atkinson (apud ROMANELLI, 2009, p.17) resalta alguns pontos favoráveis ao uso da tradução em sala de aula, como demonstra o quadro abaixo:

<b>Benefícios do uso da tradução.</b> Atkinson apud ROMANELLI, 2009
<ul style="list-style-type: none"><li>- Reflexão sobre o significado das palavras levando em consideração o seu contexto, diferenciando-se de exercícios focados em questões linguísticas;</li><li>- O uso da tradução proporciona aos alunos a comparação entre as duas línguas envolvidas no processo: ajuda a ter maior consciência acerca</li></ul>

das diferenças, evitando assim alguns erros mais frequentes na LE;

- A tradução em sala de aula pode estimular os alunos a se arriscarem mais, fazendo com que se esforcem para se expressar em LE utilizando as estruturas linguísticas que já conhecem.

- A tradução é uma atividade da vida real. Em várias ocasiões da vida profissional, ou pessoal, os alunos poderão desfrutar dessa habilidade.

Azenha (1999) também é defensor do uso da tradução em sala de aula, pois acredita que é uma habilidade em que teoria e prática interagem e que deveriam “andar de mãos dadas” com outras disciplinas especialmente aquelas relacionadas com as teorias de texto e do discurso, já que considera a tradução uma atividade interdisciplinar. O autor ressalta também que a tradução estimula os alunos à pesquisa autônoma e contribui na formação de uma reflexão crítica.

Nesse mesmo sentido, Hinojosa & Lima (2008) propõem a tradução intercultural em sala de aula como uma ferramenta que propicia ao aluno a aproximação de aspectos culturais intrínsecos à língua-alvo, bem como favorece à uma reflexão crítica de sua própria língua e cultura e também da língua e cultura do Outro.

Para Nord (1991), como visto na seção anterior, a tradução é uma atividade intercultural que consiste num processo minucioso de análise do texto-fonte como também se deve analisar o contexto cultural para o qual o texto será traduzido. Diante dessa perspectiva, a autora ressalta que o uso da tradução em sala de aula será benéfico apenas se o professor estiver consciente desse processo bem como ter bem definidos seus objetivos, ou seja, não se recomenda usá-la apenas para análise linguística.

Nord ressalta também que a aplicação do modelo funcionalista orientado em análise de textos proporciona uma maior consciência metalingüística em relação às diferenças estruturais e similaridades entre as línguas como também aponta outras habilidades que o aluno pode desenvolver com a prática tradutória (NORD, 1991)

Desenvolve-se e aprimora-se não apenas a competência tradutória no seu sentido mais restrito (competência de transferência), mas também, e sempre que necessário, outras competências relevantes à tradução, tais como: (a) competência linguística na língua materna, na língua estrangeira, relativa aos aspectos formais e semânticos de vocabulário e gramática, variedades lingüísticas, registro e estilo, convenções de gênero textual, etc. (b) competência cultural (estudos sobre a cultura alvo variando entre a vida cotidiana a social e também instituições políticas), (c) competência de conhecimentos especializados, como por exemplo sobre: leis matrimoniais, políticas econômicas, balanços de comércio, informações sobre tecnologia, etc. e (d) competência técnica para documentação e pesquisa como uso de dicionários, métodos bibliográficos, armazenamento de informação, etc. NORD, 1991, p. 16, minha tradução)<sup>7</sup>

De acordo com o que vimos na seção das abordagens de ensino de LE, os pressupostos do enfoque comunicativo de LE apresentam muitos pontos em comum com os pressupostos da teoria funcionalista, uma vez que ambos concebem língua e cultura como elementos indissociáveis e no momento de transmitir uma mensagem levam em consideração o contexto cultural bem como o seu ouvinte ou leitor.

7 (...) They develop and enhance not only translation competence in the narrower sense, i.e. transfer competence, but also, wherever necessary, other translation-relevant competences, such as (a) linguistic competence in the native language (L1) and in the foreign language (L2) with regard to formal and semantic aspects of vocabulary and grammar, language varieties, register and style, genre conventions, etc., (b) cultural competence (e.g. areal studies about the target culture ranging from everyday life to social and political institutions), (c) factual competence in sometimes highly specialized fields (e.g. knowledge of matrimonial law, economic policies, balance of trade, information technology, etc.), and (d) technical competence for documentation and research (use of dictionaries, bibliographical methods, storage of information, etc)

Abaixo apresento uma tabela com algumas características semelhantes entre a abordagem comunicativa no ensino de LE e a perspectiva funcionalista da tradução.

<b>Abordagem comunicativa</b>	<b>Tradução – Perspectiva Funcionalista</b>
<p style="text-align: center;"><b>Pontos de convergência</b></p> <p>Língua e cultura são elementos indissociáveis</p> <p>Língua como meio de comunicação</p> <p>Privilegia situações reais de comunicação</p> <p>Foco na situação comunicativa; questões linguísticas em segundo plano</p> <p>Relevância do contexto cultural</p> <p>Consciência do leitor-alvo</p> <p>Consciência do gênero textual</p>	

A seguir, apresento algumas contribuições do filósofo russo Bakhtin e também do lingüista brasileiro Luiz Antônio Marcuschi acerca do conceito de linguagem e gêneros textuais que apoiam e reforçam o marco teórico desta pesquisa.

### **1.4 Contribuições de Bakhtin e Marcuschi: a linguagem como prática social**

Nesta seção são abordados alguns aspectos da perspectiva bakhtiniana sobre a linguagem que são convergentes às ideias postuladas no funcionalismo alemão. O objetivo então é traçar esse paralelo para reforçar o posicionamento com relação à concepção de língua assumida neste trabalho.

Para Bakhtin (1997), a língua não pode e não deve ser compreendida isoladamente, mas permeada por suas relações com a sociedade, ou seja, pelos fatores “extralinguísticos”. O filósofo russo

defende que tratar a língua como algo acabado, implica uma atitude hostil em relação a todas as inovações linguísticas, já que “a reflexão linguística de caráter formal-sistemático é incompatível com a abordagem histórica e viva da língua” (Bakhtin, 2006, p. 105). Sendo assim, Bakhtin amplia a concepção de língua sustentada pelo estruturalismo que a concebia somente como um sistema. Para ele, a língua deveria ser estudada a partir das suas relações com os momentos de produção, com os interlocutores, os contextos que envolvem a fala, o momento histórico-social. Entendia que o homem é um ser histórico e produtor de um conjunto de relações sociais. E afirma também que

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana [...] O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo temático e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. (Bakhtin, 2006, p. 248)

Dessa forma, Bakhtin declara que a língua se manifesta através de enunciados e que estes implicam sempre um contexto ideológico. Ressalta também que a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos e, complementa esta afirmação, ao mencionar que “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios”. (BAKHTIN, 2006, p. 40).

Sendo assim, para Bakhtin não há enunciado neutro, já que este necessariamente se manifesta em um determinado contexto cultural embebido de significados e valores.

Os signos são intrinsecamente sociais, isto é, são criados e interpretados no interior dos complexos e



variados processos que caracterizam o intercâmbio social. Os signos emergem e significam no interior de relações sociais, estão *entre* seres socialmente organizados, não podem, assim, ser concebidos como resultantes de processos apenas fisiológicos e psicológicos de um indivíduo isolado; ou determinados apenas por um sistema formal abstrato. Para estudá-los, é indispensável situá-los nos processos sociais globais que lhes dão significação. (Bakhtin apud FARACO, 2009, p.49).

Como vimos até agora, para Bakhtin a língua manifestada através de enunciados tem uma dimensão muito mais ampla que simplesmente um sistema de categorias gramaticais abstratas como defendem os estudiosos estruturalistas. Segundo o filósofo, a produção de um enunciado não é neutra, então não é por acaso que em determinada cultura se diz uma palavra “x” para um situação e em outra cultura se usa a palavra “y” para designar a mesma coisa, ou seja, a escolha por determinada palavra estará totalmente condicionada às relações sociais estabelecidas nessa cultura. Isso quer dizer que não é possível estudar a linguagem ignorando todos as variáveis externas existentes no processo.

Seguindo esta ideia, Bakhtin propõe que a linguagem seja estudada como uma atividade sociointeracional e afirma que todos nos comunicamos através de textos (orais e escritos) no interior de uma determinada esfera da atividade humana. A ação de falar, portanto, não é um simples fato de emitir códigos gramaticais vazios, mas o ato de dizer algo através de um gênero no interior de uma atividade. Sendo assim, Bakhtin (1997) apresenta o conceito de gênero do discurso<sup>8</sup> e afirma que são tipos relativamente estáveis de enunciados que se constroem no interior de cada esfera da atividade humana. Ressalta também que não é possível quantificá-los, já que a riqueza dos gêneros são infinitas devido a inesgotável variedade da atividade humana e que estes com o tempo vão diferenciando-se e ampliando-se de acordo com as necessidades de

---

8 Mantive o termo “gênero do discurso” citado por Bakhtin, porém, autores contemporâneos, como por exemplo, Marcuschi preferem o termo “gêneros textuais”. Neste trabalho ambos os termos serão usados como sinônimos.

cada contexto cultural. Na verdade, o que mais interessa aos estudiosos não é fazer tipologias, mas saber como os gêneros se constituem e circulam socialmente.

Para complementar o conceito de gênero do discurso de Bakhtin, apresento também as ideias postuladas pelo linguista Luiz Antônio Marcuschi. De acordo com este estudioso, ainda que os gêneros tenham uma forma, conteúdo e estilo, sua tipicidade será dada pela sua funcionalidade e organização retórica (Marcuschi, 2008).

Marcuschi em sua obra *Produção textual, análise de gêneros e compreensão* afirma que os gêneros textuais são entidades: “dinâmicas, históricas, sociais, situadas, comunicativas, orientadas para fins específicos, ligadas a determinadas comunidades discursivas, ligadas a domínios discursivos, recorrentes, estabilizadas em formatos mais ou menos claros” (2008, p. 159). Para o autor, são textos que encontramos no nosso dia a dia e que estão condicionados ao seu contexto cultural. Alguns exemplos de gêneros citados por Marcuschi: “telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, cardápio de restaurante, aula expositiva, conversação espontânea, receita culinária, bula de remédio, etc” (2008, p. 155).

Apoiado na concepção bakhtiniana, Marcuschi (2008) afirma que a comunicação verbal só é possível a partir de gêneros textuais e ressalta também que é fundamental para a socialização do indivíduo (na sociedade) que este se aproprie dos diversos gêneros textuais existentes em seu contexto cultural. Sendo assim, “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (2008, p. 154). Para o autor, a apropriação dos gêneros textuais proporciona ao indivíduo uma inserção prática nas atividades comunicativas humanas, tornando-se uma forma legítima de discurso.

Essa visão de como ocorre a comunicação verbal e a apropriação dos gêneros textuais apresentada por Bakhtin e Marcuschi vem ao encontro das ideias propostas por Christiane Nord. A autora não concebe o texto como uma amostra de códigos abstratos isolados, e sim como uma manifestação cultural inserida em um determinado contexto histórico-social e dessa maneira, acredita que o texto também deve ser analisado dentro do seu contexto de produção com suas respectivas

marcas culturais, ou seja, não considera a tradução meramente uma atividade de transcodificação linguística, pois entende que a língua não pode ser tratada de forma isolada da cultura na qual está inserida.

Segundo a teórica alemã, no âmbito da tradução o reconhecimento dos gêneros textuais torna-se muito relevante, já que auxilia o tradutor a identificar as características intratextuais típicas a partir de uma análise dos elementos extratextuais como também pode servir para fazer o caminho inverso, isto é, se as informações extratextuais de um texto não são suficientes ou são nulas, o tradutor poderá apoiar-se nas características do gênero textual para então poder interpretar sua funcionalidade através dos elementos intratextuais. (NORD, 1991). Para exemplificar, pode-se pensar numa situação em que o tradutor receba uma encomenda para traduzir uma bula de remédio de uma cultura “x” à uma cultura “y”. Supondo que não há muitas informações sobre os elementos extratextuais, o tradutor terá que conhecer as normas e convenções desse gênero textual da cultura a qual se destina a tradução, já que nem sempre o mesmo gênero textual apresentará as mesmas características quando inseridas em contextos distintos. De acordo com Nord (1991) essas normas e convenções estabelecidas em cada tipo de texto não são universais, mas bem específicas de uma comunidade cultural em um determinado momento histórico-social. Sendo assim, conhecer o gênero textual ao qual se traduz é essencial para criar um texto-alvo funcional, isto é, que seja adequado e compreensível para o leitor-alvo.

Quando pensamos no âmbito do ensino de LE, trabalhar com gêneros textuais torna-se muito positivo, pois proporciona ao aluno conhecer as diversas manifestações da linguagem da cultura estrangeira como também o permite analisar e refletir sobre as diferentes convenções que podem existir, por exemplo, entre um mesmo gênero textual inserido em contextos culturais distintos. Isso reforça ainda mais que língua e cultura são elementos indissociáveis. No mesmo sentido, corrobora com um dos princípios didáticos que Nord (1991) propõe para a tradução em sala de aula: que o professor trabalhe com textos autênticos e que sejam relevantes para a prática profissional.

## Capítulo 2 – Metodologia

Este capítulo descreve os procedimentos metodológicos aplicados para alcançar os objetivos desta pesquisa e está dividido em 3 partes: i) perfil dos participantes; ii) descrição dos texto-fonte que posteriormente foram traduzidos e iii) aplicação da parte prática: a tradução dos textos.

Como mencionado na introdução, a proposta deste trabalho consiste em uma releitura do modelo funcionalista da tradução postulado por Nord para o contexto de sala de aula. Para a autora alemã, a tradução não pode ser considerada meramente uma operação de transposição linguística, já que é uma atividade intercultural em que estão envolvidos uma série de fatores extralinguísticos, como por exemplo, a figura do leitor que recebe a tradução, que segundo Nord é um dos elementos mais relevantes a ser considerado no processo tradutório (NORD, 1991). Isto quer dizer que um texto elaborado para um leitor A inserido em uma determinada cultura, nem sempre poderá ser entendido como um mesmo texto para um leitor B, já que muito provavelmente ambos não compartilharão dos mesmos conhecimentos culturais a respeito de um determinado assunto.

É justamente o que proponho neste trabalho, visto que os participantes receberam como tarefa traduzir dois textos produzidos no México para um leitor brasileiro específico. E então, podemos fazer as seguintes perguntas:

- Ambos os leitores compartilham exatamente os mesmos conhecimentos prévios sobre o tema abordado nos textos?
- A situação comunicativa de recepção desses textos pelo leitor brasileiro é exatamente a mesma do leitor mexicano?

São esses tipos de questionamentos que o aluno-tradutor deve fazer em todo o processo tradutório. Sendo assim, a hipótese desta pesquisa é de que a tradução quando pensada estritamente no plano linguístico, ou seja, em que o tradutor está preocupado em traduzir palavras e não reflete sobre os fatores extralinguísticos que envolvem todo e qualquer produção textual, poderá criar um texto que não cumpre o seu papel de comunicar e que não esteja adequado ao seu leitor-alvo,

já que este pode não compartilhar todas as informações e pressuposições acerca do tema tratado.

Sendo assim, a proposta é:

- Analisar as traduções realizadas pelos alunos do grupo A (com orientação da teoria funcionalista) e do grupo B (sem orientação da teoria funcionalista) à luz do funcionalismo alemão

- Verificar as possíveis diferenças apresentadas nas traduções em ambos os grupos (A e B) e apontar em que medida as escolhas tradutórias aproximam ou distanciam do seu leitor ideal.

A seguir serão descritas as etapas desse experimento que foi realizado com alunos do curso de Letras Espanhol da UFSC no segundo semestre de 2010 que tiveram como tarefa a tradução de dois textos: um jornalístico e um folheto informativo.

É importante ressaltar que o fato desta experiência ter sido realizada com um grupo de estudantes universitários, não invalida a possibilidade de aplicar o modelo funcionalista proposto por Nord (1991) a qualquer nível de aprendizagem, desde que o professor tenha muito bem definidos os objetivos que deseja alcançar.

Quanto à caracterização deste trabalho é classificada como pesquisa qualitativa, pois de acordo com Silva (2001) esta modalidade de pesquisa considera

que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (SILVA, 2001, p. 20)

Gil (2002) resalta que nesse tipo de experimento, o

pesquisador analisa fenômenos em um ambiente controlado, elabora um cenário de pesquisa, define as variáveis a serem observadas e os sujeitos a serem analisados, os quais são divididos em dois grupos: o grupo experimental e o grupo de controle. Ambos os grupos são submetidos a procedimentos semelhantes, porém o procedimento do grupo de controle não tem um mecanismo de ação específico conhecido.

Foi exatamente o que foi aplicado nessa pesquisa, em que os procedimentos de tradução foram aplicados a um grupo de experimento que recebeu apoio teórico e prático sobre o funcionalismo de Nord e o grupo de controle realizou a tarefa de tradução sem qualquer suporte teórico ou prático. Posteriormente, houve confrontação dos dados obtidos de ambos os grupos.

## **2.1 Perfil dos participantes**

Participaram da pesquisa 32 alunos do Curso de Letras Espanhol da UFSC no segundo semestre de 2010, sendo 21 estudantes da 6ª fase e 11 da 8ª fase. Os critérios estabelecidos para a escolha deste grupo de alunos foram os seguintes: i) pelo fato de encontrarem-se no final do curso, esperava-se que tivessem um bom nível de conhecimento linguístico em Espanhol, fator este que aliado à competência cultural são cruciais para a prática de tradução, ii) verificar qual era a concepção de tradução desses futuros professores (alguns já atuantes), visto que estavam prestes a terminar o curso de Letras.

Para que se pudesse traçar um breve perfil desses alunos apliquei um questionário com 4 perguntas, a saber: (1) Onde e como você adquiriu conhecimentos em Língua Espanhola?; (2) O que você entende por tradução?; (3) Você trabalha ou já trabalhou com tradução?; (4) Você acredita que o gênero textual pode interferir na técnica de tradução?<sup>9</sup>

Com relação ao aprendizado da língua espanhola, abaixo segue um quadro que ilustra quais foram os contextos nos quais os alunos adquiriram conhecimentos nesta língua. Como se pode observar na

---

9 As respostas para as perguntas 2 e 4 encontram-se no Anexo I.

tabela seguinte, havia apenas 4 estudantes, todos da 6ª fase, que nasceram em países hispanofalantes e chegaram ao Brasil em média aos 10 anos de idade.

<b>1. Conhecimentos em Língua Espanhola</b>	<b>6ª fase</b>	<b>8ª fase</b>
Viagem (passeio ou vivência) a país hispanofalante	2	2
Sozinho em casa	1	2
Universidade	2	3
Curso de idiomas	2	0
Pré-vestibular	1	0
Escola regular	7	4
Nativo	4	0
Ambiente familiar com algum parente nativo	2	0
<b>Total</b>	<b>21</b>	<b>11</b>

A seguir, apresento alguns exemplos que ilustram as respostas da 2ª pergunta que trata sobre a concepção de tradução dos estudantes.

**(1)** *Buscar o significado equivalente em outra língua.* (grifo meu)

**(19)** *Traduzir é verter um texto de uma língua para outra. Passar de uma língua de chegada para uma língua alvo considerando a cultura e o contexto para onde se traduz.* (grifo meu)

**(11)** *Traduzir nada mais é do que tentar ser o mais fiel possível do texto de partida.* (grifo meu)

(17) *Para mim, tradução é a criação de um novo original.* (grifo meu)

(6) *É aproximar o mais perto possível uma língua da outra, sem perder as formas originais do texto principal.* (grifo meu)

Como podemos observar nos exemplos, as concepções sobre tradução variam entre os que acreditam que se trata apenas de transportar um texto de língua para outra, como também outras respostas que demonstraram uma preocupação com o fator cultural e o leitor. Das 32 respostas, 19 indicaram um conceito de tradução mais preocupado com questões linguísticas e equivalência, e alguns chegaram a enfatizar a importância da fidelidade ao texto original. As outras 13 respostas apontam para um conceito de tradução mais amplo, visto que não ressaltam apenas as questões linguísticas como primordiais, mas que a cultura é um fator muito relevante a ser considerado no momento de traduzir. Essa concepção que se aproxima bastante do funcionalismo foi exposta, sobretudo, por estudantes da 8ª fase que cursavam a disciplina de Tradução Jornalística ministrada pela professora Drª Meta Zipser no mesmo semestre em que participaram desta pesquisa. Nesta disciplina o foco era o funcionalismo na tradução e sendo assim, os alunos adquiriram conhecimentos acerca desta perspectiva de tradução.

O que se pode observar através das respostas dos alunos é que ainda a maioria concebe a tradução a partir de uma visão estruturalista e, portanto, acredita que traduzir seja simplesmente uma tarefa de transcodificação linguística.

A seguir, a tabela abaixo mostra que tipo de experiência esses alunos têm com a prática de tradução.

<b>3.Você trabalha ou já trabalhou com tradução?</b>	
Somente em disciplinas na UFSC	09
Não	16
Sim (mas não especificou)	01
Tradução de músicas (português-espanhol)	01



Empresa de exportação (profissional)	01
Projeto de extensão na UFSC (tradução de um livro)	01
Tradução técnica (profissional)	01
Tradução de artigos científicos	01
Tradução de legenda, séries de TV (não-profissional)	01
<b>Total</b>	<b>32</b>

Segundo as respostas acima, grande parte das experiências de tradução está relacionada com disciplinas na universidade e também à alguma atividade com traduções de música, legendas e séries de TV. Já na área profissional há um aluno que já trabalhou em uma empresa de exportação e outro que atua numa empresa de tradução técnica. É importante salientar que ainda que os estudantes não tivessem experiência com tradução fora da universidade, todos os alunos, seja da 6ª ou 8ª fase, já haviam cursado as três disciplinas de tradução oferecidas na grade curricular do Curso de Letras Espanhol. São elas: Introdução aos Estudos da Tradução, Estudos da Tradução I e Estudos da Tradução II.<sup>10</sup>

Com relação à quarta pergunta do questionário “Você acredita que o gênero textual pode interferir na técnica de tradução?” (Anexo I), a grande maioria dos alunos embora tenha afirmado que o gênero textual é um fator relevante na tradução, foram vagos em suas respostas já que não conseguiram expor argumentos que justificassem tal afirmação. Por outro lado, alguns estudantes ressaltaram a importância de se conhecer o gênero textual ao qual se vai traduzir bem como ter consciência do público-alvo. Abaixo seguem alguns exemplos:

*(4) Sim, creio que a poesia exija um tom poético maior, por exemplo, que às vezes uma tradução literal não passaria devido às palavras equivalentes na língua de destino. (grifo meu)*

---

10 Currículo do Curso de Letras Espanhol - UFSC  
<[http://www.lle.cce.ufsc.br/espanhol\\_programas.php](http://www.lle.cce.ufsc.br/espanhol_programas.php)>

(10) *Sim. Para fazer a tradução de uma obra literária vou procurar escolher palavras que não alterem o estilo do autor. Já para traduzir um panfleto vou fazer uma tradução mais literal.* (grifo meu)

(14) *Sim, cada texto tem suas características. No meu caso, o texto técnico não permite muita criatividade, a linguagem é objetiva, denotativa e com muitos termos técnicos e específicos, além de bastantes neologismos e termos em inglês.*

(32) *Eu acredito que o que mais influencia seja a frase e não o tipo de texto. Na realidade não sei muito bem!*

É interessante observar nas respostas dos alunos 4 e 10 ao afirmarem que o gênero textual poesia requer mais cuidado do tradutor no momento de fazer suas escolhas tradutórias, quando comparam com outros tipos de textos, como por exemplo, um folheto, que segundo o aluno 10 poderia ser traduzido literalmente. A partir dessa concepção apresentada parece que ainda não há uma consciência acerca dos condicionantes culturais que apresentam todo e qualquer tipo de texto, como por exemplo: um folheto produzido para o público mexicano não necessariamente deverá manter as mesmas informações quando traduzido para um leitor brasileiro, pois ainda que seja o mesmo gênero textual, os leitores possuem práticas sociais diferentes, uma vez que estão inseridos em contextos culturais distintos. Sendo assim, ao optar por uma tradução literal, estaria reduzindo a atividade tradutória apenas como uma transcodificação linguística.

Já o aluno 14 que trabalha com tradução técnica, parece consciente das peculiaridades de cada gênero textual, quando comenta que o texto técnico não permite muita criatividade e apresenta uma certa estrutura rígida.

O aluno 32 como é possível observar, não soube responder a pergunta.

## 2.2 Descrição dos textos-fonte

Os textos selecionados para a pesquisa foram: i) um texto jornalístico digital extraído do Jornal online mexicano *El Universal* (Anexo II) cujo tema refere-se ao acidente ocorrido com uma Plataforma Petrolífera no Golfo do México em abril de 2010; ii) um folheto informativo (Anexo III) sobre conselhos para economizar água elaborado em 2006 pelo Colegio Internacional Terranova localizado no México.

Os critérios utilizados para a seleção dos textos-fonte foram os seguintes: i) ambos os textos tratam de temas atuais tendo como pano de fundo a ecologia e a preservação da natureza: o texto jornalístico aborda um assunto que repercutiu o mundo, já que a explosão de uma plataforma petrolífera no Golfo do México foi considerada uma das mais graves catástrofes ambientais; o folheto informativo traz a temática de economia de água que atualmente é bastante discutido no cenário mundial; ii) considerou-se também que os sujeitos da pesquisa estariam familiarizados com ambos gêneros textuais, o que era positivo para a tarefa de traduzi-los, ii) os textos satisfazem uma consideração, presente no modelo de Nord (1991): são textos autênticos, em contexto de situação real.

### 2.2.1 Texto 1 – *La Plataforma se hunde en el Golfo* (Anexo II)

O texto foi publicado no jornal mexicano *El Universal* em sua versão online. O referido jornal foi criado em 1916 e em 2001 foi lançada sua página web que rapidamente se tornou um líder de notícias e classificados.<sup>11</sup> Não se menciona o nome do jornalista, porém é indicado que o texto foi elaborado por uma agência de notícias.

A reportagem foi publicada no dia 23 de Abril de 2010 e relata as primeiras informações sobre o acidente ocorrido com a Plataforma

---

11 <<http://www.eluniversal.com.mx/pie/historia1.html>> - Acesso em 19 jul. 2011.

Petrolífera Deepwater Horizon no Golfo do México no dia 20 de abril do mesmo ano. A plataforma estava localizada a 80 km da Costa da Luisiana, sul dos Estados Unidos.

O texto não apresenta riqueza de detalhes sobre a explosão da referida Plataforma Petrolífera pois o fato havia ocorrido há 3 dias antes da publicação da reportagem e não se tinha muita informação sobre os motivos que provocaram o acidente. Por esta razão, o autor do texto faz apenas suposições sobre o que o acidente poderia provocar, como por exemplo, danos à Costa da Luisiana pela enorme quantidade de derramamento de petróleo. Há também pequenos depoimentos de familiares das vítimas com relação às expectativas por notícias de seus entes queridos.

O texto cujo propósito é divulgar o acidente com a plataforma de petróleo, está construído por 10 parágrafos e possui um vídeo com duração de 1'min10s com imagens da plataforma em chamas. Porém, considerando o pouco tempo que teria para a aplicação da tradução, os alunos traduziram apenas os 5 primeiros parágrafos e o vídeo não foi considerado.

Com relação ao seu público-alvo, por se tratar de um texto em formato digital publicado na Web, supõe-se que qualquer leitor interessado em ler sobre o assunto poderia ter acesso ao texto. Por outro lado, o leitor que procura se informar, seja pelo meio digital ou não, certamente tem suas preferências por determinados veículos de informação que está relacionado aos seus interesses ideológicos, políticos, entre outros. Sendo assim, podemos considerar que o público-alvo desse texto é o leitor mexicano que se identifica com o jornal *El Universal*.

No que diz respeito ao gênero notícia, a estruturação dos fatos devem seguir uma ordenação que respeite a importância decrescente na perspectiva de quem a escreve e não por sua sequência temporal. Por esta razão, é necessário selecionar de maneira criteriosa quais são as informações relevantes que devem aparecer na notícia, sempre levando em conta a elaboração de um texto compreensível ao leitor (Costa, 2008).

Normalmente inicia-se uma notícia com o *lead*, linha ou parágrafo que tem como objetivo chamar a atenção do leitor para a

leitura do texto e apresenta os principais tópicos que serão apresentados na reportagem. Sendo assim, deve responder às seguintes perguntas: Quem? O quê? Quando? Como? Onde? Por quê? (Costa, 2008)

### 2.2.2 Texto 2 – *Agua – Consejos para su ahorro* (Anexo II)

O folheto informativo *Agua – Consejos para su ahorro* foi elaborado pelo Colegio Internacional Terranova, localizado na cidade de Cuernavaca, a 85 km ao sul da Cidade do México. O colégio foi fundado em 2003, atendendo alunos da pré-escola até o ensino médio e oferecem na grade curricular o ensino de francês e inglês. Tem como missão:

Contribuir, dentro do âmbito de valores universais, à formação de cidadãos do mundo, proporcionando um espaço educativo que favoreça uma atitude positiva diante da vida, um compromisso com o entorno social e também com o desenvolvimento das habilidades individuais.  
<<http://www.terranova.edu.mx/contenido/paginas/perfil.php#principios>> (minha tradução).<sup>12</sup>

O folheto foi elaborado em 2006 em um mês dedicado à conscientização sobre a economia de água e o colégio, então, o divulgou entre seus alunos e familiares com o propósito de alertá-los para a importância do assunto bem como orientá-los de que maneira poderiam aplicar tais conselhos em suas residências.

A capa traz a palavra *agua* escrita na vertical em que a letra g simboliza um cano e logo abaixo há uma gota de água representando o desperdício. Ao lado da palavra *agua* há o logotipo da Escola

---

12 “Contribuir, dentro de un marco de valores universales, a la formación de ciudadanos del mundo, forjando un espacio educativo que favorezca una actitud positiva ante la vida, un compromiso con el entorno y el desarrollo de las habilidades individuales”.

Internacional Terranova e abaixo duas frases convidando o leitor a seguir alguns conselhos básicos para se economizar água em suas residências.

O texto contém 5 tópicos, a saber: *banheiro, carro, jardim, roupa e cozinha* e para cada um deles há conselhos práticos para economizar água. Vale destacar que por uma questão de tempo os alunos não traduziram todo o texto e sim alguns trechos previamente selecionados por mim.

No que diz respeito aos elementos não-verbais, apresenta apenas 1 elemento na capa em que a letra *g* da palavra *água* simboliza uma torneira e logo abaixo há uma gota representando o desperdício. Não há nenhuma ilustração nos cinco tópicos do folheto citados acima.

Na margem inferior do folheto há sugestões de páginas Web que o leitor pode acessar para obter maiores informações sobre o assunto em questão.

Com relação às características do público-alvo do folheto, por frequentar uma escola internacional privada, supõe-se que são alunos provenientes de uma classe social privilegiada como também pode-se dizer que são pessoas preocupadas com questões ambientais, já que a escola tem como uma de suas missões, despertar e promover nos alunos uma conscientização com relação ao meio em que vivem.

O folheto, de maneira geral, apresenta as características comuns a este gênero textual: as informações são apresentadas de forma breve e sucinta; tem como objetivo chamar a atenção do seu leitor para o modo de agir em relação à determinada questão (neste caso, sobre a importância de economizar água); as informações são apresentadas em tópicos para facilitar a leitura. Normalmente neste tipo de texto há ilustrações que também podem proporcionar ao leitor uma facilitação na leitura como também pode tornar o texto mais atrativo. No caso do texto *Água – Consejos para su ahorro*, com exceção da capa, não apresenta imagens no restante do texto.

### **2.3 Parte prática: a tradução dos textos**

A parte prática com ambas as fases (6ª e 8ª) foi realizada

separadamente, uma vez que utilizei o horário de aula regular do semestre, e sendo assim, não foi possível reunir todos os alunos em horário em comum para a realização da tarefa. As turmas foram divididas em dois grandes grupos, que denominei grupo A e grupo B. O grupo A realizou as traduções com o suporte da teoria funcionalista e o grupo B realizou as traduções sob uma perspectiva que eu denominei “tradicional”, ou seja, usaram dicionário e a única informação que receberam é que deveriam traduzir para o português, porém não lhes foi indicado um público-alvo específico.

Para os alunos da 6ª fase foram reservados 4 encontros de 1h40 cada e para os alunos da 8ª fase foram reservados 3 encontros de 1h40 cada. Os dois grandes grupos (A e B) foram escolhidos de forma aleatória com exceção de 5 alunos da 8ª fase que como dito anteriormente, já possuíam contato com a Teoria Funcionalista, fato este que certamente interferiria nos resultados e que por esta razão os estudantes foram direcionados ao grupo A, ou seja, o grupo que recebeu aporte teórico sobre o funcionalismo.

No 1º encontro entreguei aos estudantes um questionário com quatro perguntas para que pudesse traçar um breve perfil da turma como também para verificar o que entendiam por tradução. Posteriormente separei a turma aleatoriamente em grupo A e grupo B (que posteriormente reuniram-se em duplas e trios) para que trabalhassem em salas diferentes. Com o grupo A, nesse primeiro encontro discutimos o que entendiam por tradução e apresentei as principais características da teoria funcionalista de Nord, ou seja, tratou-se de uma conversa mais informal com espaço para perguntas e discussões com o intuito de sensibilizá-los para esta nova concepção de tradução. Ao final da aula, entreguei-lhes o texto 1 *La plataforma se hunde en el Golfo*, fizemos uma leitura em voz alta, discutimos a respeito do contexto de produção do texto como também dialogamos como seria a recepção deste texto para o público leitor brasileiro. Em seguida, distribuí entre os estudantes as tabelas de elementos extratextuais e intratextuais desenvolvidas por Nord (1991) para que então pudessemos discutir sobre as prováveis escolhas tradutórias. Esta etapa é de suma importância, visto que o aluno-tradutor tem a possibilidade de “esmieuçar” o texto-fonte, isto é, consegue visualizá-lo

de forma mais ampla e não apenas tratá-lo no plano linguístico, como por exemplo, buscar palavras desconhecidas. Por essa razão, esse processo de reflexão é crucial para que posteriormente o aluno possa identificar possíveis problemas na tradução e criar estratégias para tentar solucioná-las.

Já o grupo B, neste 1º encontro realizou a tradução somente com a ajuda de dicionários, ou seja, apenas entreguei-lhes o texto 1 e solicitei que o traduzissem para o português sem explicar-lhes nada sobre o texto, sem dar-lhes qualquer informação sobre o contexto e qual seria o leitor-alvo.

No 2º encontro, o grupo A traduziu o texto 1 e o grupo B dedicou-se a traduzir o texto 2 *Água – Consejos para su ahorro* da mesma forma que lhes foi indicado para o texto 1, isto é, não tinham um público-alvo definido, apenas solicitei que o traduzissem para o português. Responderam por escrito também a duas perguntas: 1) Você teve dificuldades em traduzir os textos? Exemplifique. 2) Em algum momento você pensou para quem estava traduzindo, ou seja, quem era o teu leitor? Você acredita que este fator pode interferir na tradução? (Anexo I).

O 3º encontro foi reservado para que o grupo A traduzisse o texto 2 *Água – Consejos para su ahorro* e que tinha como público-alvo os alunos do Colégio de Aplicação-UFSC. O grupo B não participou deste encontro visto que já havia concluído suas traduções.

No 4º e último encontro, cada dupla ou trio do grupo A apresentou suas traduções de ambos os textos bem como expôs as escolhas feitas durante o trabalho e suas respectivas justificativas. Ao final de cada apresentação discutimos os pontos relevantes principalmente no que concerne à recepção do texto para o leitor -alvo, ou seja, que modificação e/ou inclusão tiveram que fazer pensando no público-alvo. O grupo B também participou desta etapa assistindo as apresentações dos colegas.

Para finalizar, o grupo A respondeu por escrito a seguinte pergunta: “Você acredita que a tabela da Nord com os elementos intratextuais e extratextuais te ajudou na tradução? Relate a experiência” (Anexo I).

A tabela a seguir ilustra resumidamente os procedimentos



aplicados na parte prática.

Nº de encontros	Grupo A (apoio da Teoria Funcionalista)	Grupo B (tradução tradicional)
<b>1º encontro</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aplicação de um questionário para traçar o perfil do grupo;</li> <li>- Discussão oral sobre o que é tradução e apresentação das principais características do modelo funcionalista de Nord;</li> <li>- Leitura do texto 1 <i>La Plataforma se hunde en el Golfo</i> e entrega da tabela de elementos extratextuais e intratextuais de Nord</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aplicação de um questionário para traçar o perfil do grupo;</li> <li>- Prática de tradução do texto 1 <i>La Plataforma se hunde en el Golfo</i></li> </ul>
<b>2º encontro</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Prática de tradução do texto 1 <i>La Plataforma se hunde en el Golfo</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Prática de tradução do texto 2 <i>Agua – Consejos para su ahorro</i></li> <li>- Aplicação de um questionário para verificar se os alunos se preocuparam para quem estava direcionada a tradução.</li> </ul>
<b>3º encontro</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Prática de tradução do texto 2 <i>Agua – Consejos para su ahorro</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não participaram desse encontro pois os alunos já haviam concluído as traduções.</li> </ul>
<b>4º encontro</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação das traduções e justificativas das escolhas tradutórias</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Participaram das apresentações dos colegas</li> </ul>

	- Relato de experiência	
--	-------------------------	--

Finalizada esta etapa houve uma confrontação dos resultados obtidos de ambos os grupos apoiados nos paradigmas teóricos do funcionalismo alemão que será apresentado no próximo capítulo.

### Capítulo 3 – Discussão dos dados

Este capítulo é destinado à discussão dos resultados obtidos a partir das traduções realizadas pelos participantes desta pesquisa à luz do funcionalismo de Nord.

Primeiramente serão analisados as traduções do texto jornalístico dos grupos A e B e em seguida serão analisados as traduções do folheto informativo de ambos os grupos.

#### 3.1 Análise das traduções do texto - *La plataforma se hunde en el Golfo* – Grupo A (Anexo III)

O texto jornalístico *La plataforma se hunde en el Golfo*, como já dito, foi elaborado pelo jornal mexicano *El Universal* e publicado na versão *online*. A notícia relata as primeiras informações sobre o acidente ocorrido com uma plataforma petrolífera no Golfo México no dia 20 de abril de 2010.

O texto contém 10 parágrafos e apresenta um vídeo de 1min10s com imagens da plataforma em chamas. Como já mencionado, se considerou para a tradução os cinco primeiros parágrafos e o vídeo não fez parte da análise.

Considerando o fato de que o texto-fonte foi elaborado por um jornal mexicano e que o texto-alvo deveria ser produzido para o leitor brasileiro, é importante salientar que neste processo há variáveis que devem ser levadas em conta pelo tradutor, uma vez que o contexto de produção do texto é diferente do contexto de recepção deste mesmo texto. Isso significa dizer que além de questões linguísticas, há outros elementos que estão em jogo e que o tradutor deve considerar, como por exemplo, conhecer seu público-alvo para então poder analisar quais são as informações que este leitor compartilha sobre o assunto tratado, quais informações são irrelevantes ou imprescindíveis para que o leitor tenha uma compreensão satisfatória do texto, entre outros.

A tarefa consistiu em traduzir o texto para um jornal brasileiro

na versão *online*, porém ficou a critério dos alunos a decisão pela escolha do jornal. Isto foi interessante pois, de alguma forma, os alunos foram responsáveis em pensar num público-alvo específico para direcionar seus textos.

Começando a análise pelo título da notícia *La plataforma se hunde en el Golfo* já nos mostra um fator interessante, pois o uso do artigo determinado feminino *la* restringe a uma plataforma petrolífera específica, nesse caso a localizada no Golfo do México. Sendo assim, pressupõe-se que o leitor do jornal mexicano a partir do conhecimento prévio que possui acerca do seu país pode fazer a inferência de qual plataforma se comenta e onde está localizada, ou seja, ele “completa” uma informação não mencionada expressamente. Este elemento extralinguístico é chamado por Nord (1991) de pressuposição, isto é, são informações que o tradutor pressupõe que o seu leitor já conhece e que não é necessário explicitá-las.

Quando mudamos de cenário e vamos em direção à cultura brasileira, talvez o tradutor não possa fazer essa pressuposição de que os seus leitores, de forma geral, têm conhecimento da localização da plataforma a qual é referida no texto, pois uma das diferenças entre ambos os públicos, o mexicano e o brasileiro, é que estão inseridos em contextos culturais distintos. De um lado temos os leitores mexicanos que estão inseridos no mesmo contexto cultural onde ocorreu o acidente e do outro lado, temos o leitor brasileiro inserido num contexto cultural distinto e também está distante sob o ponto de vista geográfico. É importante considerar esta variável no momento de traduzir um título de uma notícia, pois este deve conter elementos linguísticos que possam dialogar com o leitor convidando-o para a leitura.

De acordo com Medina (apud Polchlopek, 2011, p.31):

os títulos são capazes de traduzir a notícia e incorporar pressuposições sobre os constituintes do fato que instigam as capacidades cognitivas de memória do leitor (...) o título detém uma capacidade intrínseca de dialogar, de chamar o leitor para o texto, deslocando-o, assim, para o campo da teoria enunciativa de Bakhtin.

As traduções dos títulos demonstraram a preocupação com tais elementos extralinguísticos, visto que os alunos optaram por informar ao leitor brasileiro sobre a localização da plataforma petrolífera, como mostram os exemplos abaixo:

(A1)<sup>13</sup> *Plataforma petrolífera situada no Golfo do México afunda após explosão*

*Teme-se a morte de 11 desaparecidos e o vazamento de um milhão de litros de petróleo*

(A2) *Acidente em Plataforma Petrolífera no Golfo do México*

*Teme-se pela morte de 11 desaparecidos e o vazamento de 1 milhão de litros de óleo*

Ambos os grupos sinalizaram o local do acidente em seus títulos e o grupo A1 também o fez através da ilustração de um pequeno mapa localizando o Golfo do México. Também mantiveram o mesmo subtítulo do texto-alvo *Temen la muerte de 11 desaparecidos y el derrame de un millón de litros de crudo*.

(A3) *Acidente na Plataforma Deepwater Horizon deixa que cinco mil barris de petróleo sejam derramados por dia*

Este título, apresenta algumas diferenças com relação aos demais:

- O foco do título está relacionado ao desastre ambiental causado pelo acidente;

- Os alunos mencionam o nome da plataforma e informam sobre a sua localização através de um pequeno mapa sinalizando a região do Golfo do México como também adicionam ao lado do mapa, uma foto da plataforma em chamas

- O título ficou um pouco extenso e também não informou com elementos linguísticos a localização do acidente, o que normalmente não

13 Para preservar a identidade dos alunos, estes serão identificados pela combinação de letras e números, por exemplo: A1 (grupo 1 que recebeu apoio da teoria funcionalista); B1 (grupo 1 que não recebeu nenhum apoio para realizar a tarefa de tradução).

se recomenda para uma notícia. De acordo com Costa (2008), o título:

Geralmente é um enunciado breve, mas de grande força enunciativa, que chama a atenção do leitor da matéria jornalística destacada. Como enunciado curto e objetivo, sintetiza com precisão a informação mais importante do texto e sempre procura expressar o aspecto mais específico do assunto, não o mais geral. Por essa característica fundamental, a manchete/título é uma espécie de *link* que o leitor tem para decidir se vai ler ou não o texto integral" (COSTA, 2008, p. 143)

Por outro lado, acredito que o foco dado à catástrofe ambiental pode despertar o interesse no leitor.

(A4) *11 desaparecidos em explosão no Golfo do México*

Neste título é possível observar que os alunos deram foco aos trabalhadores desaparecidos em uma explosão, porém não mencionaram que o acidente ocorreu numa plataforma de petróleo.

(A5) *Derramamento de 1 milhão de litros de petróleo e 11 desaparecidos*

*Uma plataforma petrolífera explode e depois de dois dias afunda no Golfo do México*

Como se pode observar, o título acima tem como foco a questão ambiental e os trabalhadores desaparecidos. Já a localização do acidente foi mencionada no subtítulo.

É interessante notar que os títulos adquiriram diferentes focos, ou seja, de uma certa forma, os alunos o fizeram com alguma intenção.

Outro fator relevante que vale a pena mencionar está relacionado com a primeira parte de uma notícia, o chamado *lead*, que tem a função de informar qual é o fato jornalístico noticiado e as principais circunstâncias em que ele ocorre<sup>14</sup>. Segundo Filho (1989,

---

14 <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Lead>> Acesso em 12 abr de 2012

p.196): “O *lead* torna a notícia mais comunicativa e mais interessante, pois otimiza a figuração singularizada da reprodução jornalística”.

Das cinco traduções analisadas, quatro apresentaram as mesmas informações que trazia o texto fonte, como mostra o exemplo abaixo retirado no grupo A2:

*A Guarda Costeira informou que a plataforma de prospecções petrolíferas que sofreu uma grande explosão há dois dias, afundou ontem no Golfo do México.*

O grupo A3 foi o único grupo que trouxe informações novas para o *lead*, como mostra o trecho abaixo:

*A plataforma Deepwater Horizon, operada pela BP (British Petroleum – arrendatário), explodiu na última quinta-feira passada no Golfo do México (...) provocando talvez o maior vazamento de petróleo accidental da história que no momento da explosão havia 126 pessoas a bordo; sendo que destas, 115 puderam chegar ao litoral e onze empregados ainda estão desaparecidos.*

Os alunos adicionam informações que revelam o impacto do acidente no meio ambiente por causa do vazamento de petróleo como também já anunciam que felizmente a maior parte dos trabalhadores foram resgatados, mas que por outro lado, 11 deles ainda continuam desaparecidos. Nota-se que os alunos demonstraram uma preocupação em informar o fato ao seu público de uma forma breve, sucinta e clara, características estas recomendáveis para atrair a atenção do leitor para a leitura do texto.

Com relação ao veículo de publicação dos textos, nem todos os grupos chegou a explicitar em suas traduções, porém todos estavam cientes de que o texto deveria ser publicado em um jornal brasileiro na versão *online*. Os veículos de comunicação escolhidos pelos alunos foram: O Estadão, Diário Catarinense e Folha Online.

No que se refere ao conteúdo das traduções, quase sempre os alunos mantiveram as mesmas informações do texto-alvo, porém em alguns momentos sentiram a necessidade de complementar alguns dados. Abaixo seguem dois exemplos do grupo A1 que complementa de

forma breve alguns dados sobre o histórico da plataforma como também sobre a empresa que a administrava, que não constavam no texto-fonte.

*A Deepwater Horizon era uma plataforma petrolífera semi-submergível de águas ultra profundas e que em 2009 perfurou o poço de petróleo mais profundo da história.*

*Transocean – empresa norte americana de perfuração sediada na Suíça – que arrendou sob contrato do conglomerado petrolífero britânico BP (British Petroleum) – que atua na área de exploração petrolífera desde 1955.*

Os grupos A3 e A5 como vimos anteriormente, procuraram destacar a questão ambiental em seus títulos e com relação ao conteúdo do texto não foi diferente, visto que acrescentaram informações pertinentes relacionadas ao impacto do acidente no meio ambiente.

**(A3)** (...) já despejou cerca de 2,5 milhões de litros de óleo diariamente no oceano, ameaçando várias espécies marinhas e de pássaros da região, alguns em extinção como a tartaruga marinha Kemp Ridley.

**(A5)** O derramamento de óleo causou uma mancha no mar de aproximadamente 55 mil metros quadrados (...) os animais mais atingidos foram os pelicanos, já que o vazamento chegou ao santuário viven na Luisiana, ao sul dos EUA (...) integrantes de associações ligadas ao meio ambiente, já se mobilizaram para resgatar e salvar os animais que estão cobertos por óleo.

A decisão dos alunos em escolher um foco diferente ao que foi apresentado pelo texto-fonte, e ressaltar a dimensão do impacto ambiental causado pela explosão da plataforma, revela que conseguiram colocar em prática o que viram na teoria. De acordo com Nord (1991) todo texto tem um propósito, pois sempre que escrevemos algo o fazemos com algum objetivo, seja informar, criticar, persuadir, relatar, entre outros. E acrescenta também que nem sempre os propósitos do texto-fonte serão os mesmos do texto-alvo, pois este fator pode



depende da situação comunicativa em que o texto-alvo irá funcionar, como também da intenção que o tradutor deseja criar no seu texto. Este último fator foi o que provavelmente influenciou na decisão que os alunos tomaram ao apontar a questão ambiental que não constava no texto-fonte.

Outro ponto que vale a pena comentar, refere-se a pesquisa em outras fontes que os alunos tiveram que fazer a respeito do impacto ambiental causado pelo vazamento de petróleo, para que então pudessem acrescentar tais informações em seus textos.

Com relação às escolhas lexicais, é interessante comentar os dois exemplos abaixo retirados dos grupos A3 e A4. Talvez para dar um tom mais emotivo e pessoal ao enunciado produzido pela avó de um dos trabalhadores, optaram por usar a palavra *milagre*, que não aparece no texto-fonte.

**(A3)** (...) *diz ter consciência que só um milagre poderia ter salvado o seu neto.*

**(A4)** *A plataforma é muito extensa, se equivale a dois maracanãs.*

Ao se referir à extensão da plataforma o texto-alvo indica que ocuparia uma área mais ou menos compatível a dois campos de futebol. No trecho acima se observa que este grupo de alunos optou por comparar a extensão da plataforma a dois Maracanãs, o maior estádio de futebol do Brasil com capacidade para mais de 82 mil espectadores<sup>15</sup>. Esta é uma forma também de aproximar o leitor brasileiro ao texto, quando se adiciona informações que este tem algum conhecimento prévio e por isso poder fazer inferências como também pode, de certa forma, se identificar com elas. Para isso, os alunos usaram o conhecimento cultural acerca do seu público para que pudesse estabelecer esse diálogo. Sendo assim, pode-se dizer que as escolhas lexicais feitas pelos alunos foi intencional, já que desejavam estabelecer alguma relação de proximidade entre o texto e o leitor.

15 <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Maracan%C3%A3>> Acesso em: 10 abr de 2012

Pelo exposto, é possível afirmar que a perspectiva funcionalista proporcionou aos alunos uma visão mais ampla do processo tradutório, já que lhes permitiu refletir sobre fatores extralinguísticos muito pertinentes no momento de traduzir. Todo esse movimento que os alunos fizeram de repensar qual seria o foco que gostariam de dar ao seu texto, as pesquisas que tiveram que fazer para poderem complementar suas traduções, mostra o quanto foi valioso esse caminho percorrido por eles, em quantas variáveis tiveram que pensar para então elaborar um texto final.

Mais uma vez, nota-se que o processo tradutório envolve muito mais do que simplesmente uma operação na qual se passa um texto de uma língua para outra. É necessário esse momento de reflexões e questionamentos, pois será a partir daí que o tradutor fará seu planejamento e análise dos elementos intralinguísticos e extralinguísticos proposto por Nord (1991) e verificar quais são os possíveis problemas de tradução para que posteriormente possa buscar soluções.

Neste sentido a tabela de Nord ajuda o tradutor a analisar o texto-fonte e a tratá-lo não somente como um conjunto de signos linguísticos sem relação com os elementos externos a ele. Pelo contrário, ajuda a visualizar o texto com todos os elementos que o compõem e que o caracterizam dentro de um contexto cultural específico. Do mesmo modo ocorre com a análise dos elementos extralinguísticos do texto traduzido, ou seja, a partir das informações que o tradutor tem a respeito do leitor, gênero textual, propósito, entre outros, poderá criar estratégias para a elaboração do texto final de uma maneira mais consciente e eficaz.

### **3.2 Análise das traduções do texto – *La plataforma se hunde en el Golfo* – Grupo B (Anexo IV)**

Com relação às traduções do grupo B, percebe-se de maneira geral, que os alunos ficaram muito presos ao texto-fonte, visto que em diversos momentos mantiveram exatamente as mesmas palavras e o

mesmo conteúdo do texto-alvo.

A respeito do título da reportagem, das 8 duplas, 7 mantiveram o mesmo título do texto-fonte: *La Plataforma se hunde en el Golfo*.<sup>16</sup> E apenas 01 dupla (**B2**) teve a preocupação em contextualizar o leitor, informando-o sobre o local do acidente, como mostra o exemplo abaixo:

*Plataforma afunda no Golfo do México.*

Em relação ao conteúdo das traduções, nenhum grupo optou por escolher um foco diferente do texto-alvo e adicionar informações novas, como fizeram alguns alunos do grupo A. Como também não acrescentaram qualquer tipo de elemento-não verbal, como fotos ou mapas para melhor localizar o leitor.

Tal atitude vem a confirmar a concepção que os alunos têm a respeito da atividade tradutória, pois quando relatam suas dificuldades para traduzir ambos os textos, o jornalístico e o folheto, a grande maioria ressaltou em suas respostas que os obstáculos estavam relacionados às escolhas lexicais.

**(B5)** *para alguns vocábulos ficamos na dúvida e traduzir literalmente ou de maneira mais acessível para uma melhor compreensão*

**(B6)** *Sim, as palavras como: allegados, rociaron, encaramado, tapizantes (...)*

**(B7)** *(...) não tivemos muitas dificuldades, as principais foram léxicas*

Provavelmente os alunos ficaram em dúvidas sobre optar por uma ou outra palavra, justamente porque não sabiam para quem estavam traduzindo nem onde seria publicado o texto.

Com relação a esse ponto, Nord (1991) resalta que as escolhas léxicas que o tradutor fará, dependerá da situação comunicativa em que funcionará o texto como também do conhecimento prévio que o leitor

---

16 A Plataforma afunda no Golfo

dispõe acerca do tema tratado. Por exemplo, como escolher entre uma palavra coloquial e uma técnica num determinado texto? Primeiramente, é necessário saber se o texto será dirigido a um público leigo no assunto ou a um público que tem domínio sobre o tema tratado, como por exemplo, especialistas de uma área de conhecimento. Se o tradutor não estiver ciente dessa variável importante, certamente terá dificuldades quando tiver que tomar uma decisão relacionada ao léxico.

No que diz respeito ao público-alvo, por exemplo, não houve nenhum relato que questionasse uma dificuldade em traduzir o texto porque o leitor-alvo era desconhecido. Com relação a isso, notou-se, tanto pelas produções textuais quanto pelos relatos dos estudantes após as traduções, que realmente eles não tinham consciência de quem era seu leitor, e sendo assim, preocuparam-se somente em traduzir palavras, desconsiderando, portanto, o fator cultural. Os dois exemplos abaixo demonstram essa atitude:

**(B1)** *A tradução foi feita buscando o entendimento de qualquer pessoa, não buscando um determinado grupo.*

**(B7)** *por estarmos traduzindo para o português algumas vezes facilitamos na tradução para que o texto mexicano ficasse compreensível em português, que tivesse sentido*

O grupo B1 claramente relata que não pensou num leitor específico, já o grupo B7 revela uma preocupação em deixar o texto-alvo compreensível na língua portuguesa, mas não conseguiram pensar num leitor específico.

A partir de relatos de outros alunos bem como suas traduções, é possível notar que a concepção de tradução ainda é muito “fechada”, isto é, o foco ainda está nas questões linguísticas. Embora alguns relataram que o fator cultural era relevante no momento de traduzir assim como ter consciência do público-alvo, não conseguiram colocar em prática tal ideia, uma vez que realizaram uma tradução literal apontando como única dificuldade a preocupação em traduzir palavras, como se pode observar nos exemplos abaixo:

**(B5)** *Sim. Pensamos que o público-alvo é muito importante para tradução para que ele possa compreendê-la.*

**(B6)** *(...) acredito que seja traduzir os elementos linguísticos de uma língua para outra, considerando os fatores socioculturais como relevantes na hora de traduzir.*

De acordo com Hurtado Albir (1999) quando não se tem objetivos e metodologias claras, a tradução acaba se tornando uma operação mecânica de transcodificação linguística em que o professor apenas a aplica em sala para verificar se os alunos aprenderam certas estruturas gramaticais da LE como também para verificar a aprendizagem de novas palavras. Vista sob essa ótica, a tradução não consegue abarcar a dimensão histórico-cultural defendido por Nord (1991).

### **3.3 Análise do trecho Baño do texto *Agua – consejos para su ahorro* – Grupo A (Anexo III)**

O folheto *Agua – consejos para su ahorro*, como já dito anteriormente, foi produzido em 2006 para alunos de uma escola bilingue no México e tinha como propósito aconselhar estes alunos e seus familiares para a economia de água em casa.

O texto está subdividido em 5 partes: banheiro, carro, jardim, roupa e cozinha.<sup>17</sup>

Abaixo segue um quadro com o fragmento *Baño* do texto-fonte *Água* e uma breve descrição do mesmo. Em seguida seguem as análises das traduções organizadas da seguinte maneira: primeiramente há

---

17 É importante salientar que o folheto não foi traduzido na íntegra por uma questão de tempo, pois como dito na metodologia houve 4 encontros de 1h40 cada, para toda a aplicação do experimento. Os trechos que aparecem na análise foram previamente selecionados por mim e utilizei como critério de seleção, as partes que provavelmente apresentariam problemas de tradução.

comentários breves acerca de cada tradução e no final há um comentário geral das traduções.

Fragmento do texto-fonte *Agua*

**Baño**

**Público-alvo:** alunos (e familiares) do Colegio Internacional Terranova, México

*Usa regadera em vez de tina al bañarte; cierra la regadera mientras te enjabonas. Junta el agua de la regadera en una cubeta mientras sale fría y úsala para el inodoro, para tus macetas o para trapear. **Ahorrarás aproximadamente 100 litros cada vez que te bañes.***

*Cambia los inodoros tradicionales por ecológicos de doble carga para usar sólo el agua que necesitas. **Reducirás el consumo de agua a la mitad.***

*En inodoros tradicionales puedes meter una o dos botellas con agua o piedritas dentro de la caja para disminuir la cantidad de cada descarga.*

Como é possível observar neste trecho, o texto-fonte sugere aos seus leitores o uso da chuveiro ao invés da banheira e recomenda que durante o banho enquanto se ensaboia deve-se manter a torneira do chuveiro fechada. Outra sugestão diz respeito ao armazenamento da água fria que cai do chuveiro para usar no vaso sanitário, para regar plantas ou ainda para limpar a casa. Talvez este conselho se deve ao fato do chuveiro ser a gás e, sendo assim, ao ligá-lo demora alguns instantes até que a água aqueça.

Aconselha-se também a trocar os vasos sanitários tradicionais por ecológicos de dupla carga e assim se gastará água na medida certa.

Esta sugestão parece realmente bastante indicada ao leitores do folheto, já que a escola preocupada com questões ambientais e ecológicas, mantém em sua infraestrutura este tipo de vaso sanitário como também torneiras com dispositivos que economizam água<sup>18</sup>. Sendo assim, o fato dos alunos vivenciarem essas práticas cotidianamente, acaba se tornando parte de suas rotinas e certamente é um conselho muito válido para se aplicar em casa.

Com relação aos elementos não-verbais, como já mencionado, o folheto não apresenta ilustrações.

Pelas informações que se tem a respeito do leitor-alvo deste folheto, é possível dizer que o conteúdo deste fragmento dialoga com este leitor, isto é, o autor do texto teve a preocupação em reunir informações que fossem relevantes e que fizessem parte da realidade de mundo deste público. De acordo com Nord (1991) todo texto (seja traduzido ou não) tem um propósito, uma função, ou seja, sempre que escrevemos algo o fazemos com alguma intenção: informar, persuadir, divulgar, entre outras. E para que se possa atingir o propósito é necessário ter consciência do leitor-alvo, e, assim o tradutor poderá criar estratégias analisando quais informações serão pertinentes ao texto, que tipo de registro linguístico deverá empregar, tendo como intuito estabelecer um contato mais próximo possível entre o texto e o leitor.

A seguir, são analisadas as traduções realizadas pelos alunos do grupo A que tiveram um aporte teórico da teoria funcionalista de Nord.

<p style="text-align: center;"><b>Tradução funcionalista</b></p> <p><b>Público-alvo:</b> alunos do Colégio de Aplicação /UFSC - Florianópolis-SC</p>
<p><b>A1 (Anexo II)</b></p> <p><i>Água ... Que falta faz! (Capa do Folheto)</i></p>

---

18 Informação dada por uma funcionária da escola a partir de uma mensagem de e-mail enviada por mim.

*Desligar o chuveiro enquanto de ensaboa. Assim você poderá economizar até 50 litros de água a cada banho.*

*Colocar pedras ou garrafa pet na caixa de descarga para diminuir a quantidade de água a cada uso.*

*Feche a torneira ao escovar os dentes*

*Quando construir ou reformar dê preferência às caixas de descarga em lugar de válvulas.*

Com relação aos elementos não-verbais, esse folheto traz na capa uma imagem dos personagens infantis da Turma da Mônica que estão sentados “em cima” do planeta Terra e esboçam um olhar de preocupação ao verem uma torneira aberta desperdiçando água. A escolha dos personagens da história em quadrinho criada por Maurício de Souza foi bem acertada, ao meu ver, pois a grande maioria de crianças e adolescentes brasileiras independentemente de classe social conhecem os personagens, já que culturalmente fez ou ainda faz parte de seu universo. Sendo assim, há uma aproximação com os leitores já na capa do folheto e de uma certa forma pode provocar-lhes uma atitude positiva com relação a economia de água, por se identificarem com os personagens. Acima da figura os alunos também acrescentaram a frase: *ÁGUA ... QUE FALTA FAZ!*

Na primeira página do folheto os alunos optaram por não mencionar a informação do texto-fonte “Use o chuveiro ao invés da banheira”. Tendo em vista que o seu público-alvo são crianças e adolescentes de um colégio público brasileiro, talvez os alunos do grupo A1 não consideraram pertinente e adequado manter esse trecho, já que culturalmente não é comum ter banheiras nas residências de maneira em geral.

Por outro lado, acrescentaram duas informações que não constavam no texto-fonte:



*Feche a torneira ao escovar os dentes*

*Quando construir ou reformar dê preferência às caixas de descarga em lugar de válvulas.*

<p style="text-align: center;"><b>Tradução funcionalista</b></p> <p><b>Público-alvo:</b> alunos do Colégio de Aplicação /UFSC - Florianópolis-SC</p>
<p><b>A2 (Anexo III)</b></p> <p><i>COMO ECONOMIZAR ÁGUA?</i></p> <p><i>Consumir água de forma eficiente é muito mais fácil do que você imagina! Siga esses conselhos e economize! (Capa do folheto)</i></p> <p><i>Ao tomar banho, feche o chuveiro enquanto você se ensaboa e esfrega, assim você economizará água.</i></p> <p><i>Coloque uma ou duas garrafas pet com água ou pedrinhas dentro do reservatório do vaso sanitário, assim você diminui o uso de água em cada descarga.</i></p>

Na capa do folheto os alunos mantiveram as duas frases contidas no texto-fonte:

*Consumir água de forma eficiente é muito mais fácil do que você imagina! Siga esses conselhos e economize!*

Acrescentam também na capa uma imagem do planeta Terra com um formato de um rosto.

Assim como no folheto A1, os alunos não mencionaram o

primeiro conselho que consta no texto-fonte “*Use o chuveiro ao invés da banheira*” e talvez pelo mesmo motivo apontado pelo grupo A1, isto é, que provavelmente não lhes parecia uma informação relevante ao seu público-alvo.

Foi omitida também a recomendação sobre o uso do vaso sanitário ecológico e provavelmente consideraram que segundo o padrão socioeconômico do público-alvo tal informação não seria relevante.

### **Tradução funcionalista**

**Público-alvo:** alunos do Colégio de Aplicação /UFSC - Florianópolis-SC

#### **A3 (Anexo III)**

*Água. Ajude a economizar.*

*A água doce é um recurso finito do Planeta Terra.*

*E o processo de tratamento da água é criterioso e caro.*

*Por isso, use racionalmente e evite qualquer desperdício.*

*O banho é o momento em que o pão-duro entende que “tempo é dinheiro”. Ao entrar no chuveiro, procure não abrir a torneira a toa, pois você estará gastando água, luz e tempo. A água que jorra sem controle pelo chuveiro pode lhe faltar amanhã. O tempo de permanência no banho deve ser controlado. Todos concordam que o chuveiro é um ótimo lugar para refletir, mas se o seu caso é de lerdiza mesmo, passe a cronometrar seu tempo no chuveiro e compare sempre com os dois dias anteriores. Um banho de 15 minutos gasta, em média, 130 litros de água.*

*Procure não deixar a torneira pingando, conserte-a o mais rápido possível. Uma torneira gotejando, gasta 46 litros de água por dia; un*

*filete desperdiça de 180 a 750 litros/dia; e uma torneira jorrando gasta 25 mil a 45 mil litros/dia.*

*Não use vaso sanitário como lixeira. Se possível coloque um vaso sanitário com a caixa acoplada. Você estará economizando em média 20 litros/dia por uma descarga sempre regulada e não fique apertando-a sem necessidade, pois isso gasta muita água!*

*Quando estiver escovando os dentes, deixe a torneira fechada! Gastamos aproximadamente, 10 litros de água quando escovamos os dentes por cinco minutos com a torneira aberta. Para economizar, abra a torneira apenas para molhar a escova e enxaguar a boca.*

Este folheto traz informações bem mais detalhadas e com uma linguagem coloquial, o que pode causar uma aproximação do texto com o leitor, visto que este pode se sentir identificado com o registro linguístico utilizado. Abaixo há alguns exemplos:

*- O banho é o momento em que o pão-duro entende que “tempo é dinheiro”.*

*- Ah! E lembre: nada de ficar pegando um copo limpo a cada vez que você for tomar água, pois para cada copo que você suja, são necessários pelo menos dois outros copos de água para lavá-lo.*

*- O Planeta Terra precisa da nossa ajuda. Não seja maluco de desperdiçar água!*

Os alunos também acrescentaram figuras ilustrando cada conselho sugerido, o que se torna atraente para o leitor e ao mesmo tempo didático. Outro ponto relevante do texto refere-se aos números sobre desperdícios de água, que pode trazer ao leitor uma maior conscientização. Para ilustrar, abaixo há dois exemplos:

*Procure não deixar a torneira pingando, conserte-a o mais rápido possível. Uma torneira gotejando, gasta 46 litros de água por dia*

*(...) passe a cronometrar seu tempo no chuveiro (...) Um banho de 15 minutos gasta, em média, 130 litros de água.*

### **Tradução funcionalista**

**Público-alvo:** alunos do Colégio de Aplicação /UFSC - Florianópolis-SC

#### **A4 (Anexo III)**

*Cuide do planeta. Economize água (capa do folheto)*

*Durante o banho feche a torneira do chuveiro enquanto estiver se ensaboando. Você economiza 100 litros de água no banho.*

*Se o vaso sanitário do seu banheiro possui caixa de descarga, coloque dentro da caixa uma garrafa com pedras para diminuir a quantidade de água que se acumula na caixa. Você economiza 2 litros de água por descarga.*

Na capa do folheto os alunos adicionaram uma imagem do Planeta Terra e abaixo, representando a união em prol da economia de água, acrescentaram um desenho de três pessoas de mãos dadas.

Assim como os outros grupos, não mantiveram a informação do texto-fonte: *Use o chuveiro ao invés da banheira*. Também não mencionaram o conselho para trocar os vasos sanitários comuns por ecológicos, como sugeriu o texto-fonte.

Com relação aos elementos não-verbais, acrescentaram ilustrações que contribuem para um material mais atrativo para o leitor.

<p><b>Tradução funcionalista</b></p> <p><b>Público-alvo:</b> alunos do Colégio de Aplicação /UFSC - Florianópolis-SC</p>
<p><b>A5 (Anexo III)</b></p> <p><i>1ª gota: Consumir água de forma eficiente é muito mais fácil do que imaginas</i></p> <p><i>2ª gota: Conselhos para economizar em diferentes partes da casa</i></p> <p><b>No BANHEIRO</b></p> <p><i>Enquanto te ensaboas feche o chuveiro, assim economizarás aproximadamente <b><u>100 litros de água*</u></b> cada vez que tomas banho.</i></p> <p><i>Troque os vasos sanitários tradicionais pelos ecológicos (foto abaixo) para usar somente a água que necessitares. Isso reduzirá o consumo de água pela <b><u>metade</u></b>.</i></p> <p><i>Se tiveres na tua casa um vaso comun, podes colocar <b><u>uma ou duas garrafas com pedrinhas ou água</u></b> dentro da caixa para diminuir a quantidade de água por descarga.</i></p> <p><b>* grifos dos autores</b></p>

Diferente dos outros folhetos, este apresenta o formato de uma torneira e os conselhos para economizar água aparecem dentro de cada gota. Os alunos que criaram o material tiveram a preocupação em fazer algo criativo e que chamassem a atenção de seu leitor. No caso, como se tratava de crianças e adolescentes, acredito que fizeram uma excelente opção no layout do folheto, visto que se tornou bastante atrativo.

Assim como os demais grupos, não mencionaram a primeira informação que aparece no texto-fonte: *Use o chuveiro ao invés da*

*banheira*. Por outro lado, foi o único grupo que manteve o conselho para trocar vasos sanitários comuns por ecológicos de dupla carga.

Um ponto que vale a pena mencionar diz respeito ao uso do pronome de tratamento *tu* que este grupo adotou em sua tradução. Acredito ter sido uma boa opção, já que grande parte dos leitores poderiam se sentir identificados pelo fato de usarem tal pronome em seu cotidiano.<sup>19</sup>

*Se tiveres na tua casa um vaso comum (foto acima), podes colocar uma ou duas garrafas com pedrinhas ou água*

*Enquanto te ensaboas feche o chuveiro, assim economizarás aproximadamente 100 litros de água cada vez que tomas banho.*

### **Comentário geral:**

De uma maneira geral, todos os folhetos produzidos pelos alunos do grupo A demonstraram uma preocupação com a situação comunicativa bem como com o seu leitor-alvo. O fato de ambos os leitores, tanto do texto-fonte como do texto-alvo, serem crianças e adolescentes não significa afirmar que necessariamente transitam num mesmo universo cultural. Na verdade, este é um fator fundamental a ser considerado quando se faz uma tradução, uma vez que o tradutor tem que ter consciência da realidade socio-cultural em que está inserida o seu público para que então possa fazer suas tomadas de decisão, isto é, analisar quais são as informações relevantes e irrelevantes que deve considerar como também as escolhas léxicas que fará na elaboração do texto-alvo.

De acordo com Nord (1991), as escolhas léxicas são influenciadas pela função textual como também pelo gênero textual para o qual se traduz, por exemplo, documentos legais normalmente se caracterizam por um léxico mais arcaico, já manuais de uso de produtos

19 O Colégio de Aplicação-UFSC está localizado na cidade de Florianópolis e o uso do pronome de tratamento *tu* é muito produtivo na cidade.

eletrônicos requer uma linguagem mais técnica e no gênero textual folheto tendo em vista seu público-alvo, crianças e adolescentes de uma escola, recomenda-se utilizar uma linguagem coloquial para aproximar o leitor a esse texto.

Dessa maneira, os alunos tiveram o cuidado de elaborar um texto que comunicasse com o seu público-alvo, pois levaram em consideração o fato do texto-fonte ter sido elaborado em um determinado contexto cultural e tiveram a preocupação de rever os conteúdos que seriam essenciais ou desnecessários para o leitor-alvo, este por sua vez inserido em um contexto cultural distinto. É fundamental que o aluno tenha consciência dessas variáveis durante o processo tradutório para que não tenha como único foco as questões linguísticas, isto é, se preocupem apenas em buscar uma palavra que corresponda literalmente ao vocábulo encontrado no texto-fonte.

Tal atitude se pode comprovar a partir de dois exemplos em que os alunos optaram por não traduzir, tendo em vista a realidade cultural de seu leitor. São eles:

- *Usa regadera en vez de tina al bañarte*<sup>20</sup>

- *Cambia los inodoros tradicionales por ecológicos de doble carga para usar sólo el agua que necesites*<sup>21</sup> (com exceção do grupo A5 que manteve este trecho)

O fato dos participantes desta pesquisa fazerem parte do mesmo universo cultural de seus leitores, isto é, ter convivência na cultura brasileira, acredito ter facilitado no momento de fazer suas escolhas tradutórias. Com relação ao primeiro excerto, todos os grupos preferiram não mencioná-lo, já que o fato de ter banheira em casa não é algo tão comum em nossa cultura quando nos referimos à população como um todo. Está relacionado mais à pessoas que tem um poder aquisitivo médio ou alto, ou seja, não seria uma característica da maioria

---

20 *Usa o chuveiro ao invés da banheira*

21 *Troca os vasos sanitários tradicionais por ecológicos de dupla carga para usar somente a água que você precisa*

dos leitores do folheto.

Algo semelhante ocorre com o segundo excerto quando o texto-fonte sugere o uso de vasos sanitários ecológicos. O fato da escola internacional ter como filosofia a preocupação com questões ecológicas e ambientais, e também terem em sua infraestrutura este tipo de vaso sanitário, parece muito adequado que aconselhe seus leitores a tomarem a mesma atitude em suas residências. Por outro lado, não me parece que o mesmo acontece com os leitores do Colégio de Aplicação, não me refiro à importância de ter em casa um vaso sanitário que economize mais água, mas talvez pela questão econômica de sugerir que se troque os vasos comuns pelos ecológicos. É provável que este pensamento levou os alunos a não manter este trecho, com exceção do grupo A5.

Com relação aos elementos não-verbais, todos os grupos incluíram ilustrações, o que me pareceu bastante positivo, uma vez que o material seria divulgado entre crianças e adolescentes, é uma forma de deixá-lo mais atrativo e assim chamar a atenção dos leitores.

De maneira geral como se pode observar na análise dos textos produzidos pelos alunos do grupo A, que traduzir envolve uma série de fatores extratextuais, como por exemplo, a situação comunicativa em que funcionará o texto-alvo, o leitor e suas características, o gênero textual, entre outros, que definirão certamente as estratégias que o tradutor deve criar para se chegar a elaboração de um texto funcional, isto é, que comunique. Em outras palavras, os alunos prezaram pelo principal fundamental do funcionalismo, isto é, priorizaram a situação comunicativa e não ficaram “presos” às formas linguísticas.

É possível constatar esse fato não só pelas traduções apresentadas pelos alunos como também pelas respostas dadas no questionário à pergunta: *O que você entende por tradução?* Abaixo seguem alguns exemplos que demonstram uma concepção de tradução preocupada com questões culturais:

(12) *É uma área [tradução] na qual é responsável por fazer uma ponte de uma língua a outra.*

(26) *Tradução é recriar o texto para determinada situação e leitor, sempre respeitando o enfoque e a finalidade desta tradução.*



Com relação à pergunta: *Você acredita que o gênero textual pode interferir na técnica de tradução?*, os alunos também demonstraram que conhecer o gênero textual para o qual se traduz é um fator relevante.

(12) *Sim, pois as estruturas são diferentes.*

(26) *Sim, porque cada gênero terá um enfoque diferente do outro e o leitor final também será diferente.*

(30) *Sim. O tradutor precisa conhecer o tipo do gênero com que vai trabalhar, suas características, seu leitor, seu enfoque, sua origem.*

Em seguida, apresento uma análise dos textos traduzidos pelos alunos do Grupo B, que não receberam qualquer tipo de orientação sobre a perspectiva funcionalista e apenas lhes foi indicado que traduzissem o folheto para o leitor brasileiro, mas não foi especificado quem seria este público, nem onde seria publicado o material.

### **3.4 Análise do trecho *Baño* do texto *Agua – consejos para su ahorro* - Grupo B (Anexo IV)**

Diferentemente das traduções apresentadas pelo grupo A, os alunos do grupo B optaram por uma tradução literal e demonstraram uma preocupação maior com questões linguísticas. Sendo assim, todos os grupos mantiveram as mesmas informações que constavam no texto-fonte, ou seja, não omitiram e tampouco acrescentaram dados novos.

Com relação à primeira recomendação do folheto sobre o uso do chuveiro ao invés da banheira para economizar mais água, vale a pena ressaltar a justificativa dada por um grupo de alunos por manter o trecho:

*(...) por exemplo ao traduzir a palavra “banheira” pensamos que não é uma realidade da maioria brasileira, mas que, por outro*

*lado, todos têm conhecimento do que é* (grifo meu)

É interessante perceber no relato acima que os alunos têm consciência do fato de que ter banheira em casa não é uma realidade da maioria da população brasileira, mas mesmo assim, eles mantiveram a informação sugerida no texto-fonte. Provavelmente tomaram essa decisão, pois a única informação que receberam na tarefa é que deveriam traduzir para o leitor brasileiro, mas não foi especificado as características deste público-alvo.

Mais um vez, nota-se a importância de conhecer o entorno cultural do leitor, para saber então, que informações são pertinentes e adequadas a este público.

Abaixo há apenas dois exemplos que serão brevemente comentados pelo fato de i) haver erro de interpretação por parte dos alunos; ii) por apresentar léxico diferente do texto-fonte.

O primeiro exemplo refere-se à tradução da frase *Cambia los inodoros tradicionales por ecológicos de doble carga para usar sólo el agua que necesites*, em que os alunos do grupo B3 e B4 traduziram por:

*Troque os vasos sanitários por ecológicos que possuem o dobro da capacidade assim utilizando somente a água necessária.*

Na realidade, a sugestão do texto-fonte refere-se aos vasos sanitários que possuem duas válvulas de descarga, em que uma delas, quando acionada, gasta menos água que a outra. Os alunos parecem ter interpretado mal o enunciado quando mencionaram *vasos sanitários que possuem o dobro da capacidade*, pois na verdade pareceu apresentar uma ideia contrária à indicada no texto-fonte, quando eles mencionam a palavra *dobro*.

Com relação ao segundo exemplo, o grupo B9 optou por uma linguagem bem coloquial, como se pode observar no exemplo abaixo. Em lugar da palavra *vaso sanitário* preferiram usar um vocábulo mais regional: *bacio*. Outro exemplo refere-se a expressão do texto-fonte *trapear* que significa limpar o chão e os alunos optaram por uma frase bem utilizada no dia a dia: *passar pano*.

**(B9)** *Ao ligar o chuveiro, deixe um balde para que utilize a água fria, que cai inicialmente, no bacio, no vaso de planta ou para passar pano em sua casa.*

Mantiveram o pronome de tratamento *tu* assim como indicava o texto-fonte. Neste caso, não é possível afirmar se os alunos preferiram fazer uma tradução literal ou optaram pelo pronome *tu* pelo fato de se identificarem com tal forma de tratamento.

*Nas caixas de água dos bacios tradicionais podes colocar uma ou duas garrafas com água ou pedras pequenas dentro da caixa para diminuir a quantidade de cada descarga.*

É interessante observar que mesmo não recebendo qualquer informação sobre o público-alvo para qual deveriam traduzir o folheto, o grupo B9 de uma certa forma, pelo menos no trecho analisado, pode ter realizado suas escolhas tradutórias pensando em algum leitor específico. Outro ponto a ser destacado também é quando respondem à pergunta sobre o que entendem por tradução, em que um dos alunos relata que traduzir é uma recriação:

*Traduzir é recriar léxico, cultura*

Já para a maioria dos alunos do grupo B, a tradução está focada em questões linguísticas bem como na ideia de equivalência entre as línguas, como se pode observar nos exemplos a seguir:

**(1)** *Buscar o significado equivalente em outra língua.* (grifo meu)

**(6)** *É aproximar o mais perto possível uma língua da outra, sem perder as formas originais do texto principal.* (grifo meu)

**(9)** *Interpretar um texto oral ou escrito e transportar esse texto com a maior fidelidade possível a outra língua.* (grifo meu)

**(10)** *Entendo por tradução a transcrição de uma língua para*

outra. (grifo meu)

No que concerne ao conceito de fidelidade apresentado por alguns alunos, ainda está bastante enraizada a ideia de que não se pode “trair” o texto original e por isso deve-se transportar todas as informações para o texto traduzido. Esta concepção ainda está muito vinculada a ideia de que texto é um mero conjunto de códigos linguísticos. Por outro lado, o funcionalismo apresenta uma concepção oposta, em que a fidelidade está voltada para o receptor, isto é, a tradução precisa ser “fiel” aos seus objetivos bem como às expectativas de seu leitor (NORD, 1991).

Esta visão da qual a maioria dos alunos do grupo B compartilha, transparece em suas traduções e, dessa forma, não conseguem abarcar a dimensão histórico-cultural pelo qual passa todo processo de tradução, isto é, o envolvimento de sistemas culturais com suas respectivas convenções de comportamento. E será papel do tradutor avaliar e decidir quando adaptar tais convenções ao texto-alvo para que então evite problemas culturais que podem causar dificuldades de interpretação, distanciamento e estranheza para o leitor que recebe o texto traduzido. Esses problemas culturais podem estar relacionados com as formas de tratamento, convenções de pesos e medidas, convenções estilísticas, etc (NORD, 1991).

Como mencionado na introdução deste trabalho, de acordo Hurtado Albir (1999) quando se trabalha com tradução em sala de aula em que o professor não estabelece os objetivos que deseja alcançar com a tarefa, acaba se tornando uma atividade mecânica pautada em transcodificação linguística. Dessa maneira, não se promove discussões e reflexões sobre a complexidade que envolve o processo tradutório como também acaba transformando a língua num mero objeto linguístico, disvinculado do seu entorno cultural. Sendo assim, torna-se difícil promover a ampliação sobre o conceito de língua dos alunos de LE, uma vez que se reforça um posicionamento baseado no estruturalismo.

**3.5 Análise do trecho *Jardín* do texto *Agua – consejos para su ahorro***  
**- Grupo A (Anexo III)**

<p>Fragmento do texto-fonte <i>Agua</i></p> <p><b>Jardín</b></p> <p><b>Público-alvo:</b> alunos (e familiares) do Colegio Internacional Terranova, México</p>
<p><i>Conoce el microclima de tu jardín.</i></p> <p><i>Agrupas las plantas según su consumo de agua para facilitar la economía del sistema de riego.</i></p> <p><i>Escoges plantas autóctonas, sólo necesitarás una pequeña aportación de agua en los meses cálidos.</i></p> <p><i>Utilizas plantas tapizantes sustitutas del césped.</i></p>

Este trecho sugere ao leitor que conheça bem o seu jardim para que possa separar as plantas de acordo com o seu consumo de água, pois assim evitaria o desperdício no momento de regá-las. Acrescenta também que se deve optar por plantas nativas já que necessitam pouca água. Aconselha a usar plantas rasteiras ao invés da grama.

De maneira geral, utiliza frases curtas e sucintas.

<b>Tradução funcionalista</b> <b>Público-alvo:</b> alunos do Colégio de Aplicação /UFSC - Florianópolis-SC
<b>A1 (Anexo III)</b>  <i>Usar o regador ao invés da mangueira de água. Assim você poderá distribuir melhor a água ao regar as plantas</i>  <i>Reutilize a água da chuva para regar as plantas</i>

O folheto A1 não mencionou as informações contidas no texto-fonte e, por outro lado, acrescentou duas informações novas, como pode ser observado no texto acima. Talvez não considerassem pertinentes para o seus leitores os conselhos sugeridos pelo texto-fonte e decidiram por sugerir outros.

Assim como na capa do folheto, adicionaram uma ilustração dos personagens da Turma da Mônica.

<b>Tradução funcionalista</b> <b>Público-alvo:</b> alunos do Colégio de Aplicação /UFSC - Florianópolis-SC
<b>A2 (Anexo III)</b>  <i>Escolha plantas adequadas ao seu jardim, agrupe as plantas conforme o seu consumo de água e prefira o regador em lugar da mangueira;</i>  <i>Prefira plantas que consumam pouca água, assim você só precisará regá-las nos meses mais quentes</i>

<i>Substitua a grama por plantas rasteiras</i>
--

De maneira geral, o folheto A2 manteve as informações do texto-fonte, porém apresentou uma linguagem coloquial, o que parece estar mais adequada ao seu leitor-alvo. Um exemplo a ser citado encontra-se no primeiro conselho do texto-fonte: *Conoce el microclima de tu jardín*. Os alunos preferiram uma frase mais simples que expressa o mesmo sentido como também adicionaram um conselho que não consta no texto-fonte:

*Escolha plantas adequadas ao seu jardim, agrupe as plantas conforme o seu consumo de água e prefira o regador em lugar da mangueira;*

Algo semelhante aconteceu também com a frase: *Escoge plantas autóctonas, solo necesitarás una pequeña aportación de agua en los meses cálidos*. O grupo A2 optou por uma frase mais simples: *Prefira plantas que consumam pouca água, assim você só precisará regá-las nos meses mais quentes.*

A palavra *autóctone* existe em português e tem o mesmo significado em espanhol: “originário do próprio solo, que nasce do próprio solo (plantas)<sup>22</sup>, porém não é um vocábulo coloquial e a opção apresentada pelos alunos me pareceu mais adequada quando pensamos no público-alvo do folheto.

<b>Tradução funcionalista</b>
<b>Público-alvo:</b> alunos do Colégio de Aplicação /UFSC - Florianópolis-SC
<b>A3 (Anexo III)</b>

22 Definição apresentada pelo Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2001, p. 349, 1ª edição, Rio de Janeiro.

*Para cuidar do jardim, substitua a mangueira por um regador, para regar onde é necessário. Procure regar no começo da manhã ou no final da tarde, momentos em que ocorre menos evaporação de água evitando-se o desperdício. No inverno, regar em dias alternados e de preferência nos primeiros horários da manhã.*

### **Cozinha**

*Antes de começar a lavar a louça, devemos raspar os restos de comida e deixar de molho as panelas ou as louças muito sujas. Ensaboe tudo o que for lavar com a torneira fechada e abra a torneira apenas na hora enxaguar. Ah! E lembre: nada de ficar pegando um copo limpo a cada vez que você for tomar água, pois para cada copo que você suja, são necessários pelo menos dois outros copos de água para lavá-lo. Lavando a louça na pia com a torneira aberta só para enxaguar – Economia média: 200 litros/dia.*

### **Lavar roupa**

*Máquina de lavar roupas e louças: use somente com a capacidade máxima. O segredo para economizar água é deixar acumular peças e lavar tudo de uma só vez. Só ligue a máquina quando ela estiver cheia. As roupas muito sujas devem ser deixadas de molho antes de serem lavadas, pois, com isso, a sujeira sai mais fácil e com menos água. Ao lavar no tanque, deixe sempre a torneira fechada enquanto ensaboa e esfrega as roupas. Economia média: 50 litros/dia acionando os equipamentos a metade das vezes.*

*FAXINA: Substituir o esguincho pela vassoura, na limpeza de pisos na área externa. O resultado é o mesmo. Para áreas internas, como hall e salão de festas, um pano umedecido em um balde com água e produto de limpeza é a melhor solução.*

*Evite lavar calçadas com mangueira. Elas podem ser varridas para tirar a sujeira mais grossa. Depois, então, jogue a água depositada em um balde. O serviço fica mais rápido e eficiente. Lavar a calçada sem*



*fechar a torneira consome quatro litros de água por minuto.*

*Para lavar a garagem aproveite a água em que enxaguou a roupa.*

*Quando lavar o carro, ao invés do uso exagerado de água com a mangueira, utilize um balde e lave-o no jardim, não em áreas cimentadas, favorecendo a infiltração da água no solo. Assim você economiza 300 litros de água.*

***O planeta Terra precisa de nossa ajuda. Não seja maluco de desperdiçar água!***

Este folheto traz informações bastante pertinentes ao público-alvo, como por exemplo:

*Substituir o esguincho pela vassoura na limpeza de pisos na área externa.*

*Evite lavar calçadas com mangueira. Elas podem ser varridas para tirar a sujeira mais grossa.*

O Brasil é considerado um país “privilegiado” por possuir 12% de água doce de todo o mundo, e em contrapartida, tem uma má distribuição deste bem, que tem o tornado cada vez mais escasso.<sup>23</sup>

Estes conselhos são relevantes para a cultura brasileira, pois mesmo em pleno século XXI e com o alerta que se faz em todo o mundo para as questões ambientais, ainda em nossa cultura há muito desperdício de água, e sendo assim, me pareceu muito pertinente o fato dos alunos terem chamado a atenção de seus leitores para este tema.

Os alunos também se preocuparam em dar conselhos para o reaproveitamento da água, como se pode observar no trecho abaixo:

*Para lavar a garagem aproveite a água em que enxaguou a*

---

23 <<http://www.socioambiental.org/esp/agua/pgn/historicodaobra.html>> Acesso em 20 mar de 2012

*roupa.*

De maneira geral, o folheto A3 apresenta conselhos muito pertinentes para a economia de água no lar, e alguns momentos, parece direcionar-se não somente à criança ou adolescente como também à toda a família. Isso é possível observar em algumas sugestões dadas, por exemplo, com o cuidado na lavagem de roupas, limpeza da casa, entre outros. Trata-se de um folheto bastante informativo, inclusive porque também apresenta números sobre os desperdícios de água, o que pode provocar no leitor uma maior conscientização sobre o assunto. Abaixo seguem dois exemplos:

*Lavar a calçada sem fechar a torneira consome quatro litros de água por minuto.*

*Lavando a louça na pia com a torneira aberta só para enxaguar – Economia média: 200 litros/dia.*

Com relação aos elementos não-verbais, o texto apresenta bastante ilustrações que facilitam a leitura e também o deixa mais atrativo.

Quando comparado às outras traduções, este texto é o que apresenta maior número de informações ocupando 2 páginas, enquanto os demais folhetos ocupa apenas 1 página.

### **Tradução funcionalista**

**Público-alvo:** alunos do Colégio de Aplicação /UFSC - Florianópolis-SC

**A4** (Anexo III)

*Conheça as suas plantas e o quanto de água elas necessitam*

*Distribua as plantas de acordo com a necessidade de regalias*

*Substitua a grama por outras espécies mais resistentes, que não precisem de muita água.*

O folheto A4 apresentou de certa forma as mesmas informações do texto-fonte com uma linguagem mais simples e não manteve, por exemplo, os termos *autóctonas* e *microclima*, que já foram comentados anteriormente.

**Tradução funcionalista**

**Público-alvo:** alunos do Colégio de Aplicação /UFSC - Florianópolis-SC

**A5 (Anexo III)**

**No Jardim**

Conheça as tuas plantas:

agrupe as plantas de acordo com seu **consumo\*** de água para facilitar e economizar na hora de regar.

escolha **plantas nativas**, pois elas necessitam de uma pequena quantidade de água nos **meses quentes**.

substitui a grama por **plantas rasteiras**, como o **amor-perfeito** (foto)

***\* grifo dos autores***

Assim como os outros folhetos, o grupo A5 também optou por uma linguagem mais coloquial, por exemplo: em lugar de manter em os trechos *Conoce el microclima de tu jardín* e *Escoge plantas autóctonas* preferiram usar expressões mais simples: *Conheça as tuas plantas* e

*Escolha plantas nativas.* Com relação ao último conselho, os alunos sugerem substituir a grama por plantas como o amor-perfeito, já que se gastaria menos água para regá-las.

É possível observar a partir das escolhas léxicas que o grupo A5 teve a preocupação em elaborar um texto adequado ao seu leitor.

### Comentário geral

No que diz respeito ao trecho *Jardín*, os folhetos mantiveram praticamente as mesmas informações existentes no texto-alvo. Com relação ao primeiro conselho dado no texto-fonte: *Conoce el microclima de tu jardín*, apenas as duplas A4 e A5 optaram por manter a informação, mas não mantiveram o termo *microclima*, já que em português não é uma palavra coloquial e sendo assim, poderia causar nos leitores uma certa estranheza ou até mesmo uma dificuldade de interpretação. Preferiram usar: *Conheça as tuas plantas*.

Com a expressão *Escoge plantas autóctonas, sólo necesitarás una pequeña aportación de agua en los meses cálidos*, os alunos optaram por não manter o vocábulo *autóctonas*, já que em português não é uma palavra usada no dia a dia e pensando no leitor de chegada, preferiram expressões mais coloquiais, como por exemplo:

(A2) *Prefira plantas que consumam pouca água, assim você só precisará regá-las nos meses mais quentes.*

(A5) *Escolhas plantas nativas pois elas necessitam de uma pequena quantidade de água nos meses quentes.*

O grupo A3 trouxe informações relevantes que não constavam no texto-alvo e que ao meu ver, foram muito pertinentes e adequadas ao leitor brasileiro.

Apesar das traduções terem mantido quase todos os trechos do texto-alvo, os alunos tiveram a preocupação em usar léxicos adequados ao seu leitor, como se observou nos exemplos citados acima.

De acordo com Nord (1991), as escolhas lexicais estão

diretamente ligadas à situação comunicativa em que o texto-alvo irá funcionar como também ao leitor de chegada. Sendo assim, o tradutor deve analisar qual é o estilo de léxico usado no texto-fonte e verificar se no texto-alvo funcionaria o mesmo estilo ou se há necessidade de mudá-lo.

Com relação à pergunta realizada ao alunos do Grupo A “*Você acredita que a tabela da Nord com os elementos intratextuais e extratextuais te ajudou na tradução? Relate a experiência*” foi bastante positiva, pois segundo os alunos o modelo funcionalista os ajudou a compreender melhor o texto e a planejar a tradução de forma consciente. Abaixo seguem alguns depoimentos que demonstraram essa postura:

*As tabelas da Nord me ajudaram a ter uma visão geral do texto, a localizar informações importantes e a contrastar os elementos do texto fonte com os do texto meta, para definir os objetivos da minha tradução.*

*Creio ser esta tabela uma ideia muito inovadora e de muita utilidade pois, em muitos casos, nos quais o texto a ser traduzido seja mais dificultoso e complicado, ela ajuda a tornar claro o assunto, pôr as ideias na mesa e vê-las com clareza. A tabela também ajuda muito a não esquecer os pontos principais, não deixá-los passar despercebidos. Isso contribui muito quando a tradução é longa, minuciosa, com muitos detalhes.*

*Sim, pois no momento de traduzir temos em mente o propósito a ser traduzido e o leitor de chegada. É fundamental termos a tabela em mente, pois assim organizamos nosso pensamento, simplificando o ato de recriar o texto. Nord conseguiu com sua tabela focar os elementos chave para o processo de tradução, os fatores externos subdivididos traçam o perfil do texto juntamente com os fatores internos que divididos em tema, conteúdos, pressuposição, estruturação, etc, direcionam o tradutor.*

Como se pode observar a partir dos depoimentos acima, que o uso das tabelas de Nord no momento de traduzir foi bastante pertinente e

útil aos participantes, pois ajudou-lhes a ter uma visão mais ampla do processo tradutório. O relato dos alunos corrobora com a hipótese desse trabalho, pois como afirmado anteriormente, quando o tradutor não tem consciência de alguns elementos importantes, como por exemplo, para quem escreve e com que propósito escreve, pode correr o risco de elaborar um texto que não dialogue com o seu leitor-alvo. Em outras palavras, o modelo funcionalista proporciona ao tradutor uma percepção mais abrangente do texto e das variáveis que influenciarão em suas escolhas tradutórias.

### 3.6 Análise do trecho *Jardín* do texto *Agua – consejos para su ahorro* - Grupo B (Anexo IV)

Assim como no trecho *Baño*, os alunos do grupo B no trecho *Jardín* também optaram por uma tradução literal, mantendo quase sempre as mesmas palavras e estruturas do texto-fonte. Diferente do grupo A, o grupo B não apresentou nenhum tipo de elementos não-verbais, isto é, não colocaram nenhuma ilustração em seus folhetos.

Com relação ao primeiro conselho do folheto *Conoce el microclima de tu jardín*, metade dos alunos mantiveram o termo *microclima* e a outra metade optou por frases como:

*Conheça o ambiente do seu jardim*

*Conheça a atmosfera do seu jardim*

*Conheça as peculiaridades do teu jardim*

O uso do vocábulo *microclima* em português encontra-se mais frequentemente em contextos de especialistas e conhecedores da área de jardinagem. Portanto, se o folheto fosse destinado a este grupo de pessoas, acredito que o termo teria sido uma escolha adequada, uma vez que o leitor já estaria familiarizado com o léxico, e dessa forma, não causaria estranhamento ou problemas na comunicação. Por outro lado, o leitor que não pertence a um grupo de especialista na área de jardinagem, talvez o termo *microclima* não fosse o mais indicado.

Dessa forma, quando se produz um texto com o propósito de atingir a comunicação com o seu leitor, é fundamental buscar informações e conhecer as características desse público, pois certamente serão muito relevantes no momento em que o autor ou tradutor farão suas tomadas de decisão, como mostrou o exemplo acima.

No que diz respeito à frase *Escoge plantas autóctonas, sólo necesitarás una pequeña aportación de agua en los meses cálidos*, também houve uma atitude semelhante ao termo *microclima*, pois a metade dos alunos o traduziu literalmente e a outra metade preferiu frases como:

*Escolha plantas nativas  
Escolha plantas que consomem pouca água.*

*Escolha plantas que fazem seu próprio processo de irrigação, pois só precisará regá-las em meses mais quentes.*

Para o último conselho do folheto *Utiliza plantas tapizantes sustitutas del césped*, apenas um grupo optou pelo vocábulo *tapezantes*, que não foi uma boa escolha, já que em português não é possível encontrar registros de seu uso. Isto quer dizer que muito provavelmente o leitor teria dificuldade em compreender o enunciado.

Os demais alunos preferiram o termo *plantas rasteiras* e apenas um grupo optou por *plantas de forração*.

Assim como visto no trecho *baño*, os alunos do grupo B, pelo fato de não terem consciência de seu público-alvo, se preocuparam apenas em traduzir os códigos linguísticos do espanhol para o português e procuraram manter a tradução o mais próxima possível do texto-fonte.

Esta postura também pode ser observada nas respostas dos alunos com relação às seguintes perguntas:

- (1) *Você teve dificuldades em traduzir os textos? Exemplifique*
- (2) *Em algum momento você pensou para quem estava traduzindo, ou seja, quem era o seu leitor? Você acredita que este fator pode interferir na tradução?*

Com relação à primeira pergunta, abaixo seguem algumas respostas dos alunos que demonstraram que suas dificuldades estavam pautadas em questões linguísticas como também havia a preocupação em ser fiel ao texto-fonte:

*Não houve dificuldade em entender o conteúdo dos dois textos. Houve sim dificuldade de léxico, com as palavras: autóctonas e tapizantes* (grifo meu)

*Tivemos algumas dificuldades, como por exemplo, de vocabulário pois muitas palavras são distintas e outras apresentam regionalismos. Outro ponto foi na tradução palavra por palavra para que a frase fizesse sentido* (grifo meu)

*Foi difícil traduzir algumas palavras, tais como: microclima, tapizante* (grifo meu)

No que diz respeito à segunda pergunta sobre os possíveis leitores de suas traduções, algumas respostas mostram, de certa forma, uma preocupação com o público-alvo, como mostra o exemplo abaixo:

*Focamos os textos informativos para um leitor médio brasileiro. Sim, interferiu, porque a linguagem utilizada pelo tradutor deve atender as necessidades do leitor/receptor* (grifo meu)

No entanto, quando eles se referem ao leitor médio brasileiro, parece abrir um leque muito grande de possibilidades, já que a princípio não é um público determinado com características bem definidas. No caso do folheto, por exemplo, ter como público-alvo o leitor médio brasileiro, mas sem saber qual o local de circulação desse texto, também pode dificultar para o tradutor a elaboração do texto final, já que lhe faltam informações de contexto cultural. Assim como afirma Nord (1991), quanto mais se sabe do público-alvo, mais chances se tem de criar um texto que dialogue com este leitor.

Já no exemplo abaixo, a resposta revela claramente que o grupo não pensou num leitor específico, e sendo assim, por não ter consciência de seu público, dificulta para o tradutor criar estratégias e fazer suas



tomadas de decisão:

*A tradução foi feita buscando o entendimento de qualquer pessoa, não buscando um determinado grupo* (grifo meu)

O próximo exemplo, apesar da aparente preocupação em conhecer o público-alvo para o qual se traduz, os alunos afirmam que não priorizaram tal fato em suas traduções, já que não seriam publicadas.

*Sim, interfere pois leigos em determinado assunto podem não entender palavras e conceitos técnicos (...) como nossas traduções não serão publicadas não pensamos muito nisso.*

Pelo exposto, é possível perceber que a grande maioria dos alunos ainda compartilha da concepção de que traduzir é um mero processo de passar um texto de uma língua para outra, no qual não se considera os fatores extralinguísticos presentes em qualquer processo tradutório.

## **Considerações finais**

A proposta desta pesquisa como mencionado na introdução do trabalho é considerar a tradução em sala de aula de LE como uma habilidade que permite ao aluno conceber a língua como um elemento indissociável da cultura. Para tal, nos apoiamos nos pressupostos teóricos do funcionalismo de Nord para a tradução e nos pressupostos bakhtinianos para o conceito de língua.

Nord considera a tradução uma atividade comunicativa intercultural que abarca dimensões históricas e culturais. Para a autora, todo texto, seja traduzido ou não, é uma oferta informativa na qual o autor ou tradutor seleciona informações que sejam relevantes para o seu público-alvo. Acrescenta também que partindo do pressuposto que todo texto é elaborado para um público específico, a tradução deste texto para uma nova situação comunicativa e um novo leitor inserido em contexto cultural diferente, não pode ser equivalente ao texto-fonte (NORD, 2002).

Sendo assim, o texto-fonte adquire um carácter distinto da concepção tradicionalista que o considera como elemento central na tradução. No funcionalismo, o texto-fonte não é o protagonista do processo tradutório, já que há outros fatores pertinentes que devem ser levados em consideração no momento de traduzir, sendo estes dois os principais: o destinatário e o propósito da tradução. Em outras palavras, o tradutor deve ser leal ao seu público-alvo e à situação comunicativa em que o texto transitará, respeitando assim, o entorno cultural de quem receberá esse texto (NORD, 1991).

O modelo funcionalista como já vimos no capítulo anterior demonstrou ser uma base teórica bastante relevante durante o processo tradutório para o grupo A, visto que suas traduções demonstraram maior preocupação com questões extralinguísticas. Por outro lado, o grupo B, que apenas trabalhou com a ajuda de dicionários, apresentou traduções literais que evidenciavam uma preocupação em manter as mesmas informações contidas no texto-fonte.

A partir dos resultados obtidos de ambos os grupos, tornou-se evidente que o caminho percorrido pelo grupo A fez toda a diferença na

elaboração de suas produções textuais, pois se observou que pelo fato de terem sido levados a pensar em elementos extralinguísticos, como por exemplo, ter consciência para quem se escreve, quais são as informações que o leitor conhece sobre o assunto tratado e quais informações não compartilha pelo fato de estar inserido em contexto cultural diferente do contexto do leitor mexicano, entre outros fatores, permitiu-lhes ter uma perspectiva da atividade tradutória mais ampla que os alunos do grupo B.

Retomando o que foi tratado no capítulo da análise dos dados, comento brevemente alguns pontos relevantes que o uso da tradução na perspectiva funcionalista pode proporcionar ao ensino de LE.

### **- Ampliação do conceito de tradução e língua**

Este experimento mostrou que o modelo funcionalista proposto por Nord proporcionou aos sujeitos da pesquisa uma ampliação do conceito de tradução e consequentemente permitiu-lhes também ter uma visão mais abrangente da língua. De acordo com o que se observou nas traduções do grupo A, notou-se uma preocupação por parte dos alunos em compreender o texto não apenas como um conjunto de códigos linguísticos abstratos, mas sim como um gênero textual elaborado num determinado contexto destinado a um público-alvo específico, em que língua e cultura são elementos indissociáveis. Tal concepção se aproxima bastante do conceito de língua proposto por Bakhtin (2006) que afirma que a língua deve ser estudada e compreendida como uma atividade sociointeracional. Para o autor, a língua vista meramente como um sistema de códigos linguísticos apenas consegue “satisfazer uma abstração científica que só pode servir a certos fins teóricos e práticos particulares. Essa abstração não dá conta de maneira adequada da realidade concreta da língua” (BAKHTIN, 2006, p. 130). Para Bakhtin, a língua tem carácter social e por esta razão não deve ser disvinculada do seu entorno cultural.

Dessa forma, o uso do modelo funcionalista proporcionou ao alunos uma reflexão sobre o conceito de língua como também sobre os elementos envolvidos numa atividade tradutória.

### **- Conhecimento da cultura do Outro a partir dos gêneros textuais**

Segundo Bakhtin (2006) nos comunicamos sempre através de textos, seja oral ou escrito. E essa comunicação se dá através de enunciados relativamente estáveis, os chamados gêneros do discurso. São textos que encontramos no nosso cotidiano que tem uma função social e que imprime marcas culturais de um determinado grupo de pessoas.

Partindo destes pressupostos acerca dos gêneros textuais, é possível dizer que esse experimento proporcionou aos participantes o acesso à cultura do Outro a partir da leitura de um texto jornalístico e um folheto informativo, ambos elaborados no México.

Sendo assim, trabalhar com a tradução de gêneros textuais pode ser um caminho para conhecer a cultura do Outro.

### **- Produção textual**

De acordo com Reiss & Vermeer (1996) sempre que alguém produz um texto o faz de maneira consciente, dirigida a um leitor e com uma finalidade determinada. Os autores definem essa produção textual como uma “ação” e que estará condicionada às circunstâncias do momento e lugar em que será produzida. Ainda segundo os autores, em uma produção textual (seja oral ou escrita) a cultura é a estrutura mais profunda, visto que é um fator que determina, em última instância, se algo se diz ou escreve de tal maneira e como se formula o enunciado.

O uso da tradução em sala de aula proporciona ao aluno a prática de produção textual em LM ou LE dependendo dos objetivos que o professor estabelecer. No caso desta pesquisa, trabalhou-se com produção textual em LM, porém existe a possibilidade de fazer o caminho inverso, ou seja, partindo de um texto-fonte ou de um fato-fonte<sup>24</sup> em língua materna e produzir um texto em LE. Ambos os

---

24 Para Nord não é necessário existir um texto-fonte para que ocorra uma tradução, isto é, o tradutor pode receber a tarefa de produzir um texto-alvo a

caminhos são relevantes no processo de aprendizagem de LE, já que o aluno será levado a refletir sobre as considerações propostas por Reiss & Vermeer (1996) acerca dos elementos envolvidos numa produção textual.

Dessa forma, verificou-se que a base teórica desta pesquisa fundamentada no funcionalismo na área de tradução e nos pressupostos bakhtinianos no conceito de língua, dialoga com o enfoque comunicativo de ensino de LE, pois todos partem da premissa de que não se pode entender a língua dissociada de seu entorno cultural. Em outras palavras, o experimento mostrou, de certa maneira, que é possível fazer uso da tradução em sala de aula baseado no comunicativismo, isto é, não é preciso se tornar uma atividade mecânica como acontecia na abordagem gramática-tradução como já vimos anteriormente. A prática de tradução pode ser uma atividade que envolve muito mais que uma simples operação de transcodificação linguística, como se observou no experimento aplicado neste trabalho.

Sendo assim, o que esta pesquisa traz de contribuição para a interface estudos da tradução e ensino de línguas é um novo olhar para a prática tradutória em sala de aula que ultrapassa a concepção reducionista de transpor um texto de uma língua para outra, como se fosse uma operação de equivalência. Os resultados obtidos a partir das traduções realizadas por alunos do Curso de Letras Espanhol da UFSC vieram a confirmar a hipótese inicial do trabalho, isto é, quando se traduz tendo unicamente como foco questões linguísticas, tem-se normalmente um texto traduzido palavra por palavra que desconsidera o contexto cultural para o qual será destinado e por outro lado, quando se considera fatores extralinguísticos como determinantes nesse processo, a tradução adquire uma dimensão mais ampla, respeitando assim, o entorno cultural de quem recebe a tradução.

---

partir de um fato-fonte, como por exemplo: uma determinada empresa contrata um tradutor para produzir um folheto informativo em determinada língua estrangeira sobre um congresso que ocorrerá na Alemanha. Em outras palavras, o tradutor não tem em mãos um texto-fonte, mas sim uma situação comunicativa e um gênero textual para o qual necessita produzir um texto-alvo (ZIPSER, 2002).

## Referências Bibliográficas

AGRA, *A integração da língua e da cultura no processo de tradução*. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2007, p. 1-18.  
Disponível em: <[www.bocc.ubi.pt/pag/agra-klondy-integracao-da-lingua.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/agra-klondy-integracao-da-lingua.pdf)> . Acesso em: 10 abr. de 2011.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. Campinas: Pontes, 1993

AZENHA, Carlos. *Tradução técnica e condicionantes culturais: Primeiros passos para um estudo integrado*. São Paulo: Humanitas, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BASSNETT, Susan. *Estudos da Tradução*. Traduzido por: Vivina de Campos Figueiredo. Fundação Calouste Gulbenkian, 2003

CARBONELL, Carlos Moreira. *La competencia cognitiva, comunicativa y sociocultural: Importancia de su adquisición para el profesional de la educación*. En: Revista IPLAC – Publicación Latinoamericana y Caribeña de Educación, 2010

CHECCHIA, R.L.T. *O retorno do que nunca foi: o papel da tradução no ensino do inglês como língua estrangeira*. Brasília, 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2002.

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica. 2008.

ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa*. Tradução de Eliana Aguiar; revisão técnica de Raffaella Quental. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & Diálogo: as Ideias Linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre, Ortiz, 1989

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HINOJOSA, Fedra ; LIMA, Ronaldo. *A tradução como estratégia de interculturalidade no ensino de língua estrangeira*. Bocc. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. 1, p. 1-10, Disponível em: <[www.bocc.ubi.pt/pag/lima-hinojosa-traducao-estrategia-interculturalidade.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/lima-hinojosa-traducao-estrategia-interculturalidade.pdf)>. Acesso em: 15 dez. de 2010.

HURTADO ALBIR, Amparo (dir.) *Enseñar a traducir*. Madrid: Edelsa, 1999.

LEFFA, Vilson J. *Metodologia do ensino de línguas*. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. Tópicos em lingüística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-236.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Cortez, 2008.

NORD, Christiane. *El error en la traducción: categorías y evaluación*. En: *Estudis sobre la traducció*, Castellón 1995, ed. por Amparo Hurtado Albir, Castelló: Universitat Jaume I 1996, 91-107.

---

*Traduciendo funciones*. En A. Hurtado Albir (Ed.). *Estudis sobre a traducció*. Jornades sobre la traducció. Castelló de la Plana: Universitat

Jaume I, 1994.

\_\_\_\_\_. Text Analysis in translation. Amsterdam; Atlanta: Rodopi, 1991.

\_\_\_\_\_. La traducción como actividad intencional : Conceptos – crítica – malentendidos en: Elena Sánchez Trigo/Oscar Díaz Fouces (eds.), Traducción & Comunicación, v. 3, Vigo: Servicio de Publicacións, 2002, p. 109-124.

POLCHLOPEK, Silvana Ayub. A Interface Tradução-Jornalismo: Um Estudo de Condicionantes Culturais e Verbos Auxiliares Modais sobre Textos Comparáveis das Revistas Veja e TIME. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós- Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Florianópolis, 2005.

POLCHLOPEK, Silvana Ayub . O mundo pós 11 de Setembro [tese] : tecendo fios/textos entre a tradução e a narrativa jornalística, 2011.

REISS, Katharina. VERMEER, Hans. *Fundamentos para una teoría funcional de la traducción* . Ediciones: Akal, Madrid, 1996.

ROMANELLI. *O uso da tradução no ensino-aprendizagem das línguas estrangeiras* . Revista Horizontes de Linguística Aplicada, v. 8, n. 2, p. 200-219, 2009.

SÁNCHEZ, Pérez. *Los métodos em la enseñanza de idiomas. Evoluición histórica y análisis didáctico*. SGEL. Madrid, 1997.

SILVA, Edna Lúcia. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SOUZA, José Pinheiro. Tradução e ensino de línguas. En: Revista do GELNE, ano 1, nº 1, Universidade Estadual do Ceará, 1999. Disponível em: <[http://www.gelne.ufc.br/revista\\_ano1\\_no1\\_27.pdf](http://www.gelne.ufc.br/revista_ano1_no1_27.pdf)> Acesso em: 08



fev. de 2011.

ZIPSER, Meta Elizabeth. *Do fato à reportagem: as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural*. (Tese de doutorado). São Paulo: USP, 2002.

ZIPSER, Meta Elizabeth. *Estudos da tradução II* / Apostila EaD. Meta Elizabeth Zipser, Silvana Ayub Polchlopek, Eleonora Frenkel. - Florianópolis, SC: UFSC/CCE, 2009.

ZIPSER, Meta Elizabeth. *Introdução aos Estudos da tradução* / Livro EaD. Meta Elizabeth Zipser, Silvana Ayub Polchlopek - Florianópolis, SC: UFSC/CCE, 2008.

## ANEXO I – Questionário aplicado antes da atividade de tradução – Grupos A e B

Respostas para as perguntas 2 e 4 do questionário “Perfil dos participantes”

Legenda: **(Grupo A)** – alunos que receberam apoio da teoria funcionalista; **(Grupo B)** – alunos que não receberam qualquer apoio para a tarefa de tradução.

2. O que você entende por tradução?	
Respostas que se aproximam de uma visão “tradicional”	Respostas que se aproximam da visão “funcionalista”
<u>Buscar o significado equivalente em outra língua.</u> (grifo meu) <b>(Grupo A)</b>	Transmitir um texto e uma cultura de uma língua para outro. <b>(Grupo A)</b>
Transmitir um texto não compreensível de uma língua para compreensível em outra. <b>(Grupo B)</b>	É uma área na qual é responsável por fazer uma ponte de uma língua a outra. <b>(Grupo A)</b>
Tradução é a adaptação de um texto para outra língua. <b>(Grupo A)</b>	Traduzir é recriar léxico, cultura <b>(Grupo B)</b>
Tentar interpretar para outra língua, mantendo a essência, algum texto. <b>(Grupo B)</b>	Para mim, tradução é a criação de um novo original. <b>(Grupo B)</b>
Tradução é levar um texto de uma língua para outra possibilitando as pessoas que	A forma de fazer um grupo ou pessoa entender um texto em outra língua de maneira clara para o

<i>não tem conhecimento em determinada língua lerem textos de bons escritores estrangeiros, manuais de aparelhos, etc</i> <b>(Grupo B)</b>	<i>outro.</i> <b>(Grupo A)</b>
<i>É aproximar o mais perto possível uma língua da outra, <u>sem perder as formas originais do texto principal.</u></i> (grifo meu) <b>(Grupo B)</b>	<i>Traduzir é verter um texto de uma língua para outra. Passar de uma língua de chegada para uma língua alvo <u>considerando a cultura e o contexto para onde se traduz.</u></i> (grifo meu) <b>(Grupo B)</b>
<i>Tradução é a passagem de um conteúdo de uma língua para outra.</i> <b>(Grupo B)</b>	<i><u>Traduzir é escrever um novo texto para um novo público.</u></i> (grifo meu) <b>(Grupo A)</b>
<i>Interpretar um texto oral ou escrito e transportar esse texto <u>com a maior fidelidade possível a outra língua.</u></i> (grifo meu) <b>(Grupo B)</b>	<i><u>Na realidade a tradução não é só passar de uma língua para outra,</u> mas também muitas vezes dentro de uma mesma língua tem que se traduzir o que está escrito ou que está sendo falado por palavras que possamos entender.</i> (grifo meu) <b>(Grupo A)</b>
<i>Entendo por tradução a transcrição de uma língua para outra.</i> <b>(Grupo A)</b>	<i><u>Tradução é recriar o texto para determinada situação e leitor, sempre respeitando o enfoque e a finalidade desta tradução.</u></i> (grifo meu) <b>(Grupo A)</b>
<i>Traduzir nada mais é do que tentar <u>ser o mais fiel possível do texto de partida.</u></i> (grifo meu) <b>(Grupo B)</b>	<i>Tradução é o ato de recriar.</i> <b>(Grupo A)</b>
<i>Uma técnica utilizada para tornar acessível um documento</i>	<i><u>É recriar um texto,</u> é um segundo olhar do texto é fundamental que o</i>

<p><i>aos falantes de outras línguas.</i> <b>(Grupo A)</b></p>	<p><i>tradutor busque todos os recursos para traduzir da melhor forma, priorizando a ideia central do texto. (grifo meu)</i> <b>(Grupo A)</b></p>
<p><i>Reescrever um texto em uma outra língua de forma que fique gramaticalmente correto e mantenha o sentido e estilo do original, quando possível.</i> <b>(Grupo A)</b></p>	<p><i>Para mim, tradução não é simplesmente passar algo de uma língua para outra. <u>Além do conhecimento linguístico das duas línguas, também é fundamental conhecer ambas culturas.</u> (grifo meu)</i><b>(Grupo A)</b></p>
<p><i>Transcrever um texto de uma língua para outra, preservando a característica e principalmente o sentido, a ideia.</i><b>(Grupo B)</b></p>	<p><i>Eu sei que o conceito de tradução é amplo e abrange múltiplas e variadas definições, eu acredito que seja traduzir os elementos linguísticos de uma língua pra outra, <u>considerando os fatores socioculturais como relevantes na hora de traduzir.</u> (grifo meu) <b>(Grupo B)</b></i></p>
<p><i>É a representação de uma mensagem linguística em outro tipo de código linguístico.</i> <b>(Grupo B)</b></p>	
<p><i>Traduzir para mim é fazer entender algo de uma língua para outra sem perder o sentido.</i> <b>(Grupo B)</b></p>	
<p><i>A passagem de uma língua para outra através do texto escrito.</i> <b>(Grupo B)</b></p>	
<p><i>Tradução é o trabalho de</i></p>	

<i>transferir textos de uma língua para outra onde o sentido da ideia principal não deve ser perdido.</i> <b>(Grupo A)</b>	
<i>Recriar um texto, mas buscando manter o sentido do texto, a interpretação.</i> <b>(Grupo A)</b>	
<i>Tradução é levar um texto de um idioma a outro mantendo no texto alvo o mesmo sentido do texto fonte.</i> <b>(Grupo A)</b>	

**Tabela – Concepção de tradução dos participantes**

<b>4. Você acredita que o gênero textual pode interferir na técnica de tradução?</b>	
<i>Com certeza. (não justificou)</i> <b>(Grupo A)</b>	<i>Sim, existem diferentes formas e técnicas de tradução e cada uma delas se adapta melhor para cada gênero. (Grupo B)</i>
<i>Sim, pois cada gênero tem sua particularidade.</i> <b>(Grupo B)</b>	<i>Ao meu ver não existe um tipo de tradução somente para diferentes textos.</i> <b>(Grupo A)</b>
<i>Acredito que pode depender do tipo de gênero textual.</i> <b>(Grupo A)</b>	<i>Sim, acredito que cada gênero textual interfere no tipo de tradução a ser feita, pois temos que pensar no público a que se destina cada tipo de gênero e consequentemente a tradução. Acredito que tenha que existir uma</i>

	<i>compatibilidade entre o gênero e a tradução. (Grupo B)</i>
<i>Sim, creio que a poesia exija um tom poético maior, por exemplo, que às vezes uma tradução literal não passaria devido às palavras equivalentes na língua de destino.</i> <b>(Grupo B)</b>	<i>Sim, por exemplo, um texto jornalístico necessita uma tradução rápida e muitas vezes não há tempo para uma pesquisa mais profunda. Já um texto literário necessita mais tempo, reflexão e não será um texto escrito apenas para 1 dia.</i> <b>(Grupo A)</b>
<i>Sim, pois cada texto tem suas características, seu estilo, e traduzir cada tipo de texto com a técnica apropriada pode melhorar a tradução.</i> <b>(Grupo B)</b>	<i>Acredito que sim, o que não deveria, como é o caso de encontrarmos o mesmo texto traduzido por mais de um tradutor com diferentes traduções, ocorrendo as vezes mudanças no sentido do texto. (Grupo A)</i>
<i>Sim. (não justificou) (Grupo B)</i>	<i>Sim. Se leitor, tradutor, autor têm diferentes níveis de contato com diferentes gêneros textuais.</i> <b>(Grupo B)</b>
<i>Sim, o tradutor precisa fazer escolhas e dependendo o gênero ele pode optar mais pelo sentido ou mais pela forma. (Grupo A)</i>	<i>Com certeza, pois o problema todo da tradução se encontra nas sutilezas da língua que muda conforme o gênero. (Grupo B)</i>
<i>Acredito que não. Penso que a técnica é mais abrangente, mais específica no que diz respeito a atividade de traduzir, independente do gênero.</i> <b>(Grupo B)</b>	<i>Sim, porque cada gênero tem um leitor e para cada leitor é preciso uma técnica diferente de tradução.</i> <b>(Grupo B)</b>
<i>Sim, quanto mais erudito o texto</i>	<i>Sim. Dependendo do gênero as</i>

maior a pesquisa que requer. <b>(Grupo B)</b>	técnicas usadas na tradução podem distinguir de um texto onde esta peculiaridade não é observada. <b>(Grupo A)</b>
Sim. Para fazer a tradução de uma obra literária vou procurar escolher palavras que não alterem o estilo do autor. Já para traduzir um panfleto vou fazer uma tradução mais literal. <b>(Grupo A)</b>	Sim, porque cada gênero terá um enfoque diferente do outro e o leitor final também será diferente. <b>(Grupo A)</b>
Sim. (não justificou) <b>(Grupo B)</b>	Sim, interfere. Cada gênero tem um enfoque e um público-alvo. <b>(Grupo A)</b>
Sim, pois as estruturas são diferentes. <b>(Grupo A)</b>	Sim, porque vai depender do público-alvo. <b>(Grupo A)</b>
Certamente. Cada gênero tem suas especificidades e a forma de traduzi-los também. Por exemplo, se formos traduzir um poema que contenha como característica própria seja sua forma, contendo rimas e estruturação específica; na tradução não podemos se deixar perder a rima, etc, pois assim se descaracterizará o poema. <b>(Grupo A)</b>	Sim, porque dependendo do gênero cada texto terá seu enfoque e seu leitor. <b>(Grupo A)</b>
Sim, cada texto tem suas características. No meu caso, o texto técnico não permite muita criatividade, a linguagem é objetiva, denotativa e com	Sim. O tradutor precisa conhecer o tipo do gênero com que vai trabalhar, suas características, seu leitor, seu enfoque, sua origem. <b>(Grupo A)</b>

<i>muitos termos técnicos e específicos, além de bastantes neologismos e termos em inglês.</i> <b>(Grupo A)</b>	
<i>Sim, pois cada texto tem uma especificidade.</i> <b>(Grupo B)</b>	<i>Acredito que sim, porque dependendo do gênero, existe uma maior ou menor complexidade no momento de traduzir; e depende do público-alvo. (Grupo A)</i>
<i>Sim, poesia é diferente de prosa e assim por diante. (Grupo B)</i>	<i>Eu acredito que o que mais influencia seja a frase e não o tipo de texto. Na realidade não sei muito bem! (Grupo B)</i>

**Tabela - O gênero textual e a tradução**



## ANEXO II - Textos-fuente

### **Texto-fuente 1:** *La Plataforma se hunde en el Golfo*

#### *La plataforma se hunde en el Golfo*

Temen la muerte de 11 desaparecidos y el derrame de un millón de litros de crudo

El Universal

Viernes 23 de abril de 2010

NUEVA ORLEÁNS (Agencias).— Una plataforma de prospecciones petrolíferas que sufrió una gran explosión hace dos días se hundió ayer en el golfo de México, informó la Guardia Costera.

La suboficial de la Guardia Costera Katherine McNamara dijo el jueves que la plataforma Deepwater Horizon se hundió. La Guardia Costera sigue buscando a 11 trabajadores que desaparecieron, aunque un familiar dijo que los allegados fueron informados de que es improbable que pudieran haber sobrevivido a la explosión del martes por la noche.

La plataforma ardía desde la explosión. Los barcos de suministros rociaron agua para intentar controlar las llamas y evitar que se hundiera. La plataforma tiene una extensión parecida a la de dos campos de fútbol y es propiedad de Transocean, que la arrendó bajo contrato al conglomerado petrolero británico BP. La plataforma realizaba labores de prospección a unos 80 kilómetros de la costa de Luisiana.

Los equipos de rescate cubrieron más de 5 mil kilómetros cuadrados por aire 12 veces y por mar cinco veces, con la esperanza de que los desaparecidos pudieran haberse encaramado en una lancha salvavidas cubierta y con suministros.

Carolyn Kemp dijo el jueves que su nieto, Roy Wyatt Kemp, de 27 años, figuraba entre los desaparecidos. Agregó que se encontraba en la plataforma cuando ocurrió la explosión. “Presumen que todos los

hombres que se encontraban en la plataforma murieron”, dijo Kemp. “Es lo último que sabemos”.

Otros familiares aguardaron durante horas para ser informados. Los familiares de uno de los desaparecidos, Shane Roshto, iniciaron una demanda judicial el jueves en Nueva Orleans en la que acusaron al propietario de la plataforma de negligencia. Según la demanda, Roshto fue arrojado por la borda a causa de la explosión y al parecer está muerto, aunque no especificó cómo supieron sus familiares la suerte que corrió. La demanda acusa a Transocean, propietaria de la plataforma, y BP, que la arrendaba. Un vocero de Transocean no respondió a las llamadas telefónicas en busca de comentarios y BP no quiso hablar de la demanda.

El hundimiento de la plataforma Deepwater Horizon abre la posibilidad de un derrame de más de un millón de litros (264 mil galones) de crudo por día en las aguas del Golfo.

El petróleo podría causar daños más graves si alcanza la costa de Luisiana, a unos 80 kilómetros (50 millas).

La petrolera Shell Oil dijo ayer que detuvo temporalmente el flujo en su oleoducto de 75 mil barriles por día en el golfo de México como medida de precaución ante su proximidad con la plataforma de Transocean que se incendió y hundió.

El oleoducto conocido como Nakika entrega suministro a la refinería Norco en Luisiana. Una portavoz de la firma dijo que Shell no espera que el ducto esté detenido por mucho tiempo y aseguró que la medida no tendría impacto material en las operaciones de esa refinería.

Disponível em <<http://www.eluniversal.com.mx/internacional/67307.html>>  
Acesso em 20 de jun. de 2010.



Consejos para su ahorro

# enbe

Consumir agua de forma eficiente es mucho más fácil de lo que imaginas.

Sigue algunos de estos consejos y podrás ahorrar una enorme cantidad de agua.



Cómo ahorrar agua en:

## BAÑO

Cierra la llave del lavabo mientras te enjabonas las manos, te rasuras o te lavas el pelo. **Ahorras hasta 12 litros de agua por minuto.**

Usa regadera en vez de tina al bañarte; cierra la regadera mientras te enjabonas. Junta el agua de la ducha y úsala para el inodoro, para tus macetas o para trapear. **Ahorrarás aproximadamente 100 litros cada vez que te bañes.**

Llena moderadamente el lavabo al cepillarte los dientes. **Ahorra hasta 12 litros de agua cada vez que lo hagas.**

Instala en los grifos dispositivos economizadores de agua. **Ahorrarás hasta un 50% del consumo habitual.**

Cambia los inodoros tradicionales por ecológicos de doble carga para usar el agua de forma eficiente. **Ahorra el consumo de agua a la mitad.**

En inodoros tradicionales puedes meter un rollo de papel higiénico en la parte dentro de la caja para disminuir la cantidad de cada descarga.

No uses el inodoro como bote de basura! **Ahorrarás de 6 a 12 litros de agua en cada descarga.**

## CARRO

Usa cubetes con agua para lavar cosas y ahorrar agua. **Ahorra hasta 12 litros de agua cada minuto.**

## JARDÍN

El jardín es un área de gran consumo de agua. Siguiendo algunos consejos podrás ahorrar gran parte de ella.

Conoce el microclima de tu jardín.

Selecciona las plantas que sean adecuadas para tu jardín.

Agrupar las plantas según su consumo de agua para facilitar la economía del sistema de riego.

Escoge plantas autóctonas, sólo necesitarás una pequeña aportación de agua en los meses calientes.

Utiliza plantas tapizantes sustitutas del césped.

Riega temprano por la mañana o por la tarde cuando hay menos evaporación.

No dejes que los niños jueguen con el agua.

## ROPA

Usa la lavadora cuando esté llena o completa. **Ahorra hasta 12 litros por lavado, aproximadamente de 200 a 700 litros por semana.**

Utiliza la lavadora con la carga completa y el programa adecuado. **Cuando lavas a mano consumes un 40% más de agua.**

¿Mayor información ?

[www.sadm.gob.mx/sadm/jsp](http://www.sadm.gob.mx/sadm/jsp)  
<http://vinculando.org/ecologia>

## Texto-fuente 2: Agua – Consejos para su ahorro

## COCINA

Instala en los grifos dispositivos economizadores de agua. **Ahorra hasta un 50% del consumo habitual.**

Repara los grifos. Evita que goteen. **Ahorra hasta 200 litros de agua al mes.**

Cierra los grifos siempre que no los uses. **Ahorra 12 litros de agua al minuto.**

Compra electrodomésticos ecológicos y utilízalos siempre con la carga completa. **Ahorrarás un 40% más de agua por lavado.**

Al lavar los trastes cierra la llave mientras los enjabonas y procura no abrir toda la llave para enjuagarlos.

Utiliza el lavavajillas con la carga completa y el programa adecuado. **Cuando lavas a mano consumes un 40% más de agua.**

Enjuaga las verduras en una bandeja en vez de dejar correr el agua. Utiliza el agua de lavar las verduras para regar las plantas. **Ahorrarás hasta 600 litros por mes.**

Al descongelar los alimentos no lo hagas con agua de la llave, sácalos a tiempo para que se descongele a temperatura ambiente.

No uses el chorro de agua para retirar los restos de comida de los trastes, tállalos con una flibra o estropajo.

[www.diretodelagua.com](http://www.diretodelagua.com)  
[www.cespt.gob.mx/cultura/tips.htm](http://www.cespt.gob.mx/cultura/tips.htm)

## ANEXO III – Traduções do Grupo A

### *Texto: La Plataforma se hunde en el Golfo*

#### A1

#### **Plataforma petrolífera situada no Golfo do México afunda após explosão**

Temem a morte de 11 desaparecidos e o vazamento de um milhão de litros de petróleo

23 de abril de 2010

Uma plataforma petrolífera sofreu uma grande explosão há dois dias e afundou ontem no Golfo do México, segundo a Guarda Costeira.

A suboficial da Guarda Costeira Katherine McNamara disse que na quinta-feira a plataforma afundou e que ainda continuam procurando aos 11 trabalhadores que desapareceram, entretanto já informaram aos parentes próximos dos desaparecidos de que é improvável que alguém pudesse haver sobrevivido à explosão de terça-feira à noite.



Localização do Golfo do México –Imagem via Satélite

Os barcos de resgate tentaram apagar ao incêndio com jatos de água a fim de tentar controlar as chamas e evitar que a plataforma afundasse. A plataforma, propriedade da Transocean, subcontratada pelo grupo petrolífero britânico BP - British Petroleum, tinha uma extensão equivalente a mais ou menos dois campos de futebol. Ela realizava trabalhos de sondagem a 80km da costa de Luisiana, região sul dos Estados Unidos, que beira o Golfo do México.

As equipes de resgate trabalharam em cima de mais de 5 mil quilômetros quadrados com a esperança de que os desaparecidos pudessem ter se salvado, com a ajuda de uma lancha salvavidas coberta e com mantimentos. Carolyn Kemp, parente de um trabalhador da plataforma, disse na quinta-feira que seu neto, Roy Wyatt Kemp, de 27 anos, estava entre os desaparecidos. “Supõe-se que todos os homens que estavam na plataforma no momento da explosão morreram”, disse Kemp. “É o que sabemos”.



A Plataforma petrolífera Deepwater Horizon em chamas

A2

## Acidente em Plataforma Petrolífera no Golfo do México

**Teme-se pela morte de 11 desaparecidos e o vazamento de 1 milhão de litros de óleo**

O ESTADO

Sexta-feira, 23 de abril de 2010

NOVA ORLEANS (Agência) – A Guarda Costeira informou que a plataforma de prospecções petrolíferas que sofreu uma grande explosão há dois dias, afundou ontem no Golfo do México.

A suboficial da Guarda Costeira Katherine McNamara disse na quinta-feira que a plataforma afundou. A Deepwater Horizon era uma plataforma petrolífera semi-submersível de águas ultra profundas e que em 2009 perfurou o poço de petróleo mais profundo da história.



A Guarda Costeira continua procurando pelos 11 trabalhadores desaparecidos. Apesar de os familiares terem sido informados de que é impossível que os trabalhadores possam ter sobrevivido à explosão de terça-feira à noite.

A plataforma queimava desde a explosão e os barcos de abastecimentos jorravam água para tentar controlar as chamas e evitar que afundasse como revela a imagem acima. Essa plataforma tem uma extensão aproximada a dois campos de futebol e pertence à Transocean – empresa norte americana de perfuração sediada na Suíça – que arrendou sob contrato do conglomerado petroleiro britânico BP (British Petroleum) – que atua na área de exploração petrolífera desde 1955. A plataforma realizava trabalhos de prospecção a uns 80 quilômetros da costa de Luisiana (EUA).

As equipes de resgate cobriram mais de 5 mil quilômetros quadrados, 12 vezes pelo ar e 5 vezes pelo mar, com a esperança de que os desaparecidos pudessem ter subido em um bote salva-vidas coberto e com mantimentos.

Carolyn Kemp disse na quinta-feira que seu neto, Roy Wyatt Kemp, 27 anos, era um dos desaparecidos. Acrescentou que ele se encontrava na plataforma quando ocorreu a explosão. “Acredita-se que todos os homens que se encontravam na plataforma morreram”, disse Kemp. “É a última informação que recebemos.”

Fonte: El Universal (México)



**Acidente na Plataforma Deepwater Horiz, deixa que Cinco mil barris de petróleo sejam derramados por dia.**



A plataforma Deepwater Horizon, operada pela BP (British Petroleum – arrendatário), explodiu na última quinta-feira passada situada a 240 km a sudeste de Nova Orleans, no Golfo do México (EUA), provocando talvez o maior vazamento de petróleo accidental da história que no momento da explosão haviam 126 pessoas a bordo; sendo que destas 115 puderam chegar ao litoral e onze empregados ainda estão desaparecidos.

Segundo um suboficial da Guarda Costeira norte-americana, Katherine McNamara, a plataforma Deepwater Horizon, tem o tamanho de dois campos de futebol sofreu uma explosão possivelmente causado por algum vazamento. Desde então foram enviados sete helicópteros, dois aviões e quatro barcos para o local, na iminência de controlar o fogo, que já atingiu a uma área de mais de 5.000 km<sup>2</sup>.

No local há uma equipe trabalhando na busca dos 11 trabalhadores desaparecidos. Embora seja muito remota que alguém tenha sobrevivido a esta explosão. Familiares dos 11 trabalhadores acompanham as buscas, na esperança que estes tenham se salvado. Para Carolyn Kemp, avó de Royw Kemp de 27 anos, que trabalhava na plataforma na hora do acidente, diz ter consciência que só um milagre poderia ter salvado o seu neto.

Desde a sua explosão a plataforma de petróleo está em chamas e já despejou cerca de 2,5 milhões de litros de óleo diariamente no oceano, causando o maior desastre ecológico da história, ameaçando várias espécies marinhas e de pássaros da região, alguns em extinção como a tartaruga marinha *Kemp Ridley*, devido às enormes nuvens de fumaça tóxica e aos resíduos depositados no mar. Existem suspeitas de que este acidente seja criminoso, Segundo as autoridades locais serão levantadas as possíveis causas deste acidente.

A4

11 desaparecidos em explosão no golfo do México  
- Folha online  
Sexta, 23 de abril de 2010

De acordo com a agência de Nova Orleans, uma plataforma de petróleo no golfo do México explodiu há dois dias atrás e afundou por completo, informou a guarda costeira.

A plataforma Deepwater Horizon afundou na quinta-feira. A guarda costeira continua as buscas por 11 trabalhadores desaparecidos, porém de acordo com alguns familiares eles foram informados de que é improvável que alguém tenha sobrevivido à explosão.

A plataforma ficou em chamas por dias, os barcos salva-vidas permaneceram à água para tentar controlar as chamas e evitar que a plataforma afundasse. A plataforma é muito extensa, se estende a dois marés altas. A plataforma é propriedade da empresa Transocean, que tem um contrato com a petroleira britânica B.P. A plataforma atuava a 80 km da costa da Louisiana.

As equipes de resgate mapearam mais de 5 mil km, com a esperança de encontrar algum sobrevivente.

## DERRAMAMENTO DE 1 MILHÃO DE LITROS DE PETRÓLEO E 11 DESAPARECIDOS

Uma plataforma petrolífera explode e depois de dois dias afunda no Golfo do México.



Plataforma Deepwater Horizon antes do acidente

A Plataforma Deepwater Horizon sofreu uma grande explosão no dia 21 de abril e depois de dois dias afundou, no Golfo do México. A guarda costeira segue buscando os 11 trabalhadores desaparecidos, apesar de um dos familiares ter dito que os parentes foram informados de que é improvável que tenham sobrevivido à explosão.

Os familiares dos desaparecidos ainda têm esperança de encontrá-los vivos. Assim como Carolyn Kemp, avó de Roy Wyatt Kemp de 27 anos, que está entre os desaparecidos. Acrescento que ele estava na plataforma quando ocorreu a explosão. “Presumem que todos os homens que estavam na plataforma morreram”, disse Kemp. “É a última notícia que tivemos”.

As equipes de resgate cobririam mais de 5 mil quilômetros quadrados pelo ar e pelo mar, com a esperança de que os desaparecidos tivessem subido em um barco salva vidas. Barcos de abastecimento jogavam água para tentar apagar as chamas e evitar que afundasse, mas os esforços foram em vão, pois a

plataforma queimou desde a explosão. A extensão da plataforma se assemelha à de dois campos de futebol e está situada a 80 quilômetros da costa de Luisiana.



O derramamento de óleo causou uma mancha no mar de aproximadamente 55 mil metros quadrados, e ameaça a vida de milhares de espécies da região. Esse que pode ser um dos maiores desastres ecológicos, pois atinge não só o Golfo do México, como também a fauna e flora da costa dos EUA. Os animais mais atingidos foram os pelicanos, já que o vazamento chegou ao santuário onde vivem na Luisiana, ao sul dos EUA. Integrantes de associações ligadas ao meio ambiente, já se mobilizaram para resgatar e salvar os animais que estão cobertos por óleo.

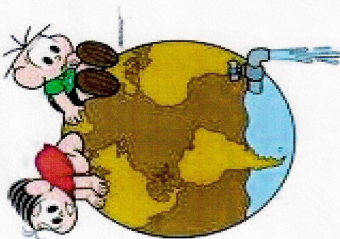




## Texto: Água – Consejos para su ahorro

A1

**ÁGUA...  
QUE FALTA FAZ!**

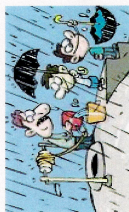


### BANHEIRO

Desligar o chuveiro enquanto se ensaboia.  
Assim você poderá economizar até 50 litros de água a cada banho.

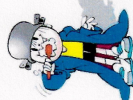


Reutilize a água da chuva para regar as plantas.



### COZINHA

Colocar pedras ou garrafa pet na caixa de descarga para diminuir a quantidade de água a cada uso.



Jogar o resto de comida no lixo com os talheres antes de lavar a louça.



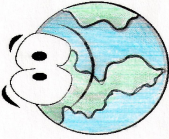
Ensaboa toda a louça e depois lavar. Assim a água não será desperdiçada a cada lavada.  
Utilize água corrente somente para enxaguar.

### JARDIM

Usar o regador ao invés da mangueira de água.  
Assim você poderá distribuir melhor a água ao regar as plantas.



## COMO ECONOMIZAR ÁGUA?



Consumir água de forma eficiente é muito mais fácil do que você imagina! Siga esses conselhos e economize!

### BANHO



Ilustração: Aline de Souza

- ✓ Ao tomar banho, feche o chuveiro enquanto você se

ensaboa e se esfrega, assim você economizará água;

- ✓ Coloque uma ou duas garrafas pet com água ou pedrinhas dentro do reservatório do vaso sanitário, assim você diminui o uso de água em cada descarga.

### JARDIM



- ✓ Escolha plantas adequadas ao seu jardim, agrupe as plantas conforme o seu consumo de água e prefira o regador em lugar da mangueira;
- ✓ Prefira plantas que consumam pouca água, assim você só

precisará regá-las nos meses mais quentes;

- ✓ Substitua a grama por plantas rasteiras.

### COZINHA



- ✓ Não utilize o jato da torneira para eliminar os restos de comida da louça. Para isso, utilize os talheres ou um guardanapo.

Faça sua parte !

### A3 - frente



**A água doce é um recurso finito do Planeta Terra.**

**E o processo de tratamento da água é criterioso e caro.**

**Por isso, use racionalmente e evite qualquer desperdício.**



O banho é o momento em que o pão-duro entende que "tempo é dinheiro". Ao entrar no chuveiro, procure não abrir a torneira a toa, pois você estará gastando água, luz e tempo. A água que jorra sem controle pelo chuveiro pode lhe faltar amanhã. O tempo de permanência no banho deve ser controlado. Todos concordam que o chuveiro é um ótimo lugar para refletir, mas se o seu caso é de lerdeza mesmo, passe a cronometrar seu tempo no chuveiro e compare sempre com os dois dias anteriores. Um banho de 15 minutos gasta, em média, 130 litros de água.

Procure não deixar a torneira pingando, conserte-a o mais rápido possível. Uma torneira gotejando, gasta 46 litros de água por dia; um filete desperdiça de 180 a 750 litros/dia; e uma torneira jorrando gasta de 25 mil a 45 mil litros/dia.



**Não use o vaso sanitário como lixeira.**

Se possível coloque uma vaso sanitário com a caixa acoplada. Você estará economizando em média 20 litros/dia por uma descarga a menos. Deixe sempre a válvula da descarga sempre regulada e não fique apertando-a sem necessidade, pois isso gasta muita água!

Quando estiver escovando seus dentes, deixe a torneira fechada! Gastamos, aproximadamente, 10 litros de água quando escovamos os dentes por cinco minutos com a torneira aberta. Para economizar, abra a torneira apenas para molhar a escova e enxaguar a boca.



## A3 – verso



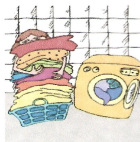
Evite lavar as calçadas com mangueira. Elas podem ser varridas para tirar a sujeira mais grossa. Depois, então, jogue a água depositada em um balde. O serviço fica mais rápido e mais eficiente. Lavar a calçada sem fechar a torneira consome quatro litros de água por minuto.

Antes de começar a lavar a louça, devemos raspar os restos de comida e deixar de molho as panelas ou as louças muito sujas. Ensaboe tudo o que for lavar com a torneira fechada e abra a torneira apenas na hora de enxaguar. Ah! E lembre: nada de ficar pegando um copo limpo a cada vez que você suja, são necessários pelo menos dois outros copos de água para lavá-lo. Lavando a louça na pia com a torneira aberta só para enxaguar - Economia média: 200 litros/dia.



Para lavar a garagem aproveite a água em que enxaguou a roupa.

Máquinas de lavar roupas e louças: use somente com a capacidade máxima. O segredo para economizar água é deixar acumular peças e lavar tudo de uma só vez. Só ligue a máquina quando ela estiver cheia. As roupas muito sujas devem ser deixadas de molho antes de serem lavadas, pois, com isso, a sujeira sai mais fácil e com menos água. Ao lavar no tanque, deixe sempre a torneira fechada enquanto ensaboa e esfrega as roupas. Economia média: 50 litros/dia acionando os equipamentos a metade das vezes.



FAXINA: Substituir o esguicho pela vassoura, na limpeza de pisos na área externa. O resultado é o mesmo. Para áreas internas, como hall e salão de festas, um pano umedecido em um balde com água e produto de limpeza é a melhor solução.



Para cuidar do jardim, substitua a mangueira por um regador, para regar onde é necessário. Procure regar no começo da manhã ou no final da tarde, momentos em que ocorre menos evaporação de água evitando-se o desperdício. No inverno, regar em dias alternados e de preferência nos primeiros horários da manhã.



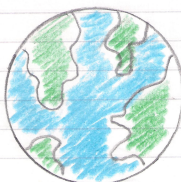
Quando lavar o carro, ao invés do uso exagerado de água com a mangueira, utilize um balde e lave-o no jardim, não em áreas cimentadas, favorecendo a infiltração da água no solo. Assim você economiza 300 litros de água.

***O planeta Terra precisa de nossa ajuda. Não seja maluco de desperdiçar água!***



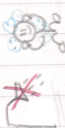
A4

# Cuide do economieze água.



## Banheiro:

- Durante o banho feche a torneira do chuveiro enquanto estiver se sabendo.
- Você economiza 100 litros de água no banho.



- Se o raso comitar o do seu banheiro ponha caína de descarga, pelo que dentro da caixa uma portela com pedras para diminuir a quantidade de água que se acumula na caixa.

- Você economiza 2 litros de água por descarga.



## Jardim

- Coloque as suas plantas e vasos de água elas necessitam.

- Distribua as plantas de acordo com a necessidade de regar.

- Substitua a grama por outros espécies mais resistentes, que não precisem de muita água.



## Cozinha:

- Raspe os restos de alimentos dos pratos na lixeira antes de lavar.



13.10.2010



## ANEXO IV – Traduções do Grupo B

**Texto: *La Plataforma se hunde en el Golfo***

**B1**

A plataforma afunda no Golfo

Teme-se a morte de 11 desaparecidos e o derramamento de um milhão de litros de petróleo.

El Universal

Sexta-feira 23 de abril de 2010.

Nova Orleans (Agência) - Uma plataforma de prospecção de petróleo, que sofreu uma grande explosão há dois dias, afundou ontem no Golfo do México, informou a Guarda Costeira.

Katherine McNamara, suboficial da Guarda Costeira, disse na quinta-feira que a plataforma Deepwater Horizon afundou. A Guarda Costeira continua as buscas pelos 11 trabalhadores desaparecidos, ainda que um parente disse que os familiares foram informados de que é improvável que haja sobreviventes da explosão de sexta-feira à noite.

A plataforma queima desde a explosão. Os barcos de apoio bombearam água para tentar controlar as chamas e evitar que afundasse. A plataforma tem uma área parecida

## Plataforma Afunda no Golfo do México

Se teme que os 11 trabalhadores estejam mortos e que 1 milhão de litros de Petróleo tenham vazado no mar.

El Universal

Sexta-feira, 23 de Abril de 2010

Nova Orleans (Atenção). Uma plataforma petrolífera que sofreu uma explosão a dois dias atrás, afundou ontem no Golfo do México, informou ontem a Guarda Costeira.

A suboficial da guarda costeira, Katherine Macnamara, declarou na 5ª feira que a Plataforma Deepwater Horizon afundou-se.

A guarda costeira segue na busca dos 11 desaparecidos. Familiares foram informados de que é improvável que alguém tenha sobrevivido à explosão de 3ª noite.

A plataforma queimava desde sua explosão. Brucos de arado tentavam controlar as chamas para evitar que a plataforma afundasse.

A Plataforma, do tamanho de 2 campos de futebol, é propriedade da Transocean, que acendeu junto a British Petrol. A Plataforma realizava trabalhos de exploração a 90km da costa da Luisiana.

As equipes de resgate rastream uma área de 5.000km pelo ar e pelo mar, com esperança de que os desaparecidos tenham escapado da explosão com uma lancha salva-vidas com mantimentos.



B3

A plataforma se afunda no golfo

Têm a morte de 11 desaparecidos e o vazamento de 1 milhão de litros de petróleo.

Nova Orleans (Agências) - Uma plataforma de processamento petrolífero sofreu uma grande explosão a 2 dias na qual se afundou então no golfo do México, informou a guarda costeira.

A suboficial da guarda costeira Katherine McNamara disse na quinta que a plataforma Deepwater Horizon se afundou. A guarda costeira resgata durante 11 trabalhadores que desapareceram, pois um membro da família disse que os parentes foram informados de que é improvável que eles pudessem ter sobrevivido a explosão de terça à noite.

A plataforma queimava desde a explosão. Os barcos de abastecimento jogaram água para tentar controlar as chamas e evitar que se afundasse. A plataforma tem uma extensão parecida a 2 campos de futebol e é propriedade de Transocean, que arrendou sob um contrato de união da plataforma petrolífera britânica BP. A plataforma realizava a exploração de petróleo a uns

B4

A plataforma afunda no Golfo

Acreditou-se na morte de 11 desaparecidos e o pagamento de um milhão de libras de petroleo

El UNIVERSAL

Sexto 23 ABRIL, 2010

NIKEA ORLEANS (AGENCIAS) - uma plataforma de exploração de petroleo sofreu uma grande explosão à dois dias e afundou ontem no golfo do México, segundo a guarda costeira.

A sub-oficial da guarda costeira Katherine Mc Namara disse ontem que a plataforma Deepwater Horizon afundou. A guarda costeira continua as buscas aos 11 trabalhadores desaparecidos, os familiares foram informados sobre a baixa possibilidade de sobrevivência à explosão de terça à noite.

A plataforma queimava desde a explosão. Os botes de resgate tentaram controlar as chamas e evitar que a plataforma afundasse. Ela tinha uma extensão de quase dois campos de futebol e é propriedade da Transocean, que arrendou sob o contrato de concessão petroleira britânica. A plataforma realizava exploração a 80 km do litoral da Luisiana.

B5

Uma plataforma afunda no Golfo  
costumam a morte de onze desapareci-  
dos e o vazamento de um milhão  
de litros de petróleo.

- Uma plataforma de exploração  
petrolífera que sofreu uma grande  
explosão há dois dias atrás, fundou  
antes no Golfo do México, informou  
a Guarda Costeira.

A suboficial da Guarda Costeira  
Katherine McNamara disse na  
quinta que a plataforma Deepwater  
Horizon fundou. A Guarda Cos-  
teira continua buscando os 11  
trabalhadores que desapareceram,  
apesar de um familiar ter dito  
que os parentes foram informados  
de que é improvável que pudessem  
haver sobrevivido à explosão  
da terça à noite.



### Plataforma afunda no Golfo.

temem a morte de 11 desaparecidos e o vazamento de um milhão de litros de óleo

Uma plataforma petrolífera, que sofreu uma grande explosão há dois dias, afundou ontem no golfo de México, informou a Guarda Costeira.

A suboficial da Guarda Costeira, Katherine McNamara, divulgou na quinta-feira que a plataforma Deepwater Horizon afundou. A Guarda Costeira está buscando 11 trabalhadores que desapareceram, ainda que, segundo um dos familiares, os parentes foram informados de que é improvável que possam haver sobreviventes da explosão de terça-feira à noite.

A plataforma estava em chamas desde a explosão. Os barcos de abastecimento lançavam água para tentar controlar as chamas e evitar o naufrágio. A plataforma tem uma extensão aproximada de dois campos de futebol e pertence à Transocean, que a arrendou ao grupo petrolífero britânico BP. A plataforma realizava trabalhos de prospecção a 80 quilómetros da costa de Luisiana.

As equipas de resgate cobriram mais de 5 mil quilómetros quadrados 12 vezes com aeronaves

B7

A plataforma afunda no Golfo.

Temem a morte de 11 desaparecidos e o vazamento de um milhão de litros de petróleo.

O universal.

Sexta-feira 23 de abril de 2010.

Novo Orleans (Agências) - Uma plataforma de prospecção petrolífera que sofreu uma grande explosão há dois dias afundou-se ontem no golfo do México, informou a guarda costeira.

A subscial da guarda costeira Katherine McNamara disse na quinta-feira que a plataforma Deepwater Horizon afundou-se. A guarda costeira segue procurando por 11 trabalhadores que desapareceram, mesmo um familiar dizendo que os achados foram informados de que é improvável que tenham sobrevivido à explosão de terça-feira à noite.

A plataforma queimava desde a explosão. Os barcos de abastecimento jogavam água para tentar controlar as chamas e evitar que se afundasse. A plataforma tem o tamanho de dois campos de futebol e é propriedade da Transocean, que arrendou sobre o contrato ao conglomerado petrolífero britânico BP. A plataforma realizava trabalhos de prospecção a 80 quilômetros da

A plataforma se afunda no golfo

Têm a morte de 11 desaparecidos e o derramamento de 1 milhão de litros de petróleo

O Universal

Sexta-feira, 23 de abril de 2010

Nova Orleans (Agência) - Uma plataforma de prospecção petrolífera que sofreu uma grande explosão há dois dias se afundou ontem no Golfo do México, informou a Guarda Costeira.

Um suboficial da Guarda Costeira Katherine McNamara disse na quinta-feira que a plataforma Deepwater Horizon afundou.

A Guarda Costeira continua buscando 11 trabalhadores que desapareceram, ainda que um familiar tenha dito que os parentes foram informados de que é improvável que pudessem fazer sobrevivendo a explosão de terça-feira à noite.

A plataforma queimava desde a explosão.

Os barcos de abastecimento jogavam água para tentar controlar as chamas e evitar que se afundasse.

A plataforma tem uma extensão parecida com a dos campos de futebol, e é propriedade de Transocean, que a aluga sob contrato com o conglomerado de petróleo britânico BP.

A plataforma realizava trabalhos de



## Texto: Água – Consejos para su ahorro

### B1

#### BANHO

- Use o chuveiro em vez de banheira; feche o registro do chuveiro enquanto se ensaboa. Fuja a água em um balde enquanto sai fria e use-a para no vaso sanitário, para regar a plantas ou para limpar o chão. Você vai economizar por volta de 100 litros a cada banho.
- Troque as descargas tradicionais por ecológicas de dupla carga para usar somente a água necessária. Você reduzirá o consumo de água pela metade.
- Nas caixas de descarga tradicionais pode-se colocar uma ou duas garrafas com água ou pedrinhas dentro para diminuir a quantidade de água em cada descarga.

#### JARDIM

- Conheça o microclima do seu jardim.
- Agrupe as plantas pela necessidade de água para facilitar a economia na irrigação.
- Escolha plantas nativas, vai precisar menos água nos meses quentes.
- Utilize plantas rasteiras para substituir o gramado.

#### COZINHA

- Não use o jato da torneira para lavar os restos de comida ~~dos~~ da louça.

USAR O CHUVEIRO AO INVÉS DA BANHEIRA. FECHÉ O CHUVEIRO ENQUANTO TE ENSABOAS. ARMAZENE A ÁGUA DO CHUVEIRO EM UM BALDE, ENQUANTO ESTÁ SAINDO FRIA, PARA USÁ-LA NA LIMPEZA. ECONOMIZAS CERCA DE 100 LITROS EM CADA BANHO.

TROCAR O VASO SANITÁRIO TRADICIONAL POR ECOLÓGICO, COM DOIS DISPOSITIVOS DE DESCARGA, PARA UTILIZAR APENAS A QUANTIDADE DE ÁGUA NECESSÁRIA. REDUZIRÁS O CONSUMO DE ÁGUA PELA METADE.

NOS VASOS SANITÁRIOS TRADICIONAIS, PODES COLOCAR UMA BARRA DE ÁGUA OU PEDRINHAS, DENTRO DA CAIXA DE DESCARGA, PARA DIMINUIR A QUANTIDADE DE ÁGUA EM CADA DESCARGA.

CONHEÇA O AMBIENTE ONDE ESTÁ LOCALIZADO O JARDIM.

ADAPTA A PLANTA DE ACORDO COM A QUANTIDADE DE ÁGUA QUE ELAS CONSUMEM, PARA AJUDAR NA ECONOMIA ENQUANTO REGAS.

ESCOLHA PLANTAS QUE CONSUMEM POUCA ÁGUA. SOMENTE DURANTE OS MESES MAIS QUENTES SERÁ NECESSÁRIO REGÁ-LAS.



## B3

⊗ Use a ducha ao invés de banheiras ao tomar banho; feche a ducha enquanto te ensaboas. Junta a água da ducha em um baldé enquanto vai fora e utiliza no vaso sanitário, para seus vasos de planta ou para limpar o piso. Economizás aproximadamente 100 litros cada vez que te banhas.

⊗ Troque os vasos sanitários tradicionais por ecológicos com o dobro da capacidade para utilizar somente a água necessária. Reduzirá o consumo de água pela metade.

⊗ Nos vasos sanitários tradicionais podes colocar uma ou duas garrafas com água ou pedrinhas dentro da caixa para diminuir a quantidade de cada descarga.

⊗ Conheça o ambiente do seu jardim.

⊗ Junte as plantas segundo seu consumo de água para facilitar a economia do sistema de irrigação.

⊗ Escolha plantas que precisam de pouca água, somente necessitarás uma pequena regagem de água nos meses quentes.

## B4

## BANHO

- use o chuveiro em vez da banheira; feche o chuveiro enquanto se ensabeia. Sente a água fria num balde para usar no vaso sanitário, vaso de plantas e para limpar o chão. Economizarás aproximadamente 100 litros cada vez que tomares banho.

- troque os vasos tradicionais por eslojers que possuem o dobro de capacidade sem utilizando somente a água necessária. Reduzirás o consumo de água pela metade.

- em sanitários tradicionais poderás utilizar uma ou duas gamelas com água ou pedrinhas dentro da caixa para diminuir a quantidade de cada descarga.

## SARDIM

- conhea o ambiente de seu jardim

- agrupe os plantas segundo seu consumo de água para facilitar a economia de irrigação.

- selecione plantas autóctonas, somente necessitaras uma pequena porção de água nos meses quentes.

- utilize plantas rasteiras no lugar da grama tradicional

B5

- Use ducha em vez de banheira para o banho; feche a ducha enquanto se ensaboa. Junte a água da ducha em uma bacia enquanto sai água fria e use-a para o vaso sanitário, para as roseiras ou para as limpezas em geral. Isso vai economizar aproximadamente 100 litros a cada banho.
- Troque os vasos sanitários tradicionais pelos ecológicos para usar somente a água necessária. Isso vai reduzir o consumo de água pela metade.
- Nos vasos sanitários comuns você pode colocar uma ou duas garrafas com água ou pedrinhas dentro da caixa d'água do privada para diminuir a quantidade de água de cada descarga.
- Lanche a atmosfera do seu jardim.
- Agrupe as plantas segundo o seu consumo de água para facilitar a economia.



## Banheiro

Use Chuveiro ao invés da banheira para tomar banho; feche e desligue o chuveiro enquanto se ensaboa. Colete a água do chuveiro em um recipiente, enquanto esta está fria, e use-a no Sanitário, na limpeza ou em outra atividade. Economizará aproximadamente 100 litros em cada banho.

Troque os sanitários tradicionais por ecológicos de descarga dupla, para usar somente a água necessária. Reduzirá o consumo de água à metade.

Em sanitários tradicionais existe a possibilidade de colocar uma ou duas garrafas com água ou pedrinhas dentro da caixa de descarga para diminuir a quantidade de água despejada.

## Jardim.

Conheça o microclima do seu jardim.

Selecione as plantas que sejam adequadas para o seu jardim.

Ordene as plantas de acordo com o consumo de água para facilitar a economia de

B7

Use chuveiro ao invés de banheira ao tomar banho; feche o chuveiro enquanto você se ensaboa. Junte a água do chuveiro num recipiente e use para o sanitário, para suas descargas ou para limpeza. Economizarás aproximadamente 100 litros a cada banho tomado.

Mude os vasos sanitários tradicionais por ecológicos de dupla descarga para usar somente a água necessária. Reduzirá o consumo de água pela metade.

Nos vasos sanitários tradicionais pode colocar uma ou duas garrafas com água ou pedrinhas dentro da caixa para diminuir a quantidade de cada descarga.

Conheça o microclima do seu jardim.

Agrupe as plantas segundo seu consumo de água para facilitar a economia e sistema de regimento.

Escolha plantas autóctonas, só precisará uma pequena quantidade de água nos meses quentes.

Utilize plantas tapizantes substituindo o gramado.

Não jogue água para retirar os restos de comida das louças, esfregue-os com uma fibra ou esponja.

## Banho

Use o chuveiro em vez da banheira; Feche o registro de água do chuveiro enquanto se ensaboa. ~~Recolha a água do chuveiro enquanto sai fria em um balde.~~ Recolha em um balde a água do chuveiro enquanto sai fria e use-a para o vaso sanitário, o de planta ou para limpeza.  ~~assim~~ Você economizará aproximadamente 100 litros de água por banho.

Substitua os vasos sanitários tradicionais por ecológicos de duplo estágio para usar somente a quantidade de água necessária. Você reduzirá o consumo de água pela metade.

Em vasos sanitários tradicionais você pode colocar uma ou duas garrafas com água ou pedrinhas dentro do reservatório para diminuir a quantidade de água em cada descarga.

## Jardim

Conheça o microclima de seu jardim.

© Disney  
Agrupe as plantas conforme seu consumo de água para facilitar a economia do sistema de regação.

Escolha plantas autóctones, assim apenas necessitarão um pouco mais de água nos meses quentes.



B9

Como economizar água em:

**BANHO**

(Como economizar água no banho)

1) Utilize a ducha ao invés da banheira; desligue o chuveiro enquanto se ensaboa. Ao ligar o chuveiro, deixe um balde para que utilize a água fria, que cai inicialmente, no bacia, no vaso de planta ou para passar pano em sua casa. Economizará aproximadamente 100 litros de água cada vez que tomar banho.

2) Troque os bacias tradicionais por bacias ecológicas para utilizar apenas a água necessária. ~~(Reduzindo)~~ O consumo de água será reduzido pela metade.

3) Nas caixas de água dos bacias tradicionais pode colocar uma ou duas garrafas com água ou pedras pequenas dentro da caixa para diminuir a quantidade de cada descarga.

\* Use o chuveiro ao invés da banheira ao tomar banho; Feche o chuveiro enquanto não se ensaboa. Quando a água do chuveiro em um recipiente enquanto não está aquecida para usar ~~como~~ <sup>como</sup> descarga ~~em~~ <sup>em</sup> sanitários, para as plantas ou para limpar a casa. ~~Como~~ Você irá economizar aproximadamente 100 litros por banho.

\* Mude os sanitários tradicionais por ecologicos de carga dupla para usar somente a quantidade que necessita. Você irá reduzir o consumo de água pela metade.

\* Em sanitários tradicionais você pode ~~adicionar~~ utilizar uma ou duas garrafas com água ou pedras pequenas dentro do reservatório de água para diminuir ~~a quantidade de água~~ o fluxo de cada descarga.

\* Condição o microclima de seu jardim.

\* Repare as plantas de acordo com seu consumo de água para facilitar a economia do sistema de irrigação.

\* Escolha plantas autóctonas, você necessitará apenas de uma pequena porção de água nos meses mais quentes.



## ANEXO V – Questionário aplicado após as traduções

### Respostas do Grupo A

Você acredita que a tabela da Nord com os elementos intratextuais e extratextuais te ajudou na tradução? Relate a experiência.

Sim, pois no momento de traduzir temos em mente o propósito do texto a ser traduzido e o leitor de chegada.

É fundamental termos a Tabela em mente, pois assim organizamos nosso pensamento, simplificando o ato de escrever o texto.

Nord consegue com sua Tabela fixar os elementos-chaves para o processo de tradução, os fatores internos subdivididos trazem o perfil do texto juntamente com os fatores internos que divididos em tema, conteúdo, pressuposições, estruturas etc. direcionam o tradutor.

Tomemos como exemplo o folheto sobre a água que escrevamos em uma linguagem mais popular, pois nosso leitor de chegada são crianças de classe média e o nosso canal é um panfleto miniculado em escola pública.

Você acredita que a tabela da Nord com os elementos intratextuais e extratextuais te ajudou na tradução? Relate a experiência.

- Ajuda a pensar no texto antes de ser traduzido, a partir dos elementos que estão relacionados entre si. Assim o tradutor vê o texto como um todo, inserido em um contexto. Para que isso ocorra, ele precisa ter um skopos (propósito), uma percepção de seu leitor de chegada. Por exemplo: no texto que traduzimos sobre a plataforma petrolífera do Golfo do México, inserimos um mapa para ajudar o leitor brasileiro. Já no texto sobre a água utilizamos algumas informações que não seriam relevantes para o público alvo. Ou seja, estamos trabalhando sempre pensando no nosso leitor de chegada.

*“As tabelas da Nord me ajudaram a ter uma visão geral do texto, a localizar informações importantes e a contrastar os elementos do texto fonte com os do texto meta, para definir os objetivos da minha tradução”.*

*“A tabela de Nord me ajudou a organizar melhor as ideias que posteriormente trabalharíamos na tradução, porém achei um pouco difícil (acredito que por ser a primeira vez que a utilizei, encontrei dificuldades, mas como tivemos seu auxílio, se tornou mais fácil!). Creio ser esta tabela uma ideia muito inovadora e de muita utilidade pois, em muitos casos, nos quais o texto a ser traduzido seja mais dificultoso e complicado, ela ajuda a tornar claro o assunto, pôr as ideias na mesa e vê-las com clareza. A tabela também ajuda muito a*

*não esquecer os pontos principais, não deixá-los passar despercebidos. Isso contribui muito quando a tradução é longa, minuciosa, com muitos detalhes."*

*"Este método que vc nos ensinou ajuda muito a visualizar o caminho a ser seguido, separando em tópicos o que faz com que não nos perdemos durante a tradução. No século passado a tradução seguia um rumo diferente do Texto Original (fonte), por seguir fielmente, o que muitas vezes fugia da cultura do leitor do Texto Final. Hoje já não é mais assim, a maioria dos tradutores buscam por palavras com sentidos semelhantes de preferencia que estejam inseridas na cultura a que o texto final".*

## Respostas do Grupo B

1. Você teve dificuldades em traduzir os textos? Exemplifique.

Algumas palavras tivemos dificuldade em compreender, pois não fazem parte do nosso cotidiano. Exemplos: "tina"; "cubeta"; "maceta"; "trapear"; "tapizante"; "choro".

2. Em algum momento você pensou para quem estava traduzindo, ou seja, quem era o teu leitor? Você acredita que este fator pode interferir na tradução?

Inconsciente pensamos no leitor, pois tentamos explicar da melhor maneira possível para que o leitor compreenda.

Sim, é necessário que pensemos no leitor, pois caso contrário a tradução perderá seu real sentido.

1. Você teve dificuldades em traduzir os textos? Exemplifique.

NÃO TIVEMOS MUITA DIFICULDADE PELO TIPO DE TEXTO UTILIZADO, POIS ESTE UTILIZA-SE DE SITUAÇÕES DO DIA-ADIA E UMA LINGUAGEM BASTANTE DIRETA E CLARA. AS DÚVIDAS APARECERAM COM ALGUMAS PALAVRAS UTILIZADAS EM DETERMINADAS REGIÕES HISPANOFALANTES QUE NÃO SÃO AS COMUMMENTE ESTUDADAS.

2. Em algum momento você pensou para quem estava traduzindo, ou seja, quem era o teu leitor? Você acredita que este fator pode interferir na tradução?

PENSAMOS EM LEITORES COMUNS, NÃO NECESSARIAMENTE COM INSTRUÇÃO MUITO ELEVADA, PORÉM COM CONHECIMENTOS DEITAS ATIVIDADES EM SEU DIA-A-DIA.

SIM, POR CADA PERFIL DE LEITOR PRECISA DE UMA LINGUAGEM ESPECÍFICA E ADEQUADA A SUA REALIDADE.

1. Você teve dificuldades em traduzir os textos? Exemplifique.

Não houve dificuldade em entender o conteúdo dos dois textos.

Houve sim dificuldade de léxico, com as palavras autóctonas e tapizantes no ~~2~~ 2º texto.

2. Em algum momento você pensou para quem estava traduzindo, ou seja, quem era o teu leitor?  
Você acredita que este fator pode interferir na tradução?

A tradução foi feita buscando o entendimento de qualquer pessoa, não buscando apenas um determinado grupo.

Nos chamou atenção a ênfase dada aos dias da semana no primeiro texto, que não é usual nos jornais brasileiros.

1. Você teve dificuldades em traduzir os textos? Exemplifique.

SIM, COM VARIANTE POIS MUITAS PALAVRAS NO TEXTO SÃO DE DIFÍCIL COMPREENSÃO ESPECÍFICAS DE DETERMINADA ÁREA DE CONSUMIMENTO (PETRÓLEO)

2. Em algum momento você pensou para quem estava traduzindo, ou seja, quem era o teu leitor?  
Você acredita que este fator pode interferir na tradução?

SIM, INTERFERE POIS LEITORES EM DETERMINADOS ASSUNTOS PODEM NÃO ENTENDER PALAVRAS E CONCEITOS TÉCNICOS, MAS COMO ESTAMOS EM UM AMBIENTE DESCONTROLADO E NOSSAS PRODUÇÕES NÃO SERÃO PUBLICADAS NÃO PENSAMOS MUITO NISSO.



1. Você teve dificuldades em traduzir os textos? Exemplifique.

Em geral não tivemos muita dificuldade. As principais dificuldades foram léxicas: "allegados", "arrendo", "encaramdo", em el primer texto. En el segundo: "tina", "regadera", "cubeta", "macetas", "frascar", "autóctonas", "tapizantes", "césped", "trastes", "trállalos con una fibra o estropajo".

2. Em algum momento você pensou para quem estava traduzindo, ou seja, quem era o teu leitor? Você acredita que este fator pode interferir na tradução?

focamos os textos informativos para um leitor médio brasileiro. Sim, interfereu. Porque a linguagem utilizada pelo tradutor deve atender as necessidades do leitor/receptor.

1. Você teve dificuldades em traduzir os textos? Exemplifique.

Tivemos alguma dificuldade quanto ao léxico (ex.: tina, frapero, "doble carga", tapizantes, estropajo, etc.).

2. Em algum momento você pensou para quem estava traduzindo, ou seja, quem era o teu leitor? Você acredita que este fator pode interferir na tradução?

Sim, como por exemplo ao traduzir a palavra "bandeira" pensamos que não é uma realidade da maioria brasileira mas que, por outro lado, todos têm conhecimento de que é. O mesmo quanto ao caso de dois estágios.

1. Você teve dificuldades em traduzir os textos? Exemplifique.

Sim, as palavras como: *allegados*, *raciaron*, *encaramado*, *tina*, *culeta*, *macita*, *tropicar*, *topizantes*, *traster*, *tállalos*. Algumas destas logo encontramos, outros encontramos porém não teria sentido colocar a definição, mas pela definição encontramos o sentido em português ex: *macitas*, *topizantes*, *tállalos*. No caso de *topizantes* colocamos *topozantes* que é um tipo de planta que existe em português. *sale frúa* = *tiramos fora* na tradução pois ao mesmo ver não teria sentido colocar (1º parágrafo do 2º texto).

2. Em algum momento você pensou para quem estava traduzindo, ou seja, quem era o teu leitor? Você acredita que este fator pode interferir na tradução?

Sim, por estarmos traduzindo para o português algumas vezes facilitamos na tradução para que o texto mexicano fique compreensível em português, que tivesse sentido.

1. Você teve dificuldades em traduzir os textos? Exemplifique.

Tivemos algumas dificuldades. Como por exemplo, de vocabulário pois muitas palavras são distintas e outras apresentam regionalismos. Outro ponto foi na tradução palavra por palavra para que a frase fizesse sentido.

2. Em algum momento você pensou para quem estava traduzindo, ou seja, quem era o teu leitor? Você acredita que este fator pode interferir na tradução?

Sim. Porque dependendo do público alvo o vocabulário muda, ou seja, podendo ser informal / formal.

1. Você teve dificuldades em traduzir os textos? Exemplifique.

Tivemos algumas dificuldades em traduzir algumas palavras que não conhecíamos, e também de parte específica de negócios como conglomerados, etc.

Outro ponto de alguma dificuldade foi de escolher qual palavra em português correta para manter o sentido do texto, e também conseguir fazer um texto jornalístico relatando uma notícia.

2. Em algum momento você pensou para quem estava traduzindo, ou seja, quem era o teu leitor? Você acredita que este fator pode interferir na tradução?

Em todo o momento sabíamos o que estávamos traduzindo, seja a notícia, ou um cartão de informação, e quem iria usá-lo.

Esse fator interfere sim, não é apenas traduzir por traduzir há que se pensar o que estamos traduzindo e para quem estamos traduzindo, para realmente ~~ter~~ ter sentido coerente da tradução.